

# A Anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)

VICTOR S. GONÇALVES<sup>1</sup>

“...haja ao menos um respeitoso, se não cioso cuidado na conservação de monumentos tão importantes para o estudo da Pré-história da região alentejana e do País. Os actos de destruidor vandalismo contra elas [antas] exercidos, que vão desde o quebrar dos esteios para utilização grosseira e desnecessária em região de tanto granito, até à sua dinamitação pura e simples, sob vários pretextos, actos que eu verifiquei e muitos que me foram relatados, são inadmissíveis em País tão cioso da sua História, de cultura milenar como o provam os próprios vestígios megalíticos.”

Pina, 1961, p. 24-25

## R E S U M O

Apresentam-se os resultados de uma escavação de emergência levada a efeito em Outubro e Dezembro de 2000 na Anta 2 da Herdade de Santa Margarida, em Reguengos de Monsaraz.

Na sequência da intervenção de maquinaria pesada, o monumento conservava apenas o Corredor e dois esteios da Câmara, bem como a estrutura de condenação que, em dado momento, encerrou o acesso ao principal espaço funerário.

A Anta 2 de Santa Margarida foi uma pequena anta de seis esteios na Câmara, de Corredor curto fórmula 1+1, rodeada por um espesso e sólido anel de contenção e apoio da Câmara e do Corredor. Foi usada para um número restrito de enterramentos na Câmara (um ou dois), com um depósito votivo de materiais de pedra polida junto ao interior do primeiro esteio da Câmara, e com uma deposição funerária ou simplesmente votiva de um vaso, uma enxó e um machado no Corredor.

Detectaram-se traços do ritual do ocre na Câmara (e provavelmente no Corredor) e de pequenos fogos, possivelmente rituais, na Câmara e no Corredor, carvões identificados como de *Calluna vulgaris* (urze roxa), *Erica umbellata* (queiró) e *Quercus faginea* (carvalho cerquinho), vegetação indicadora de um contexto mais húmido que o actual.

Referem-se e discutem-se as características arquitectónicas da anta bem como as comparações para o espólio, com especial ênfase nos comentários justificados pela presença de

uma goiva integrando o depósito votivo. O espólio remete-nos aparentemente para um horizonte temporal e cultural em sequência de Poço da Gateira 1. Existem geométricos (trapézios), mas não pontas de seta e não se identificaram placas de xisto gravadas.

Uma análise do enquadramento, em termos de cronologia absoluta, do fecho da Câmara do monumento, determinada por uma análise de radiocarbono, conduziu a um reapreciar crítico das interpretações avançadas para as datas  $^{14}\text{C}$  obtidas para a necrópole neolítica do Escoural.

Incluem-se também, em anexo, dois estudos, o primeiro da autoria de Paula Queiroz, sobre as espécies vegetais identificadas a partir dos carvões recolhidos durante a escavação, e outro reavaliando a arquitectura e espólio da vizinha Anta 1 da Herdade de Santa Margarida.

**A B S T R A C T** This article presents the results of an emergency excavation carried out in

October and December of 2000 in Anta 2 of the Herdade de Santa Margarida, in Reguengos de Monsaraz. As a result of the activities of heavy machinery, only the corridor and two chamber stelae were preserved, as well as the structure of condemnation that, in ancient times, closed the access to the principal funerary space. Anta 2 of the Herdade de Santa Margarida was a small dolmen made up of 6 stelae in the chamber and a short corridor with the formula 1+1, and it was encircled by a thick and solid containment ring and a support of the chamber and the corridor. It was used for a limited number of burials in the chamber (one or two), as a votive deposit of groundstone materials next to the interior of the first stela of the chamber, and as a funerary or votive deposit of a ceramic vessel, an adze, and an axe in the corridor. There were detected traces of ritual ochre used in the chamber (and probably in the corridor) and of small fires, also possibly ritual, in the chamber and in the corridor. The charcoal was identified as *Calluna vulgaris* (Scotch heather), *Erica umbellata* (Dwarf Spanish heath), and *Quercus faginea* (Portuguese oak); this vegetation indicates an environment that is more humid than today's.

This paper mentions and discusses the architectonic characteristics of the megalith as well as the comparisons with its grave offerings, emphasizing the explanations for the presence of a gouge in the votive deposit. The grave goods are evocative of the temporal and cultural sequence of Poço da Gateira 1. There exist geometrics (trapezes), although there are no arrowheads and there have not been identified engraved slate plaques. An analysis of the date of the chamber of the monument, in terms of the absolute chronology determined by radiocarbon dates, forces a critical reappraisal of the interpretations of the radiocarbon dates obtained for the Neolithic cemetery of Escoural. Also included are, in an appendix, two studies, the first authored by Paula Queiroz, on the vegetal species identified from the charcoal collected during the excavation, and the other reevaluating the architecture and objects from the neighboring Anta 1 of the Herdade de Santa Margarida.

## Nota prévia

Os monumentos do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz encontram-se desde há muito gravemente ameaçados, sendo a natureza de essas ameaças muito diversificada. Nos últimos 20 anos, porém, a situação agravou-se consideravelmente, tendo-se verificado, entre outras, destruições totais ou parciais nas Herdades dos Perdigões, do Passo e do Barrocal e desaparecido totalmente antas como a das Perolivas.

Georg Leisner referia, já em 1949, o perigo que o uso da dinamite representava para as antas da região de Évora. Usada para destruir penedos que dificultavam a agricultura, junto com eles explodiram antas (e, como hoje suspeitamos, eventualmente menires). Mas em meados do século XX, se ameaças como esta existiam, a ponto de preocupar o investigador alemão, não eram ainda realmente graves.

A mecanização da agricultura e as ajudas comunitárias, economicamente desejáveis e irreversíveis, bem como a indiferença do poder central perante o que esta situação representava para a arqueologia do megalitismo alentejano, constituíram-se na maior de todas as ameaças sobre o património neolítico. Novas máquinas, cada vez mais poderosas, o alastrar quase insensato das áreas de plantio de vinha, a inexistência de medidas preventivas que obriguem ao acompanhamento por arqueólogos de todos os trabalhos agrícolas significativos em áreas sensíveis (que hoje sabemos serem, aliás, praticamente todas...) conduziu à definitiva destruição de dezenas, se não mesmo centenas, de sítios. Muito recentemente, dificuldades de gestão e tesouraria levaram vários proprietários tradicionais (que conheciam a localização dos monumentos e por vezes evitavam mesmo destruí-los) à venda das suas Herdades. Esta situação implicou que os novos terra tenentes, desconhecedores do conteúdo patrimonial dos terrenos adquiridos, confiassem a sua limpeza a operadores de máquinas totalmente insensíveis ao património, naturalmente por defeito de informação ou educação. Estes, conduziram gigantescas operações de despedrega de campos, com abertura localizada de grandes e profundas fossas, para onde foram deitadas todas as pedras de maior dimensão.

Numa destas fossas, jaz o que resta da Anta 1 de Santa Margarida. A total destruição da Anta 2, objecto de este estudo, foi evitada *in extremis*. Apesar de seriamente danificada, a Anta 3 encontra-se em melhor estado. O que não aconteceu, infelizmente, no caso da Anta das Perolivas e de, pelo menos, uma das antas do Monte do Passo, destruídas já nos anos 90.

Comunicada ao Instituto Português de Arqueologia esta situação (ver *infra* “2. a história do monumento”), foi desencadeada uma intervenção de emergência, também com o objectivo de concluir os trabalhos antes das grandes chuvas que se avizinhavam.

Com a colaboração de campo da licenciada Susana Pombal e da Mestre Ana Catarina Sousa, com trabalhadores especialmente contratados e com a participação de alunos da Licenciatura em Arqueologia e História da Faculdade de Letras de Lisboa, foi possível concluir os trabalhos, apesar das condições climáticas extremamente adversas que se verificaram até meados de Dezembro de 2000.

O monumento encontra-se agora definitivamente caracterizado e será ainda objecto de uma operação para consolidar e proteger o que resta das suas estruturas, o todo extremamente fragilizado e irrecuperável em termos de património megalítico visitável.

Assinala-se a rapidez com que o Instituto Português de Arqueologia desbloqueou esta situação, evitando a total destruição de dois monumentos muito interessantes e permitindo avançar mais um pequenino passo na caracterização do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz. A rápida e qualificada colaboração de Paula Queiroz, do CIPA, foi ainda decisiva para a publicação

e interpretação dos restos vegetais carbonizados encontrados no solo original da Anta 2. E de novo uma referência para Ana Catarina Sousa que, após a escavação, participou ainda, com entusiasmo, no arranque de um antigo projecto meu, a “operação golpe de goiva”.

Na sequência dos trabalhos em STAM-2, foi ainda identificado um possível acampamento do Neolítico antigo, a poucas dezenas de metros do monumento, tendo sido recolhidos artefactos de pedra polida, restos de talhe de sílex, uma lamela e um trapézio. O sítio, na lógica da atribuição de sequências numéricas integradas para monumentos megalíticos e sítios de povoamento que venho defendendo para Reguengos de Monsaraz (ver caso de Areias 15), passa a ser designado por Santa Margarida 4 (STAM-4).

Salienta-se, com compreensível pesar, que o facto de toda a Herdade ter sido profundamente lavrada, com remoção de rochas de pequenas, médias e grandes dimensões, reagrupamento de destroços e resíduos provenientes do antigo Monte, e o arranque de algumas árvores, se traduziu em impactes no subsolo que não estão minimamente avaliados e que poderão ter transtornado definitivamente uma precisa avaliação da ocupação humana nesta área.

## 1. Localização e descrição

### 1.1. localização

A Anta 2 de Santa Margarida encontra-se localizada na Herdade do mesmo nome, Distrito de Évora, Concelho de Reguengos de Monsaraz, freguesia de S. Pedro do Corval (antiga Aldeia do Mato). A Herdade é actualmente propriedade do Sr. José dos Santos Lopes, residente em Reguengos de Monsaraz, cuja autorização para execução dos trabalhos se agradece.

As coordenadas rectangulares militares da anta, são

X(p) - 163242.43;

Y(m) - 260933.15;

N (cota absoluta) - 201,65 m (lida no ponto mais alto do esteio direito do Corredor).

Ou, em coordenadas geográficas, *datum* de Lisboa.

Longitude (W) 08° 33' 29" .158

Latitude (N) 39° 18' 53" .279

A anta tem o # 33 no inventário de Georg e Vera Leisner (1951, p. 223-224) e recebeu na UNIARQ, para registo, o código STAM-2.

Dois outros monumentos, um dos quais integralmente destruído, como se verá no texto, foram ainda objecto de ligação à rede cartográfica nacional, respectivamente as antas 1 e 3 de Santa Margarida:

Anta 1

X(p): 163598.11

Y(m): 260926.49

N: 206,78



Fig. 1 O sítio onde existiu a Anta 1 da Herdade de Santa Margarida. Os postes de madeira delimitam o perímetro da área definido pelo IPA para uma eventual intervenção, que considerei desnecessária, uma vez verificada a total destruição do monumento.



Fig. 2 O buraco aberto imediatamente a Norte da estrada, a menos de 50 m de STAM-1, e para onde foram deitados os esteios arrancados da anta bem como o resultado das despedregas efectuadas nos campos vizinhos.

e

X(p): 163590.21

Y(m): 260926.01

N: 206,71

*Tomaram-se dois pontos para medição, o primeiro onde supostamente teria existido a anta e o outro (segunda medida indicada) numa estaca de marcação do lugar do monumento de acordo com a interpretação do técnico do IPA.*

Ou, em coordenadas geográficas, *datum* de Lisboa, para a primeira daquelas medidas.

Longitude (W) 08° 33' 14" .311

Latitude (N) 39° 18' 50" .316

Anta 3

X(p): 163327.86

Y(m): 260337.25

N: 205,99

Ou, em coordenadas geográficas, *datum* de Lisboa,

Longitude (W) 08° 33' 25" .476

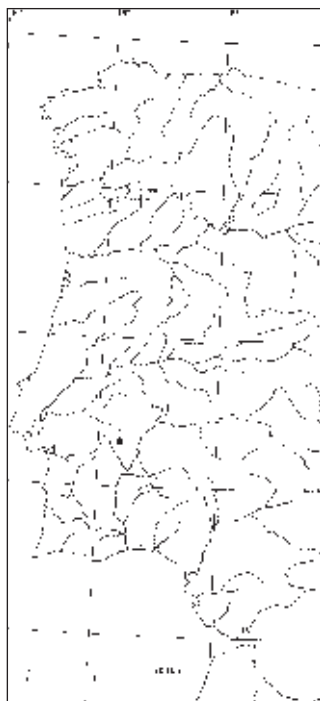
Latitude (N) 39° 18' 31" .170

## 1.2. Descrição e caracterização geral do monumento na sequência dos trabalhos de 2000

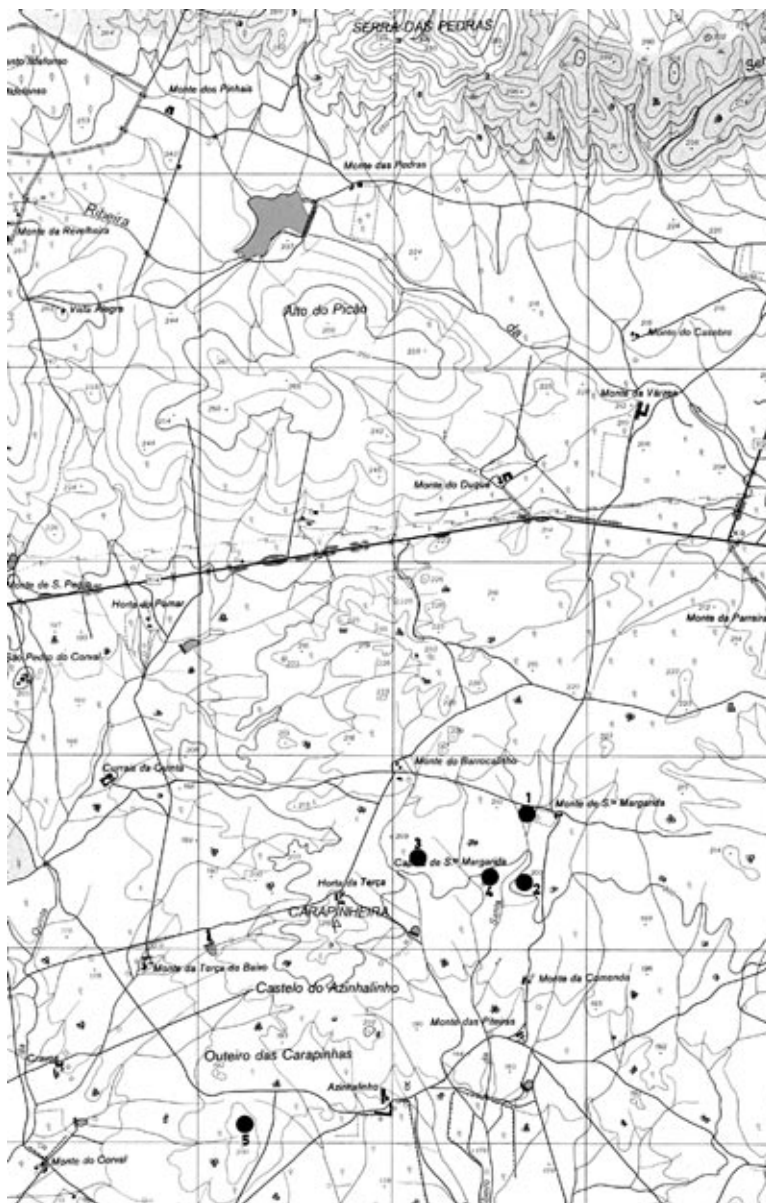
### 1.2.1. Visibilidades

No Neolítico, o monumento seria pouco visível para quem se aproximasse caminhando nas direcções Oeste e Sul, provavelmente camuflado pela vegetação envolvente, encoberto por arbustos de pequeno ou médio porte, a queiró e a urze roxa, mas também pela massa folhuda dos carvalhos cerquinhos (como a análise antracológica permite hoje supor). Para quem viesse de Norte, a visibilidade seria possivelmente maior e até mesmo considerável para quem seguisse caminho apontando a Este.

Assim, mais uma vez, não se verifica no Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz qualquer preocupação específica em garantir uma grande visibilidade em todos os quadrantes, contrariamente ao que tem sido avançado, a meu ver com alguma imprudência, e mesmo, por vezes, com total inadequação, para grupos megalíticos da fachada atlântica da Península. É certo que na construção da Anta 2 de Santa Margarida se procurou intencionalmente uma plataforma ligeiramente sobrelevada na paisagem. Mas só quem não conhece a planície alentejana após as chuvas de Inverno (e não teve que desatascar carros, *jeeps* e mesmo pessoas) daria a esse facto uma importância maior que a do mesmo pragmatismo que colocava os acampamentos do Neolítico antigo em localizações por vezes a escassos metros de zonas alagáveis, mas sempre em condições semelhantes à da implantação de esta anta.



Mapa 1 Localização das antas da Herdade de Santa Margarida no território actualmente português.



Mapa 2 Localização das três antas da Herdade de Santa Margarida na CMP 473 (1989). 1 - Santa Margarida 1; 2 - Santa Margarida 2; 3 - Santa Margarida 3; Assinala-se ainda o sítio do Neolítico antigo Santa Margarida 4 (4) e o povoado calcolítico murado ou fortificado do Castelo do Azinhalinho (5, no canto inferior esquerdo do mapa). No topo, correspondendo ao Norte, encontra-se uma das linhas de fronteira do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz. Cada quadrícula corresponde, como se sabe, a 1 km.

A visibilidade máxima a partir do monumento lê-se, na paisagem actual, e com as limitações que sabemos, na direcção Noroeste, para uma paisagem plana, pontuada agora por concentrações de pedras provenientes de despedregas efectuadas em diversas épocas. Mas a origem recente de estes montículos não deve afastar o prospector sério: muitos deles formaram-se em torno a afloramentos e a penedos que os neolíticos usaram como abrigo temporário e em vários deles encontrámos restos cerâmicos de épocas antigas. Também o aparecimento de azinhos ou,

mais raramente, sobreiros e oliveiras nestes montículos se explica pela maior retenção de água no solo, que faz que em pleno Verão a humidade seja aí maior, constituindo estímulo para o crescimento de vegetação arbustiva ou arbórea.

O terreno é plano, com suaves depressões provocadas pela acumulação das águas de Inverno e Primavera em zonas baixas. É a última paisagem antiga para muitas Herdades de Reguengos, onde o plantio de vinha implica surribas fundas e a brutal nivelção do terreno, com a total destruição da microtopografia histórica.

### *1.2.2. A localização do monumento*

O aspecto geral do sítio, visto de Este, é o de pequena área aplanada, dominando uma planície suavemente declivosa, com a microtopografia certamente alterada, mas ainda não completamente destruída pelos trabalhos de lavoura intensa ocorridos em 2000. A anta aparece numa ligeira sobrelevação do terreno, junto a afloramentos e a acumulações de pedras removidas por despedregas. A menos de 50 m, corre uma linha de água, designada localmente por Ribeira de Santa Margarida.

Na linha entre a Anta 2 e a Ribeira, mas já para Oeste dela, na direcção de STAM-3, foram recolhidos 2 machados de pedra polida, 1 lamela, 1 trapézio, sítio designado por Santa Margarida 4 (STAM-4).

A anta poderia ser considerada parte de uma necrópole megalítica, se aceitássemos como significativa, do ponto de vista de cronologia de construção, a sua associação espacial às antas 1 e 3, o que pessoalmente não me parece lícito, se considerarmos as prováveis diferentes épocas em que os três monumentos foram planeados (ver a este respeito o texto sobre a Anta 1, em anexo).

### *1.2.3. As componentes arquitectónicas*

Da Câmara, pouco resta, a tal ponto foi violenta a intervenção da máquina usada na despedrega. Os únicos esteios sobreviventes, o primeiro e o último da Câmara, devem essa situação a condicionantes diversas. O primeiro, sem dúvida por, estando já quebrado, oferecer menor superfície sensível à pá da máquina. E também pelo anel pétreo ter ajudado a conter a pressão lateral. Note-se que em Santa Margarida 3 o operador da máquina “resolveu” o problema puxando na vertical o esteio, tal como se arrancasse de uma mandíbula humana um incisivo inferior...

O último esteio da Câmara beneficiou de um conjunto de circunstâncias idênticas, reforçado pelas raízes de uma pequena azinheira que, ao ser poupada, conduziu à preservação da metade inferior do ortóstato. De entre o amontoado de pedras proveniente da fragmentação dos esteios de monumento, reconheceu-se um bloco que parece colar com este.

Outro esteio literalmente arrancado em bloco foi ECa.3, também identificado no meio do amontoado de pedras.

Foi também reconhecido um bloco de granito, correspondendo provavelmente a ECa.5, que teria sido um esteio pré-terminal junto ao limite direito do desenvolvimento da Câmara.

Apesar de a remoção brutal dos esteios da Câmara ter perturbado o espaço deposicional, é possível reconhecer a grande fossa de implantação correspondente a ECa.2 bem como o pequeno covacho de implantação correspondente a ECa.3, provavelmente na origem funcionando como





Fig. 3 Estado actual da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, cuja destruição foi oportunamente interrompida.



Fig. 4 Estado da área de acesso imediato à Anta 2 da Herdade de Santa Margarida, antes do início dos trabalhos e pouco após a destruição integral da anta ter sido evitada *in extremis*.

a junção de espaços com ECa.4. Inicialmente, acreditei tratar-se do que corresponderia à cabeceira tradicional de um monumento de sete esteios. Com efeito, nesta última situação, o Esteio 4 funciona quase sempre como esteio de cabeceira. Mas no caso dos monumentos com seis esteios, como seria aqui o caso, a convergência dos esteios 3 e 4 corresponde geralmente ao espaço organizador da Câmara. Creio que a massa de granito desagregado encontrado no covacho corresponde efectivamente à base de ECa.3. Se não estivesse realmente reduzido a um areão grosseiro, teria sido possível uma melhor reconstituição da planta do monumento.

Uma análise da situação do anel exterior, de apoio aos ortóstatos, justifica alguma discussão. Com efeito, os blocos de maior dimensão, hoje muito próximos do limite Norte do monumento, podem nada ter a ver com ele, resultando antes da desagregação, por efeitos não antrópicos, nomeadamente térmicos, do afloramento vizinho.

## 2. A história do monumento

### 2.1. Descrição segundo Leisner e Leisner, 1951, p. 223

“Situação: 250 m. a Sudoeste do Monte de Santa Margarida.

Construção: pequeno dólmen de Corredor, compr. total 4,30 m.

Câmara: poligonal; 1,80 m de diâmetro; 6 esteios, todos *in situ*, 3 da parede sul, 2 na parede norte, onde, entre estes esteios, há, do lado de fora, uma pedra de reforço. A entrada da Câmara e o rumo do Corredor, analogamente à construção da Anta 1 da Herdade, desviam-se do eixo longitudinal da Câmara.

Alt. máx. do chão actual: 1,05 m.

Corredor: Compr. 1,80 m; larg. 1-0,80 m; alt. actual 0,20 m; formado por dois esteios de respectivamente 1,50 m e 1,30 m de compr., os quais suportam uma laje de cobertura. Entre o esteio sul do Corredor e a Câmara há restos de um pilar.

*Tumulus*: vestígios.

Orientação: Este 10° Sul.”

### 2.2. A cronologia da intervenção de 2000

1. em 1998, os proprietários da Herdade dos Cebolinhos, onde os visitei frequentemente durante os primeiros trabalhos na Anta 2 dos Cebolinhos (e após eles), ao tempo igualmente proprietários das Herdades da Gateira e de Santa Margarida, anunciaram-me a sua intenção de eventualmente vender as terras. Preocupados com a situação das antas, ficaram de me comunicar posteriores desenvolvimentos, mas os contactos perderam-se em 1999;

2. em 2000.05.19, Manuel Calado envia-me o seguinte e-mail: “Nas prospecções que fiz há dias em Reguengos (para tapar uns buracos que havia na área do grupo oriental) encontrei uma anta inédita recentemente semi-desmantelada no âmbito de trabalhos muito intensos de despedrega e lavoura. Localiza-se a menos de 400 m a Sul do Monte do Barrocalinho, na extremidade da área que foi lavrada e despedregada; esta área estende-se, aliás, até ao Monte de Sta. Margarida, pelo que não me admiraria que as antas conhecidas como Barrocalinho e Sta. Margarida (n.ºs 32, 33 e 34 da lista dos Leisner) também tenham sido afec-

tadas, embora não tenha verificado essa possibilidade. (...)”. A anta que Manuel Calado considerava inédita era efectivamente Santa Margarida 3, cuja localização exacta não coincide completamente com a registada pelos Leisner, de onde o facto de aquele arqueólogo ter suposto tratar-se de um outro monumento;

3. no dia seguinte, reenviei a mensagem de MC ao Director do IPA e saí para o campo para verificar a situação;

4. a Anta 1 encontrava-se irremediavelmente destruída e irrecuperável. Os esteios tinham sido lançados numa fossa aberta para recolher pedra da limpeza dos campos no lado norte do caminho;

5. a Anta 2 estava transformada num empilhado de pedras, esteios quebrados e ramos de vegetação arrancada;

6. a Anta 3 era a melhor conservada porque a destruição parara com a chegada dos arqueólogos ao terreno. Ainda assim, um esteio fora integralmente arrancado e atirado para o topo da Câmara. Junto a ele, na embocadura do Corredor, recolheram-se fragmentos de cerâmicas pré-históricas, datáveis da primeira metade do III milénio;

7. em 2000.05.21, reenviei para a extensão do IPA no Crato, ao cuidado de Rui Boaventura, a mensagem de MC;

8. em 200.06.05 enviei ao Instituto Português de Arqueologia o seguinte documento:

*Situação actual (2000.06.05) das três antas da Herdade de Sta Margarida  
(Reguengos de Monsaraz)*

Sexta-feira, 2 de Junho, pelas 9:30 h, acompanhado por Rui Boaventura (Instituto Português de Arqueologia) e Sábado, 3, pelas 17:30 h, acompanhado por Manuel Calado (UNIARQ), desloquei-me à Herdade de Santa Margarida, na sequência das informações registadas inicialmente por este último investigador e imediatamente comunicadas ao Instituto Português de Arqueologia e que apontavam a destruição das 3 antas assim referidas.

Salvaguardando-se a situação (neste caso absolutamente secundária) de a Anta 3 poder ser efectivamente a Anta do Barrocalinho, uma vez que a informação dos Leisner não é suficientemente esclarecedora e o PDM regista, como já se vinha verificando noutras situações, graves erros de localização, são possíveis os seguintes comentários.

#### *Anta 1*

Está completamente destruída, com remoção aparentemente integral dos esteios. Resta talvez o “miolo” da Câmara e do Corredor, mas não é certo. Manuel Calado recolheu fragmentos de 3 placas de xisto. Após a primeira visita do técnico do Instituto Português de Arqueologia, o terreno foi de novo integralmente lavrado, tendo sido reposicionados e contornados (a 10 cm de distância!!) os postes de sinalização que ele colocara. Parece inútil qualquer intervenção imediata, até porque se trata da única anta já escavada.

*Anta 2*

Foram arrancados os esteios e parte é ainda visível, mas a intenção declarada de os britar em breve tornará irreversível a situação. O conteúdo da Câmara e do Corredor estão eventualmente conservados. Seria aconselhável intervir e proteger, ou pelo menos assinalar de forma durável, o conjunto. A recuperação de alguns esteios poderia permitir uma recuperação parcial do monumento. São visíveis à superfície alguns pequenos fragmentos de cerâmica pré-histórica.

*Anta 3*

A anta melhor conservada, com uma estrutura tumular bem visível na paisagem, foi parcialmente arrasada, mas é recuperável. No entanto, as lavras fundas deixam entrever a sua total destruição, se não se verificar uma intervenção imediata. Um dos esteios, ainda intacto, foi totalmente removido do seu alvéolo. Outros apresentam marcas de perda de massa pétreo e estão afectados. O Corredor estava, na altura da última visita, aparentemente intacto. O interior do monumento está preservado.

Perante o caso descrito, solicito uma pronta decisão do Instituto Português de Arqueologia, que permita, pelo menos, recolher informação do que resta da Anta 2 e recuperar a 3. Estas situações, que parecem multiplicar-se em Reguengos de Monsaraz, conduzirão inevitavelmente, em breve, a perdas irreparáveis no património megalítico nacional. Um plano para o médio prazo está já a ser elaborado e será proposto à autarquia, com cópia para o Instituto Português de Arqueologia, mas a imediata intervenção deste na situação de Santa Margarida é indispensável.”;

**9.** em 2000.09.15, foi enviado ao IPA o requerimento para início de trabalhos arqueológicos;

**10.** em 2000.09.24, pelas 22:30, num contacto telefónico com o proprietário da Herdade de Santa Margarida, que de novo confirmou autorização para os trabalhos previstos para 2001 na Anta 3, este alertou-me para uma provável situação semelhante, agora na Herdade dos Cebolinhos. O IPA contactou o proprietário, chamando-lhe a atenção sobre os monumentos e sítios da Herdade, sete conhecidos, entre os quais uma necrópole de cistas da Idade do Bronze (Gonçalves, Calado e Rocha, 1992; Gonçalves e Calado, 1990-91);

**11.** em 2000.10.06, iniciaram-se trabalhos na Anta 2 de Santa Margarida, com remoções de esteios quebrados e do entulho acumulado sobre o lugar da Câmara. Durante a interrupção de 39 dias que separou os dois blocos de trabalho não se registaram quaisquer danos consideráveis no monumento. No início da segunda intervenção:

- a. o Corredor apresentava-se relativamente bem conservado;
- b. a Câmara apresentava uma conservação média, devido à intensidade das chuvas;
- c. os alvéolos encontravam-se completamente cheios de água;
- d. a pior situação detectada verificava-se no exterior do monumento e nos acessos.

**12.** em 2000.11.19, um topógrafo profissional especialmente contratado ligou à rede pontos de referência nas duas antas sobreviventes e marcou dois pontos de leitura no lugar onde existiu a Anta 1;

13. os trabalhos de 2000 terminaram oficialmente em 10 de Dezembro, mas a monitorização do monumento foi ainda assegurada semanalmente até ao fim das despedregas e efectuaram-se quatro visitas posteriores, para confirmar a resistência das protecções instaladas sob um Inverno particularmente pluvioso.

### 3. Metodologia e estratégias de intervenção

Como se sabe, não é exactamente o mesmo escavar um monumento integralmente preservado e outro objecto de uma violenta perturbação, acarretando a destruição pura e simples de 2/3 do conjunto. A implantação da quadrícula, com componentes de 2 m, só foi efectuada após a limpeza mecânica do amontoado de destroços. Essa limpeza permitiu uma melhor visualização da estrutura do monumento e a implantação da quadrícula fez-se então de forma a que coincidissem tanto quanto possível com a orientação ritual do monumento.

Sabemos hoje que essa orientação é de cerca de 110º, afastando-se pouco da leitura dos Leisner (efectuada em graus) e coincidindo exactamente com a orientação escolhida para a quadrícula (310º, no sentido oposto).

Como é habitual nas escavações de monumentos megalíticos que venho conduzindo em Reguengos de Monsaraz, a leitura do monumento faz-se na direcção do eixo Corredor/Câmara, neste caso sensivelmente com o observador virado para Oeste. Os esteios da Câmara (ECa) são numerados no sentido dos ponteiros do relógio, os do Corredor identificados como esquerdos (ECoE.1, 2, etc...) ou direitos (ECoD.1, 2, etc...).

Foram as seguintes as estratégias de intervenção e as metodologias específicas adoptadas:

- 1ª fase: remoção para área anexa, onde não perturbassem a execução dos trabalhos, das pedras acumuladas e dos restos de esteios empilhados sobre o que restava do monumento (com meios pesados, *caterpillar*).
- 2ª fase: abertura, com trabalhadores especialmente contratados, e a pico de 3,5 kg, da área ampla a sondar posteriormente com outro tipo de meios.
- 3ª fase: escavação do interior da Câmara, do Corredor e do anel de envolvimento com picos pequenos e, em situações específicas, com material de precisão.
- 4ª fase: (associada à 3ª e prolongando-a): desenho das estruturas.
- 5ª fase: protecção do conjunto.

Foram ainda efectuadas as seguintes operações:

1. ligação à rede do monumento (e também de STAM-1 e 3), por topógrafo profissional;
2. registo fotográfico em pequeno e médio formato, em cor, diapositivo, e preto e branco;
3. montagem de estruturas de protecção a curta distância, aproveitando as microtopografias e usando material proveniente da limpeza do campo vizinho;
4. preparação do estudo monográfico, este mesmo, que, tratando-se de uma intervenção patrocinada pelo IPA, se destinou logicamente a ser publicado na *Revista Portuguesa de Arqueologia*.

Foram tomadas as seguintes medidas de protecção:

1. recuperação dos esteios dispersos em torno ao que restava do monumento;
2. concentração dos esteios dispersos junto à área sul disponível;
3. recuperação, com *caterpillar*, de rochas dispersas pelos campos vizinhos e construção, com autorização verbal do proprietário, de dois arcos de círculos de blocos pétreos, protegendo o monumento a Oeste e Norte;
4. reenterramento parcial de áreas escavadas.

Solicitou-se ainda ao IPA que interviesse directamente junto à Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz no sentido de plantar giestas e outra vegetação tradicional nos arcos de círculo, por entre as pedras que os compõem, de forma a criar uma protecção natural e reversível acrescida à área do monumento.

Considerada a situação e estado actual da anta, e sobretudo, comparativamente, a realidade verificada para as outras antas do concelho, parece dispensável qualquer outra intervenção futura, se não a monitorização anual do monumento, procurando evitar-lhe subsequentes destruições (que, considerado o seu estado, se traduziriam na sua eliminação pura e simples).

Se tal for considerado necessário pelo Instituto Português de Arqueologia, poderia ainda ser recolocada a tampa do Corredor no lugar que se presume o seu. Menos interesse parece revestir a gatagem de um esteio e a eventual colocação de outro no seu presumido alvéolo de origem. Com efeito, não há qualquer certeza sobre de onde ele seria exactamente proveniente.

O monumento apresentava-se assim, como vimos dizendo, em muito mau estado de conservação, resultado dos trabalhos agrícolas efectuados pelo proprietário do terreno. No início dos trabalhos, a área a intervencionar encontrava-se coberta por terras de entulho e vegetação, sendo visível que alguns dos ortóstatos tinham sido partidos e outros arrancados em bloco.

Com a ajuda de meios mecânicos, removeram-se, para uma zona lateral ao monumento, um a um, todos os blocos de maiores dimensões. Ainda que alguns de esses blocos estivessem parcialmente fragmentados, uma observação mais cuidada da sua dimensão e forma permitiu concluir que se tratava dos esteios arrancados da zona da Câmara (todos de granito). Um deles corresponde à tampa do Corredor, descrita pelos Leisner, e outro a um suposto “reforço”.

Após a remoção superficial das terras e dos blocos pétreos que cobriam o monumento, foi possível identificar a zona do Corredor através do topo de dois esteios que não pareciam ter sido deslocados da sua posição original.

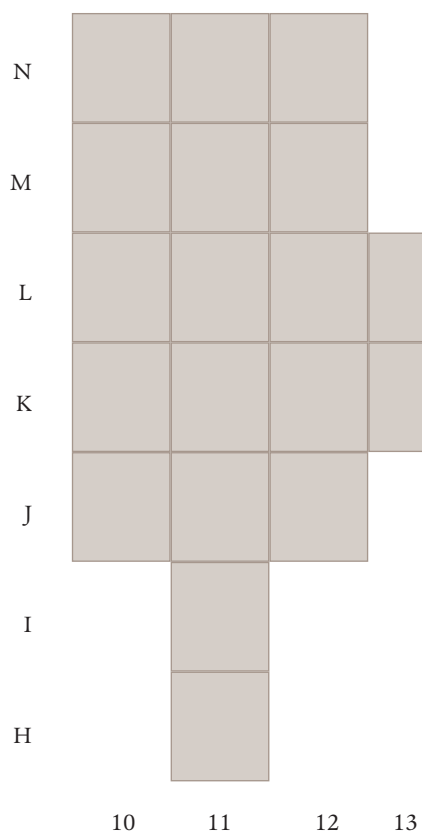


Fig. 5 Área total aberta pela escavação.

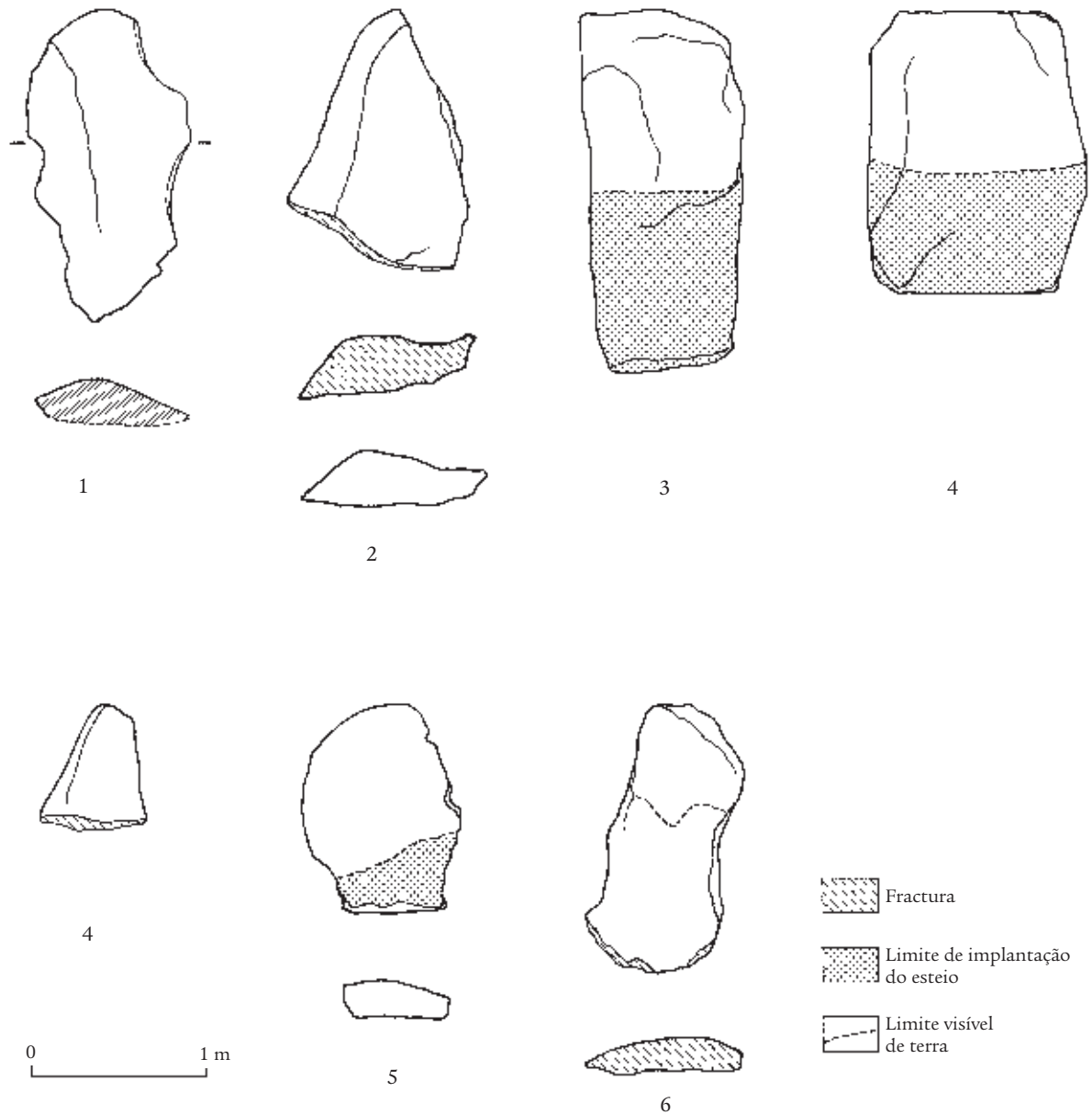


Fig. 6 Ortóstatos e fragmentos de ortóstatos arrancados do monumento pela máquina e desenhados no sítio para onde foram removidos (de onde ter sido impossível registar a espessura de alguns). Chamo a atenção particularmente para o # 1, que corresponde certamente à tampa inicial do Corredor, observada pelos Leisner *in situ* e desenhada por eles. O # 4 corresponde muito provavelmente à seguinte referência dos Leisner: “Entre o esteio sul do Corredor e a Câmara há restos de um pilar” (p. 223). Mais me parece, no entanto, uma vez que não se encontrou qualquer prolongamento subjacente, tratar-se de uma pedra proveniente de uma desestruturação antiga do conjunto e não realmente de um pilar. Também me parece sem fundamento, por ausência de confirmação actual, a notação seguinte: “...entre estes esteios [na parede norte], há, do lado de fora, uma pedra de reforço”. Esta área, aparentemente muito afectada pelas destruições recentes, inclui na verdade blocos que não têm que ver com a estrutura do monumento, mas com o topo desagregado do afloramento granítico que se encontra a escassos metros do limite norte da anta. As áreas a ponteadas assinaladas nos # 3, 4 e 5 correspondem à pátina de terra, indicando terem estado enterrados até ao limite assinalado.



Fig. 7 Ortóstatos e fragmentos de ortóstatos recuperados dos destroços do monumento e transportados para a área imediatamente a Sul da anta.



Fig. 8 Muro construído a Oeste para protecção do Monumento, usando terra e pedra das despedregas e onde se projecta plantar vegetação local (giestas e liliáceas de grande porte).



Durante a intervenção, foram usadas três viaturas, particularmente duas todo-o-terreno, indispensáveis nas últimas fases dos trabalhos devido ao alagamento generalizado derivado das grandes chuvas verificadas entretanto. A contratação de um *caterpillar* para remoção dos esteios quebrados foi tornada desnecessária, uma vez que a Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz cedeu uma das suas máquinas, que excepcionalmente estava disponível. A segunda fase dos trabalhos de campo foi exclusivamente assegurada por estudantes da Licenciatura e da Variante de Arqueologia da FLL, nomeadamente Ana Patrícia Madeira, André Pereira, Marco Andrade, Marisa Cardoso, Miguel Correia (que colaborou ainda na revisão e inventário do espólio) e Rui Carvalho.

A implantação da quadrícula para escavação seguiu a orientação 110/310<sup>g</sup>, no eixo do Corredor, tendo como ponto de referência os topos dos dois esteios visíveis nesta área (o monumento está orientado a 110<sup>g</sup>). Teve-se também em consideração a existência de uma árvore, na zona Norte, mesmo junto a um dos esteios do Corredor.

Foram inicialmente implantados doze quadrados, numa área total de 40 m<sup>2</sup>. Na coordenada 12, optou-se por escavar apenas áreas de 2 por 1 m, na metade sul dos quadrados, dada a proximidade dos derrubes reforçados pelo muro pétreo criado em redor do monumento (esta estrutura não inviabilizaria, no entanto, um eventual plano de alargamento da escavação).

O registo inicial da quadrícula foi feito pelo sistema alfanumérico de coordenadas:

X - Coordenadas numéricas, de 10 a 12;

Y - Coordenadas alfabéticas, de K a N.

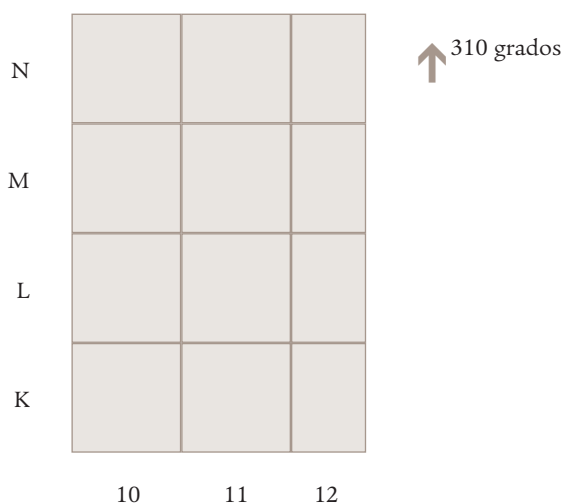


Fig. 9 Planeamento inicial da escavação.

Como ponto zero de referência, escolheu-se o ponto mais alto de ECoD.1.

Durante os trabalhos de limpeza do terreno para implantação dos quadrados, foram recolhidas algumas lascas de quartzito sem significado particular e pequenos fragmentos de cerâmica.

#### 4. Descrição e interpretação dos dados disponíveis: a arquitectura do monumento

##### 4.1. A estrutura tumular

A condução de sondagens alargadas junto ao acesso do monumento não evidenciou qualquer estrutura tumular clássica (*cairn, kerb...*), o mesmo sucedendo com as sondagens em direcção a Este.

Detectou-se, no entanto, a presença de um anel duplo de contenção exterior da Câmara e Corredor, de tecnologia similar à recentemente identificada em técnicas construtivas do sub-grupo oriental do megalitismo de Reguengos de Monsaraz. Na verdade, tal como nas antas Xarez 1 e Piornal 2, é provável que este monumento fosse apenas coberto com terra consolidada, sem estruturas pétreas de reforço, o que lhes foi permitido pela dimensão e volumetrias relativamente menores que o habitual.

Na zona exterior à Câmara e Corredor, as terras apresentavam uma consistência e coloração distintas das verificadas no primeiro nível preservado. Em algumas zonas já eram visíveis vestígios de afloramento. Na área oeste do monumento, não foram detectados nenhuns elementos arquitectónicos, nem encontrados vestígios do anel pétreo de contenção, aqui integralmente removido pela violência da terraplanagem.

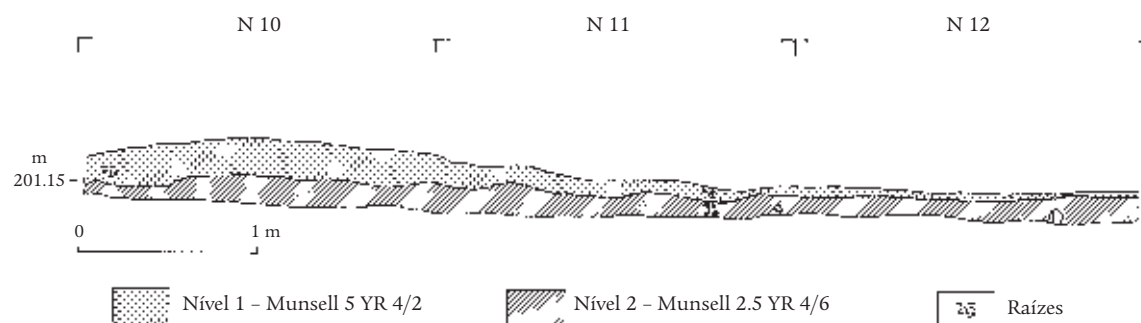


Fig. 10 Restos da estrutura tumular, Corte Este da Coordenada N.

##### 4.2. Estratigrafia da área exterior (restos da estrutura tumular)

###### Nível 1

(Cor cinzento escuro avermelhado, Munsell 5 YR 4/2, *dark reddish gray*): camada de revolvimento, muito solta. Com alguns materiais (lâmina, geométrico). Não apresenta restos do coberto vegetal. O anel pétreo encontra-se assente nos limites entre este nível e o seguinte, coberto pela camada mais superficial, mas dela emergindo após a limpeza dos amontoados de terra revolvida.

### Nível 2

(Cor avermelhada, Munsell 2.5 YR 4/6, *red*): substrato geológico no qual foram escavados os alvéolos. Inclui numerosos elementos de desagregação de rocha. O solo é muito irregular, parecendo ser mais elevado no exterior que na Câmara. Leve inclinação W-E.

## 4.3. O Corredor

### 4.3.1. Os esteios

O Corredor de STAM-2 configura uma situação clássica em Reguengos de Monsaraz: curto, de fórmula 1+1. É consolidado no interior por algumas pedras de calço e no exterior pelo prolongamento do referido anel duplo que apoiava a Câmara. Identificou-se, removida, uma das tampas. A outra já se não devia encontrar *in situ* no momento da violação.

A fórmula 1+1, dominante em Reguengos de Monsaraz, corresponde a monumentos antigos dentro do Grupo, mas também a outros, mais recentes. No caso de Olival da Pega 1, uma explicação recentemente avançada (Gonçalves, 1999a) explicaria a contradição entre um monumento com espólio cronologicamente evoluído e este tipo de estrutura do Corredor. Recordo que, segundo a explicação arriscada, o monumento seria de construção mais antiga que a maioria do espólio nele identificado, muito provavelmente resultante de uma reocupação maciça em inícios do III milénio, contemporânea ou imediatamente anterior à construção dos grandes *tholoi* anexos aos monumentos ortostáticos.

De todos os monumentos da Herdade de Santa Margarida, STAM-2 parece ser o mais antigo e o Corredor (para além dos seis esteios da Câmara) poderia disso ser indício relevante, construído com esteios alongados e pouco espessos (ECoE.1 tem 1,6 m e ECoD.1 1,5 m).

A própria largura do Corredor é reduzida: cerca de 0,9 m, no entanto superior ao espaço aberto entre o primeiro e o último esteios da Câmara: 0,6 m.

No Corredor, identificaram-se alguns fragmentos cerâmicos, configurando a terra de onde foram recolhidos a moldagem de um vaso quase integralmente destruído (o que foi confirmado no Laboratório do Museu Monográfico de Conímbriga), uma enxó de basalto filoniano alterado e o fragmento da extremidade distal de um machado de anfíbolito, que deveriam eventualmente corresponder a um único enterramento, talvez aí efectuado antes da condenação da Câmara. No entanto, nenhuma preparação especial com vista a essa deposição foi detectada, nem qualquer traço de ossos humanos. Não seria assim correcto deixar de referir que se poderia tratar não de uma deposição funerária, mas de um depósito votivo no espaço de acesso ao monumento propriamente dito.

Sabemos hoje ainda muito pouco sobre estas possibilidades de uso dos corredores dos monumentos megalíticos, indiscutíveis, por exemplo, no megalitismo sueco, tendo as análises isotópicas revelado diferentes tipos de alimentos colocados nos recipientes cerâmicos depositados ritualmente nos átrios ou no exterior imediato dos monumentos. Em alguns casos (Corredor da Anta 2 do Olival da Pega), são claríssimos os usos funerários de esses espaços, mas em outros a certeza não é uma evidência.

Observou-se que o Corredor se encontrava a uma cota similar à da Câmara, o que não é frequente nos monumentos de Reguengos de Monsaraz. Identificaram-se pequenos blocos de apoio, encostados aos esteios, nomeadamente junto a ECoE.1.

A altimetria absoluta oscilando entre 199,90 e 199,95 m parece coincidir com o aparecimento da rocha-mãe e a delimitação da base dos esteios. Praticamente não existem pedras de apoio interno ao esteio direito do Corredor. O material arqueológico é quase inexistente, resumindo-se a fragmentos do vaso cerâmico, à enxó, ao fragmento de machado e a algum carvão.

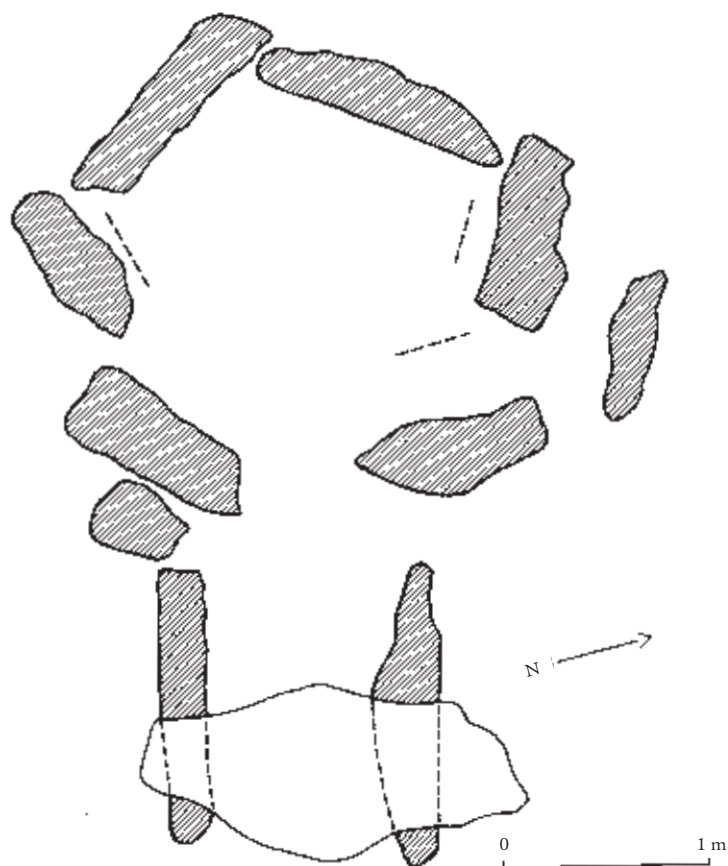


Fig. 11 Planta de Santa Margarida 2, segundo Leisner e Leisner, 1951, Est. XL, # 31, redenhada para emparelhar a escala e a orientação geral do desenho efectuado após a escavação de 2000. Manteve-se a indicação do Norte inicialmente registada pelos Leisner.

O início dos trabalhos de escavação na área do Corredor pôs a descoberto alguns blocos de granito de médias dimensões, que pareciam estender-se desde a entrada da Câmara até meio do Corredor, aproximadamente. As terras removidas no topo pertenciam a uma camada de formação muito recente, apresentando-se bastante soltas, e durante os trabalhos foram encontrados alguns fragmentos de cerâmica moderna e pré-histórica, para além de algumas lascas em quartzo, quartzito e quartzo hialino.

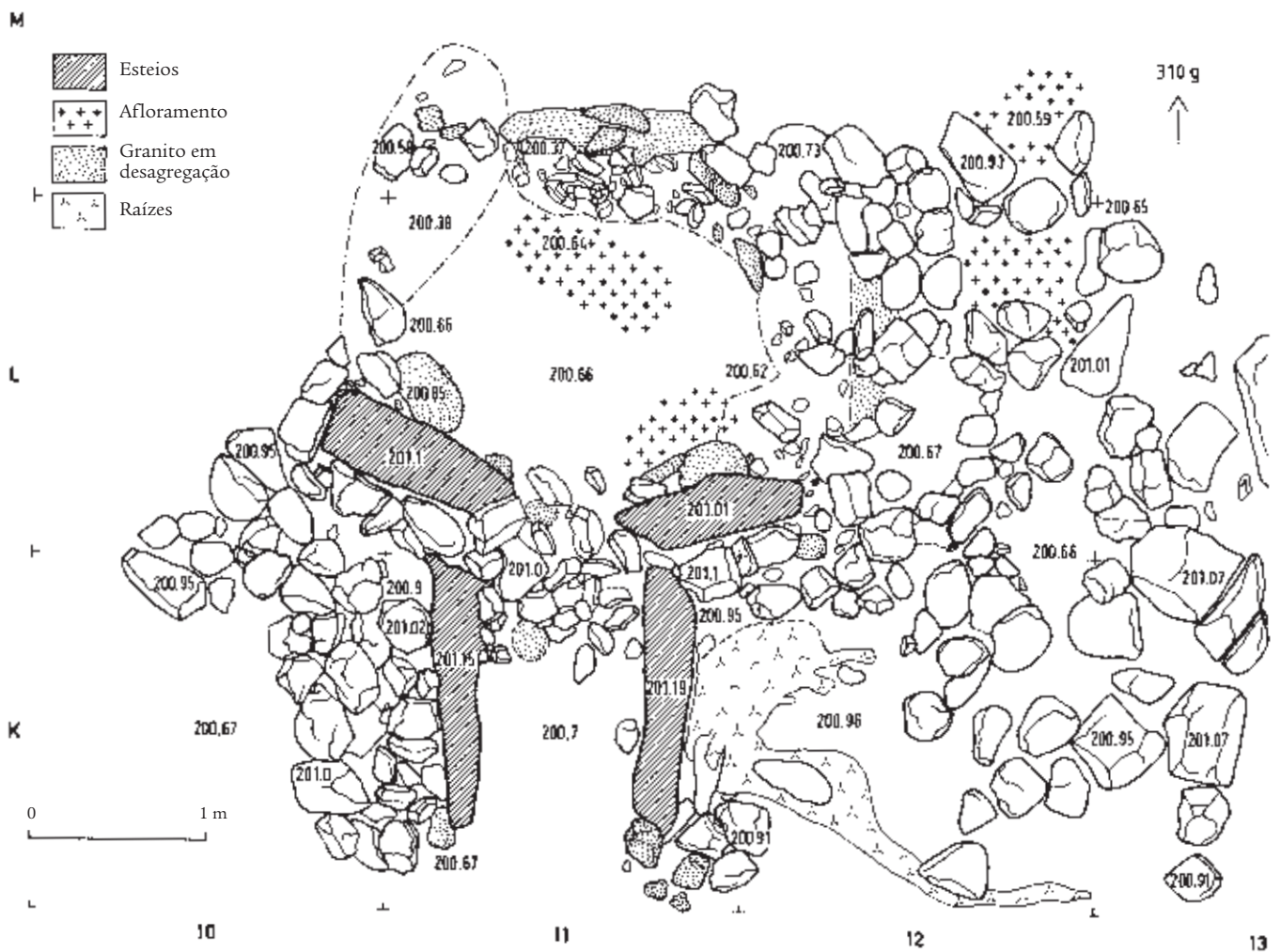


Fig. 12 Planta da Anta 2 de Santa Margarida após escavação (Dezembro de 2000).

No quadrado K.10, foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica, de entre os quais um fragmento de bojo (K.10-3). Com a mesma origem, recolheu-se também uma lasca de sílex (K.10-4).

À semelhança do que se verifica junto a ECoE.1, também na zona exterior a ECoD.1 foi possível identificar alguns blocos que deverão fazer parte do colar pétreo que envolve o monumento. Contudo, a proximidade da raiz principal da árvore em relação ao esteio direito do Corredor terá, sem dúvida, afectado a disposição original deste anel de pedras.

Durante os trabalhos de definição do anel pétreo no quadrado K.10, encontrou-se um pequeno fragmento de bordo (K.10-1) e um provável núcleo exausto de quartzo hialino (K.10-2).

Foram ainda recolhidos restos líticos e cerâmica (em K.10 e K.12).

Atingiu-se durante esta intervenção um nível preservado: uma camada mais compacta e escura que a superficial.

Durante a escavação do Corredor, foi encontrada terra moldada e fragmentos cerâmicos correspondentes possivelmente a um vaso único (K.11-4). Dada a má conservação da cerâmica, optou-se pela remoção em bloco. O bloco foi seguidamente objecto de análise no Museu Monográfico de Conímbriga, a cujo Director, Virgílio Hipólito Correia, agradecemos o apoio prestado.

Da área do Corredor recolheu-se também uma lamela de quartzo (K.11-3), não sendo certa a sua origem por acção antrópica deliberada.



Fig. 13 A árvore que cresceu no exterior do monumento, junto a ECa.6, desarticulou o anel pétreo anexo, ainda assim reconhecível nesta imagem e aí melhor conservado que no exterior do esteio direito do Corredor ECoD.1, onde as raízes deslocaram e retiraram suporte às pedras que o compunham.



Fig. 14 No exterior de ECoE.1 o anel de apoio encontrava-se extremamente bem conservado, como se pode observar, sendo patente a sua robustez e mesmo a qualidade da construção.

#### 4.3.2. A porta do monumento

À entrada, junto a ECoD.1, encontrou-se uma pequena pedra cravada na vertical que deveria constituir um elemento de travagem ou encaixe da primeira porta do monumento, tendo sido esta provavelmente de madeira. Os Leisner referiram, a propósito dos monumentos que escavaram em Reguengos de Monsaraz, várias estruturas pétreas que poderiam corresponder a encaixes para portas. Esta situação, comum no subgrupo oriental (Gonçalves e Sousa, 2002, no prelo), foi também aqui verificada.

#### 4.3.3. A porta da Câmara

Tal como acontece aliás com a estrutura de condenação da Câmara, este ponto poderia ser analisado em função da própria Câmara e não como componente integrando o Corredor. Mas seguindo a minha lógica do itinerário de análise (leitura do *exterior* para o *interior*) é aqui que cabe discuti-lo.

Em vários monumentos megalíticos foram identificadas estruturas que arquitetavam a área de transição entre o Corredor e a Câmara. Em 1975, analisando os monumentos megalíticos de Portel e Viana do Alentejo eventualmente ameaçados pela cota máxima da Barragem do Alvito, cheguei mesmo a preparar um pequeno texto sobre esta situação. Poucos anos depois, nas antas do Alto Algarve Oriental, encontrava, de novo, campo para semelhante reflexão.

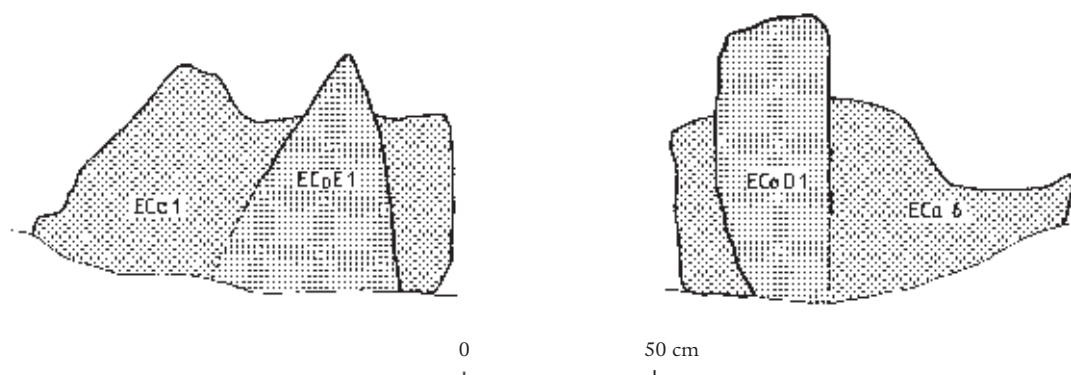


Fig. 15 Encaixes para a porta de acesso do Corredor à Câmara (após remoção do fecho).

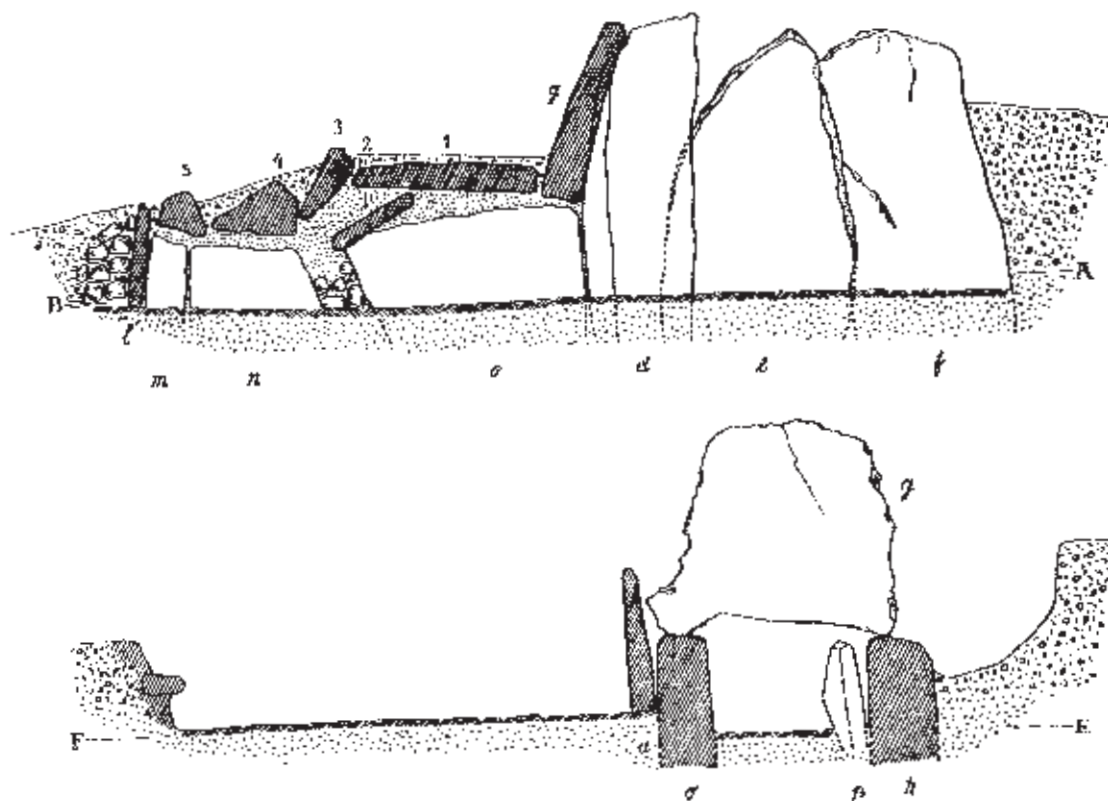


Fig. 16 Fecho de Comenda 2, segundo Leisner e Leisner, 1951, Est. X. A laje de cutelo não dispensa uma articulação ou encaixe pétreo para uma porta baixa, fechando uma passagem atravessável apenas de cócoras ou “de gatas”.



Parece-me agora que a separação do Corredor e da Câmara, quando existente, poderia ter sido feita de formas diversas;

1. quando os planos do chão do Corredor e da Câmara eram de diferente altimetria (normalmente mais elevado o do Corredor), a separação ou não existia artificialmente ou era marcada por um degrau (uma “escalêra”, no falar alentejano);
2. quando os planos do chão do Corredor e da Câmara eram de idêntica ou muito próxima altimetria, verifica-se a existência de pedras-travão, suportes de granito ou xisto para estruturas de fecho amovíveis, portas, muito provavelmente estas últimas de matéria perecível (madeira? cortiça?). O uso do granito ou do xisto nestas pedras-travão, conforme os planos do construtor, traduziria mais a disponibilidade de matérias primas e as condicionantes de este tipo de construção, exigindo blocos aparados com forma de laje, não tendo nem significado cronológico, nem cultural e muito menos qualquer carga simbólica específica;
3. uma última situação é aquela que diz respeito às câmaras cuja estrutura as fecha de raiz, parcialmente, pelo método da laje em cutelo, caso da Anta 2 da Comenda, escavada por G. e Vera Leisner (1951, Est. X). Ainda assim, este tipo de fecho não elimina a necessidade de uma porta móvel, ou opérculo de fecho, naturalmente aqui de menores dimensões.

Na Anta 2 de Santa Margarida, os suportes para uma porta de fecho entre a Câmara e o Corredor existiram certamente e não foram danificados pela construção posterior de uma nova estrutura, esta condenando definitivamente o espaço da Câmara. Existe uma clara folga entre o plano definido pelas duas pedras de apoio ao fecho móvel da Câmara, permitindo um encaixe vertical e não uma porta de abrir, o que se compreende, por ser, neste contexto, claramente mais funcional, se a cobertura de terra o permitisse.

#### 4.3.4. A estrutura de condenação da Câmara

A última situação a registar é justamente a da condenação da Câmara, efectuada pela construção de um espesso muro de pedra, apoiado contra as extremidades do primeiro e último esteios da Câmara.

O muro foi construído cuidadosamente, com sólidos blocos de pedra ligados por argila compactada, e fecharia completamente, na horizontal, o acesso à Câmara. A altura original de esta estrutura não é, porém, determinável no estado actual do monumento.

Foi possível identificar áreas de desmoronamento parcial do topo do muro de fecho da Câmara, com derrubes internos (na direcção da Câmara) e externos (na direcção do Corredor). Os blocos apresentavam uma dimensão média e eram todos de granito.

Quando se procedeu ao desmonte, verificou-se que a estrutura de fecho assentava em terra, a escassos centímetros do solo original, mas não directamente sobre ele.

Todo o sedimento proveniente de esta área particular foi crivado com cuidado especial (encontrando-se seco, não se experimentaram as dificuldades sentidas em outras áreas da Câmara ou do Corredor), mas não foi recolhido qualquer material (à excepção de pequenos nódulos de carvão, coordenados tridimensionalmente).

Após a conclusão do desenho em planta à escala 1:10, e do respectivo alçado, decidiu-se proceder então ao desmonte dos blocos pétreos que se encontravam na transição Câmara/Corredor, para definitiva confirmação da realidade estratigráfica observada nos limites Este e Oeste da estrutura. As observações já avançadas verificaram-se correctas.

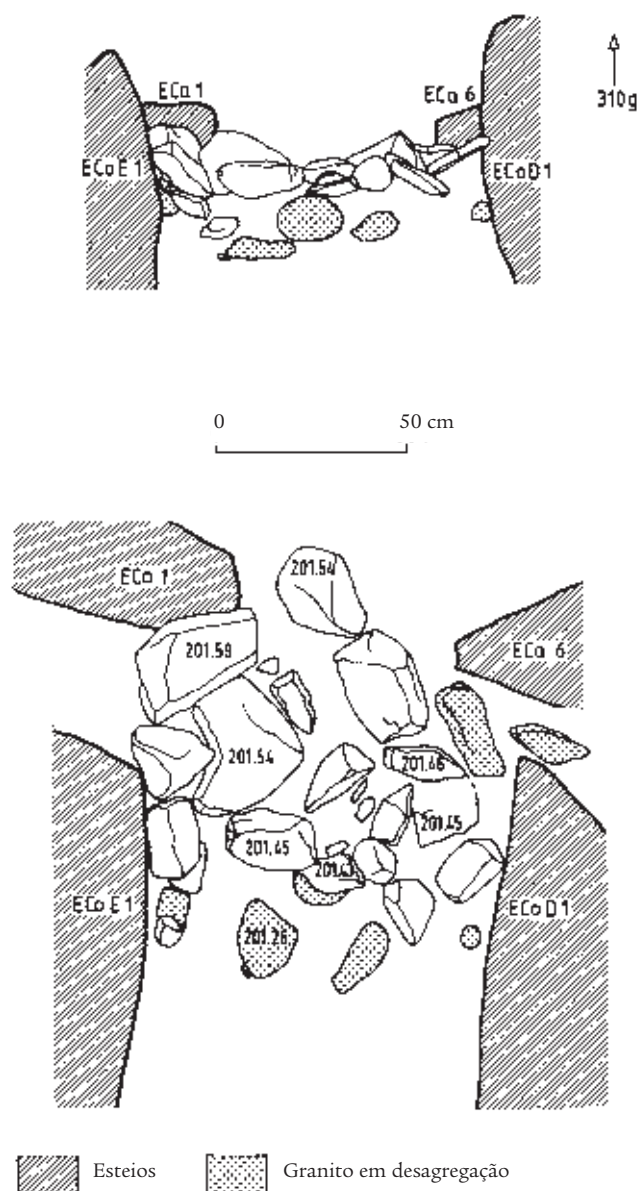


Fig. 17 Alçado e planta da estrutura de condenação da Câmara.

#### 4.4. A Câmara

A Câmara representa, no seu estado actual, uma incerteza curiosa. Logo de início, pareceu-me defensável a proposta de 6 esteios avançada pelos Leisner. Mas não esquecendo que, apesar de ambos terem observado o monumento antes da sua destruição, não o tinham escavado, alguma reserva deveria ser considerada.

As destruições de 2000 deixaram apenas *in situ* o primeiro e o último esteios da Câmara e um resto basal do esteio funcionando como pedra de cabeceira. O estudo minucioso das camas dos esteios desaparecidos não foi completamente esclarecedor, porque a sua remoção provocou a abertura do que poderia ser a delimitação de dois deles. Mas não estava seguro se:

1. a um grande alvéolo corresponderia um grande esteio (ECa.2);
2. dois esteios, um pequeno, outro maior (ECa.2 e ECa.3), poderiam ter ocupado o espaço visível na planta.

Com a experiência de ter escavado alguns monumentos megalíticos em Reguengos de Monsaraz (até 2000, mais precisamente 10...), acreditaria na segunda hipótese. Mas não era possível afastar completamente a primeira.

Não me parecia assim defensável aceitar argumentos indiscutíveis para qualquer delas. No entanto, já após a elaboração do Relatório sobre os trabalhos de campo destinado ao IPA, novo estudo *in loco* das condições de jazida, ironicamente permitido pela violência das chuvas de fins de Dezembro de 2000 e Janeiro de 2001, bem como uma reflexão mais prolongada sobre o monumento, acabaram por me convencer, com as reservas compreensíveis, de que nos encontramos efectivamente perante um monumento de seis esteios, alguns dos quais, fragmentados na vertical antes da destruição e arrancados da sua localização original, justificavam algumas hesitações na leitura.

Com a abertura de novos quadrados, procurou-se verificar se o anel pétreo detectado em redor dos esteios do Corredor e de ECa.1, se prolongava na zona oeste do monumento. No quadrado N.10, foi encontrado um trapézio de sílex (N.10-1).

Na zona da Câmara, quadrado M.11, recolheram-se alguns fragmentos de cerâmica, assim como uma lâmina de sílex (M.11-1), uma possível lamela de quartzo (M.11-2) e o que parece ser um microburil de sílex (M.11-3).

No prosseguimento dos trabalhos de escavação na Câmara, foram afinal identificados os negativos de dois dos esteios (ECa.2 e ECa.3). No seu interior, encontravam-se ainda pequenos blocos pétreos, que serviriam como elementos de apoio aos ortóstatos.

Nos trabalhos de crivagem, foi recolhida uma lasca de sílex proveniente das terras do quadrado M.12 (M.12-1). Em M.11, foi encontrado um geométrico, proveniente do interior da Câmara da anta (M.11-4). Neste quadrado, mas já na zona do anel pétreo, foi recolhida uma esquirola de quartzo (M.11-5). Em L.12, encontrou-se um fragmento de bordo (L.12-1) e um provável núcleo de quartzo (L.12-2). Na zona do Corredor foi recolhido um fragmento de bordo (K.11-2).

Foram recolhidos restos líticos, bem como alguns fragmentos de cerâmica, de entre os quais um fragmento de fundo (L.12-3) e um fragmento de bordo (L.12-4). Do quadrado L.11 foram recolhidos fragmentos de carvão. Da zona do anel pétreo, recuperaram-se fragmentos de cerâmica.

Na continuação dos trabalhos de escavação desenvolvidos no interior da Câmara, foi encontrado, no quadrado L.11, um machado de anfíbolito, com gume polido, junto a ECa.1. A continuação dos trabalhos viria a evidenciar a sua associação a três outros artefactos de pedra polida. Na zona da Câmara, foi ainda recolhida uma esquirola em quartzo hialino. Na zona do anel pétreo, recolheu-se uma semiesfera maciça de cerâmica, com menos de 2 cm de diâmetro.

Em algumas zonas do interior da Câmara atingiu-se a rocha de base, muito degradada.

Do interior da Câmara, recolheu-se também um fragmento de lamela de quartzo (K.11-5), assim como uma lasca também em quartzo (K.11-6). No mesmo quadrado, mas já no Corredor, foi encontrado um fragmento de quartzo (K.11-7).

No quadrado J.12, para além de alguns objectos líticos e fragmentos de cerâmica, foi encontrado um fragmento de lâmina de sílex (J.12-1) e uma lasca de quartzo hialino (J.12-2).

Em L.13, recolheram-se ainda alguns objectos líticos e fragmentos de cerâmica. Em M.13 foram também recolhidos alguns fragmentos de cerâmica de reduzida dimensão.

Foram removidos dois grandes blocos entre os alvéolos do esteio 3 (cabeceira) e o esteio 4. Esses grandes blocos, desenhados e cotados, apresentavam-se soltos. Foram claramente arrasados da carapaça pétrea conservada na metade norte do monumento.

Junto dos esteios 1 e 6, e na entrada para o Corredor, conserva-se ainda sedimento muito compactado, parecendo ser rocha em desagregação. Porém, entre esse sedimento muito compactado foi recolhido um pequeno fragmento de cerâmica (L.11-3), com um bom tratamento de superfície. A escavação nessa área foi muito difícil.

Os alvéolos são constituídos por fossas profundas, preenchidas por blocos de pequena e média dimensão (todos de granito).

Não é simples compreender sem reservas a perda associação entre os esteios arrancados e os alvéolos identificados. Encostado ao esteio 1, encontrava-se um grande bloco de granito desagregado que poderá constituir o que resta de um esteio partido. Sondou-se o exterior do monumento para averiguar da existência de um esteio entre ECa.1 *in situ* e o primeiro alvéolo identificado em sequência.

Escavou-se o alvéolo de ECa.6. Tal como os demais, apresentava uma profundidade bastante razoável. Ao contrário do restante sedimento, que apresentava uma coloração laranja, o sedimento removido no interior deste alvéolo surgia com uma coloração acinzentada (granito em desagregação?). Verificou-se uma distinção cromática entre o sedimento no interior do alvéolo, traduzindo a presença de ocre vermelho.

Procedeu-se à delimitação da área entre ECa.1 e ECa.2, com o objectivo de confirmar um esteio referido pelos Leisner. Efectuou-se uma sondagem, mas não foi identificado qualquer alvéolo. O sedimento encontrava-se muito húmido, mas não existem agora dúvidas da relativa incorrecção da planta dos Leisner. O bloco identificado como ECa.2 pelos Leisner deveria ser apenas um fragmento de esteio.

Ainda nesta área foi identificado o apoio de ECa.1.

Durante a escavação do alvéolo 5/6 (?), parecem configurar-se duas cavidades, podendo corresponder a dois esteios ou a um, fragmentado.

Temos, assim:

1. ECa 1 - esteio fragmentado;
2. ECa 2 - alvéolo (os Leisner identificam um esteio entre ele);
3. ECa 3 - alvéolo; deverá corresponder ao esteio de cabeceira; conserva-se ainda um bloco de granito desagregado *in situ*, que poderá corresponder ao fragmento do esteio;
4. ECa 4a - alvéolo, preenchido por blocos de grande dimensão, comparativamente com o resto do monumento; estes blocos grandes poderiam, no entanto, fazer parte do anel de contenção da Câmara, não sendo assim calços do esteio;
5. ECa 4b - alvéolo de menores dimensões;
6. ECa 5/6 (?) - esteio fragmentado.

Resta a questão de ECa 4a e ECa 4b corresponderem a um esteio de grandes dimensões ou a dois esteios, não devendo ser omitido que os Leisner identificaram ainda um esteio de apoio, por trás da Câmara, a NW, do qual não se encontraram traços.

Leitura Munsell da cor do solo no interior da Câmara (12:00 h, com luz indirecta, acima do solo de base) - 10 YR 4/4, *dark yellowish brown* (castanho escuro amarelado).

A construção da Câmara envolveu, portanto, a escavação de fossas de implantação dos esteios e a sua travagem com blocos de pequena e média dimensão. Junto do primeiro e do último

esteio, na transição para o Corredor, foram colocados grandes blocos graníticos, encostados aos esteios.

O solo é muito irregular, com depressões provocadas pela desagregação diferenciada da rocha.

Verificou-se uma concentração de artefactos de pedra polida (dois machados, uma goiva e uma enxó) junto à parede de interna de ECa1, quase na transição Câmara - Corredor. O machado de anfibolito L.11-5 encontrava-se precisamente entre os grandes blocos de apoio de ECa 1. A terra apresentava-se aqui muitíssimo compactada, intocada após a deposição de estes materiais, confundindo-se mesmo com a rocha em desagregação. Aqui se recolheu também um fragmento de cerâmica de forma irreconhecível.

## 5. Descrição e interpretação dos dados disponíveis: artefactos votivos, ritos funerários

### 5.1. artefactos votivos

#### 5.1.1. inventário, descrição e comentários específicos

##### 5.1.1.1. inventário

Foi recolhido, lavado e marcado todo o espólio que o justificava e fotografado e desenhado o considerado significativo para a presente publicação.

Quadro 1a: Artefactos de contexto seguramente referente à ocupação funerária do monumento. A coordenada Z, originalmente registada em valores relativos, foi transformada em altimetrias absolutas, após a ligação do monumento à rede.							
#	designação	Prov.	X	Y	Z	data	Obs.
J.12-01	Lâmina ou lamela	Tumulus	C	C	201,64	2000.10.19	
K.11-00	Fragmento de machado	Corredor	C	C	C	2000.10.17	extremidade distal
K.11-04	Cerâmica	Corredor	128	082	201,18	2000.10.17	moldagem de vaso
K.11-08	Cerâmica, bojo	Corredor	087	059	201,00	2000.12.01	
K.11-09	Ocre	Corredor	096	065	201,00	2000.12.02	
K.11-10	Carvão	Corredor	129	097	201,15	2000.12.08	
K.11-12	Carvão	Corredor	084	111	201,16	2000.12.09	
K.11-14	Carvão	Câmara	102	017	201,27	2000.12.09	
K.11-15	Carvão	Corredor	127	159	201,32	2000.12.09	
K.11-16	Carvão	Corredor	C	C	201,29	2000.12.09	
K.11-18	Ocre (?)	Corredor	C	C	201,25	2000.12.10	
K.11-21	Enxó	Corredor	112	133	201,18	2000.12.10	
K.11-22	Cerâmica	Corredor	C	C	201,18	2000.12.10	
K.11-23	Carvão	Corredor	C	C	201,18	2000.12.10	
K.11-24	Carvão	Corredor	C	C	201,18	2000.12.10	
L.10-01	Cerâmica, elemento decorativo?	Tumulus	C	C	201,24	2000.10.17	semiesfera maciça
L.11-02	Machado	Câmara	061	057	201,21	2000.10.17	depósito votivo
L.11-03	Cerâmica	Câmara	030	065	201,21	2000.12.01	
L.11-04	Carvão	Câmara	164	070	201,21	2000.12.02	Z ?
L.11-05	Machado	Câmara	071	030	201,17	2000.12.02	depósito votivo

Quadro 1a: Artefactos de contexto seguramente referente à ocupação funerária do monumento. A coordenada Z, originalmente registada em valores relativos, foi transformada em altimetrias absolutas, após a ligação do monumento à rede. (cont.)

#	designação	Prov.	X	Y	Z	data	Obs.
L.11-06	Goiva	Câmara	068	034	201,22	2000.12.08	depósito votivo
L.11-07	Enxó	Câmara	070	030	201,14	2000.12.09	depósito votivo
L.11-08	Cerâmica	Câmara	084	018	201,19	2000.12.09	
L.11-10	Cerâmica	Câmara	100	020	201,16	2000.12.09	
L.11-11	Carvão	Câmara	082	012	201,24	2000.12.09	
L.12-01	Cerâmica b	Câmara	089	081	201,22	2000.10.12	
L.12-03	Cerâmica f	Tumulus	107	087	201,16	2000.10.16	
L.12-04	Cerâmica	Tumulus	C	C	201,16	2000.10.16	
L.12-05	Carvão	Câmara	014	063	201,03	2000.12.09	
M.11-01	Lâmina	Câmara	099	009	201,21	2000.10.11	
M.11-04	Trapézio	Câmara	164	024	201,20	2000.10.12	
M.12-01	Lamela fragmentada sílex	Tumulus	C	C	201,23	2000.10.12	extremidade proximal
N.10-01	Trapézio	Tumulus	139	127	201,10	2000.10.11	
K.10-01	Cerâmica	Tumulus	092	131	201,21	2000.10.13	
K.10-03	Cerâmica	Tumulus	C	C	201,24	2000.10.09	
K.10-03	Cerâmica	Tumulus	C	C	201,24	2000.10.09	
K.11-02	Cerâmica b	Tumulus	158	021	201,27	2000.10.12	
K.11-11	Cerâmica	Tumulus	171	049	201,29	2000.12.09	

Quadro 1b: Artefactos de contexto provavelmente referente a ocupações ou utilização não funerária do espaço exterior do monumento, ainda que nele contidos. Alguns registos referem-se a fragmentos de pedra recolhidos com referência individual, mas que se verificou posteriormente não terem trabalho humano.

#	designação	Prov.	X	Y	Z	data	Obs.
J.12-02	Resto talhe ? quartzo hialino	Tumulus	C	C	201,64	2000.10.19	
K.10-02	Núcleo quartzo hialino	Tumulus	C	C	201,21	2000.10.13	exausto
K.10-04	Resto talhe sílex	Tumulus	C	C	201,24	2000.10.09	
K.11-01	Resto talhe ?	Corredor	132	083	201,09	2000.10.11	
K.11-03	Lamela quartzo	Corredor	095	089	201,27	2000.10.17	
K.11-05	Resto talhe quartzo	Corredor	098	119	201,26	2000.10.18	
K.11-06	Resto talhe quartzo	Corredor	069	028	201,34	2000.10.18	
K.11-07	Resto talhe quartzo	Corredor	C	C	201,26	2000.10.18	
K.11-13	Lasca quartzo	Câmara	099	017	201,22	2000.12.09	
K.11-17	Lasca quartzo	Corredor	085	151	201,25	2000.12.10	
K.11-19	Núcleo (?)	Corredor	128	166	201,20	2000.12.10	
K.11-20	Lasca quartzo	Corredor	123	159	201,21	2000.12.10	
L.11-01	Resto talhe quartzo hialino	Câmara	C	C	201,21	2000.10.17	
L.11-09	Resto talhe	Câmara	110	021	201,28	2000.12.09	
L.12-02	Resto talhe quartzo	Tumulus	081	069	201,33	2000.10.12	
L.13-01	Núcleo (?) quartzo	Tumulus	C	C	201,21	2000.10.21	
M.11-02	Lâmina (?) quartzo	Câmara	C	C	201,21	2000.10.11	
M.11-03	Microburil (?) sílex	Câmara	C	C	201,21	2000.10.11	
M.11-05	Lamela (?) quartzo	Tumulus	C	C	201,36	2000.10.12	

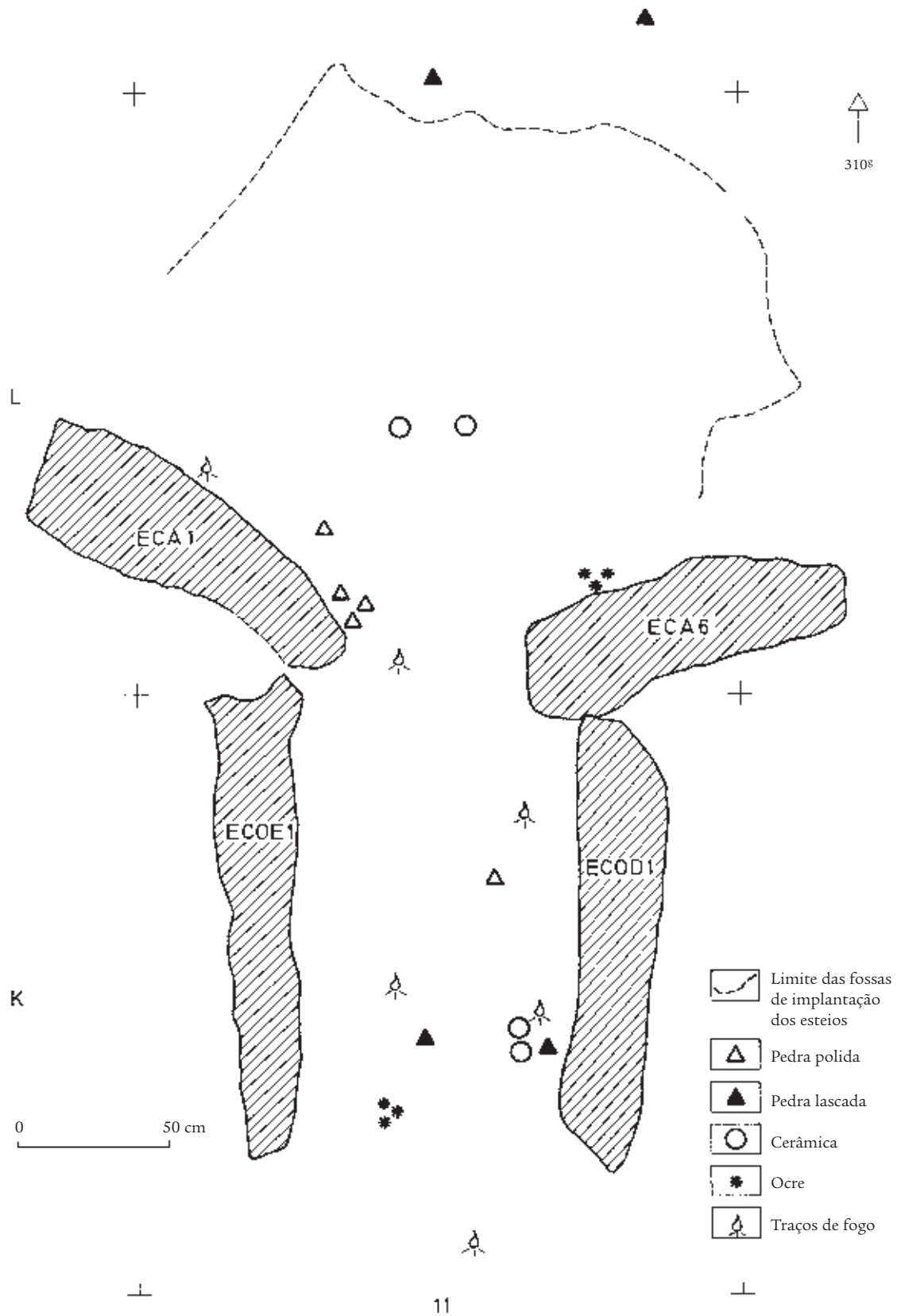


Fig. 18 Distribuição espacial do principal espólio de Santa Margarida 2.

### 5.1.1.2. Descrição

(Todas as medidas em centímetros, edição Munsell utilizada: Munsell Soil Color Charts (2000), New York: Gretag Macbeth.)

#### 5.1.1.2.1. Pedra lascada

De entre a pedra lascada, salientam-se, como se escreveu, fragmentos interpretáveis como restos de talhe e outros que configuram lascagens de blocos de quartzo, algum leitoso, comum na região, mas que dificilmente teriam trabalho humano, e outros de sílex. No entanto, o facto de serem provenientes do interior do monumento poderia ter que ver ou com fenómenos pós-deposicionais ou com o facto de terem sido trazidos para o interior com terra destinada a cobrir os corpos. Mas na verdade não temos qualquer informação se Santa Margarida 2 foi utilizada para deposições simples ou para inumações com recobrimento dos cadáveres com terra, o que justificaria a segunda hipótese (ver adiante “...ritos funerários”).

Como indiscutíveis artefactos, de contexto seguro, referem-se:

1. STAM-2. J.12-1 (Fig. 19 # 2): pequena lâmina ou lamela de sílex castanho avermelhado, fragmentada (os dois fragmentos conservados, que colam entre si, correspondem à extremidade proximal e a parte da área mesial). Possíveis sinais de uso. Alt. actual: 2,5 cm. Larg. máxima mensurável: 1,2. Esp. 0,22. Cor Munsell 5YR 5/4, *reddish brown*;
2. STAM-2. M.11-1 (Fig. 19 # 1 e Fig. 45 # 1): pequena lâmina de sílex castanho, fragmentada (faltando um pouco da extremidade distal), não retocada, mas com sinais de uso nos dois gumes. Bolbo de percussão bem definido, com truncamento concoidal. Alt. actual: 6,3 cm. Larg. mesial: 1,56. Esp. 0,41. Cor Munsell 10YR 5/3, *brown*;
3. STAM-2. M.11-3: microburil (?) de sílex, peça fragmentada de classificação duvidosa;
4. STAM-2. M.11-4 (Fig. 19 # 5 e Fig. 45 # 2): geométrico (trapézio) de sílex cinzento claro acastanhado, com ambas bases retocadas. Pequenos pontos escuros podendo eventualmente corresponder a vestígios de cola de fixação. Alt. máxima: 2,00 cm. Alt. mínima: 1,00. Largura mesial: 1,40. Espessura: 0,4. Cor Munsell 10YR 6/2, *light brownish gray*;
5. STAM-2. M.12-1 (Fig. 19 # 3): lamela de sílex cinzento rosado, fragmentada (apenas resta a extremidade proximal), conservando ainda restos do córtex. Alt. actual: 1,26 cm. Larg. máxima mensurável: 1,25. Esp. 0,25. Cor Munsell 7.5YR 7/2, *pinkish gray*.
6. STAM-2. N.10-1 (Fig. 19 # 4 e Fig. 45 # 3): geométrico (trapézio) de sílex castanho claro amarelado, com ambas bases retocadas. Alt. máxima: 2,38 cm. Alt. mínima: 1,35. Largura mesial: 1,36. Espessura: 0,4. Cor Munsell 10YR 6/3 a 6/4, *pale brown a light yellowish brown*;

#### 5.1.1.2.2. Pedra polida

(Para a descrição da pedra polida, e antes de outros estarem disponíveis para amostras cuja dimensão o justifique, seguem-se de forma genérica os critérios enunciados em Gonçalves, 1989, vol. 1, p. 122-123.)



#### 5.1.1.2.2.1. Depósito junto ao interior de ECa1

1. L.11-2 (Fig. 21 e Fig. 48): machado proveniente da Câmara, intacto, comprimento total 22 cm, largura mesial 5,02; largura na base 3,72; espessura mesial 5,28 cm; índice de alongamento 5.9 (alongado); índice de espessamento 4.2 (médio); geometria de bordos convexo+plano; geometria do gume assimétrico; talão arredondado; secção pentagonal ou quadrangular muito irregular, extremidade distal em bisel duplo, polimento reservado à extremidade distal; cor (em área não polida) cinzento escuro esverdeado, Munsell GLEY 2 10 G 3/1 *very dark greenish gray*; anfíbolito; peso c. 876 g. Sem sinais de uso antigo, mas com ligeira fragmentação recente. Peça de grande robustez e de geometria muito irregular. Pela distribuição do polimento, circunscrito à extremidade distal e mesmo assim de forma irregular, penso que um encabamento quase total poderia ocultar a maior parte de esta peça, conferindo-lhe ainda uma maior imponência.

2. L.11-7 (Fig. 22 e Fig. 47): enxó proveniente da Câmara, intacta, comprimento total 13,24 cm, largura mesial 5,40; largura na base 4,22; espessura mesial 1,58; índice de alongamento 3.1 (alongado); índice de espessamento 8.4 (abatido); geometria de bordos convexos; faces convexa superior, côncava a inferior; geometria do gume simétrico; talão truncado oblíquo; secção sub-rectangular alongada, extremidade distal em bisel simples, polimento total; cor cinzento claro esverdeado, Munsell GLEY 1 N7/1 *light greenish gray*; basalto filoniado alterado; peso 228,13 g. Sem sinais de uso antigo, mas com ligeira fragmentação recente e um negativo rectangular resultante de um impacto na extremidade direita do gume.

3. L.11-6 (Fig. 23 e Fig. 49): goiva proveniente da Câmara, intacta, mas com um grande negativo antigo na área mesial do verso; comprimento total 13,19 cm, largura mesial 3,42; largura na base 1,65; espessura mesial 1,48; índice de alongamento 7.9 (alongado); índice de espessamento 8.9 (abatido); geometria de bordos convexos; faces irregularmente planas; geometria do gume simétrico; “golpe de goiva” subtrapezoidal alongado; talão truncado pontiagudo; secção sub-rectangular alongada, extremidade distal em bisel simples, devido ao “golpe de goiva”, polimento total; cor cinzento claro esverdeado, Munsell GLEY 1N7/1 *light greenish gray*; basalto filoniado alterado; peso 113,42 g. Sem sinais de uso antigo, mas com fragmentação no centro do gume.

4. L.11-5 (Fig. 20 e Fig. 46): machado proveniente da Câmara, intacto, comprimento total 8,35 cm, largura mesial 3,85; largura na base 2,96; espessura mesial 2,39; índice de alongamento 2.8 (alongado); índice de espessamento 3.5 (espesso); geometria de bordos convexo+plano; geometria do gume assimétrico; talão arredondado com aplanamento terminal; secção sub-rectangular irregular, extremidade distal em bisel duplo, polimento generalizado nas faces, com alguma irregularidade quando na periferia da extremidade proximal; cor (da área polida) negro esverdeado, Munsell GLEY 2 5BG 2.5/1, *greenish black*; anfíbolito; peso 140,54 g. Sem sinais de uso antigo, mas com mínimas e muito localizadas fragmentações recentes. Peça de geometria muito irregular. Não é impossível que se trate do reaproveitamento de um machado quebrado durante o afeiçoamento ou do aproveitamento deficiente de um *ébauchon* de machado.

#### 5.1.1.2.2.2. Corredor

1. K.11-00: fragmento pequeno de extremidade distal de machado de anfibolito com polimento cuidado;

2. K.11-21 (Fig. 24 e Fig. 50): enxó proveniente do Corredor, intacta, mas com negativos em toda a superfície das duas faces e negativos de impactos com instrumento aguçado; comprimento total 11,65 cm, largura mesial 4,25; largura na base 1,65; espessura mesial 1,98; índice de alongamento 7.1 (alongado); índice de espessamento 5.9 (médio); geometria de bordos divergentes, convexo e rectilíneo; faces convexa superior, subcôncava a inferior; geometria do gume ligeiramente dissimétrico; talão truncado arredondado, polido; secção subrectangular muito irregular, extremidade distal em bisel simples, polimento total; cor cinzento claro esverdeado, Munsell GLEY 1 N7/1 *light greenish gray*; basalto filoniado alterado; peso 143,92 g. Sem sinais de uso antigo, mas com duas muito ligeiras fragmentações recentes no gume. Poderia haver uma classificação alternativa como machado, se considerarmos como accidental o aspecto côncavo da face inferior e valorizarmos a geometria assimétrica do gume. Mas trata-se de uma peça votiva e considerações que em contextos de povoado poderia ser apoiadas pelos microvestígios de uso não têm aqui cabimento. Por outro lado, não conhecemos machados em antas de Reguengos de Monsaraz que não sejam de metagranodiorito ou de anfibolito, estando esta matéria prima, o basalto filoniano alterado, reservada para enxós e goivas.

#### 5.1.1.2.2.3. Exterior imediato da Câmara

1. STAM-2 SUP-3 (Fig. 25): machado proveniente do exterior da Câmara, intacto, comprimento total 8,26 cm, largura mesial 4,69; largura na base 3,3; espessura mesial 1,85; índice de alongamento 2.5 (alongado); índice de espessamento 4.5 (médio); geometria de bordos convexos; geometria do gume simétrico; talão provavelmente arredondado na origem, com fracturas no sentido transversal; secção ovalada muito alongada, quase subrectangular irregular, extremidade distal em bisel duplo quase eliminado pelo intenso desgaste, polimento reservado à extremidade distal; cor castanho claro oliva, Munsell 2.5Y 5/3, *light olive brown*; metagranodiorito; peso 146,31 g. Artefacto com intensos sinais de uso antigo (gume boleado), com riscos fundos numa face, de origem recente, muito provavelmente devido às movimentações de terra provocadas pela máquina que destruiu parcialmente o monumento.

#### 5.1.1.2.3. Cerâmica

STAM-2. K.11-4-: alguns poucos fragmentos cerâmicos de um vaso destruído. A cerâmica de proveniência segura, bem como a restante, muito dificilmente fornece indicação das formas, pelo que se optou por não a descrever pormenorizadamente.

#### 5.1.1.2.4. Diversos\*

STAM-2. L.11-3: bojo cerâmico, sob ECa.1

STAM-2. L.11-10: bojo cerâmico

STAM-2. L.12-4: bordo cerâmico de forma irrecuperável.

\* apenas a título indicativo. Recolheram-se vários fragmentos cerâmicos descontextualizados, normalmente de formas irreconhecíveis devido à dimensão, restos de quartzo cuja presença apenas se refere porque normalmente não deveriam estar onde se encontraram.

#### 5.1.1.2.5. Recolhas no exterior do monumento

Foi recolhido um machado de pedra polida a SW do monumento.

Considerando que a destruição se fez nesse sentido, poderia parecer admissível, mas não totalmente seguro, que o machado tivesse sido removido do interior da anta. No entanto, o seu gume, indiciando uso intenso, permite antes supor tratar-se de um artefacto usado e abandonado durante a construção do monumento ou em época próxima. Apresenta secção oval. Foi inventariado num registo especialmente aberto para materiais de superfície. Para além do machado, foram recolhidas várias lascas de quartzito atípicas e seixos talhados.

Foi também recolhido:

STAM-2. L.10-1: pequena semiesfera maciça de cerâmica. Pode tratar-se de uma espécie de mamilo semi-esférico que descolou da superfície de um vaso.

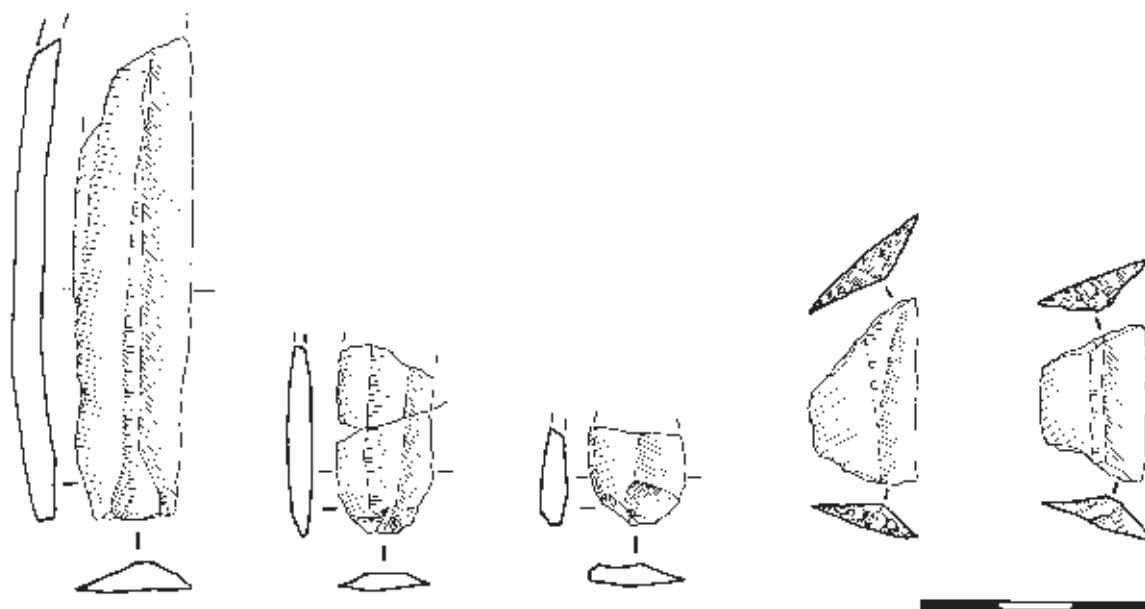


Fig. 19 Materiais líticos de contexto seguro: pequena lâmina M.11-1; lamela ou pequena lâmina J.12.1; lamela M.12-1; trapézio N.10-1; trapézio M.11-4.



Fig. 20 Machado L.11-5. Escala 1:1.

### 5.1.1.3. Comentários específicos

#### 5.1.1.3.1. Em geral

O conjunto artefactual recolhido no que restava da Anta 2 da Herdade de Santa Margarida pode distribuir-se, quanto à proveniência, por cinco categorias, ainda que duas delas, as últimas, sejam, na realidade, assimiláveis.

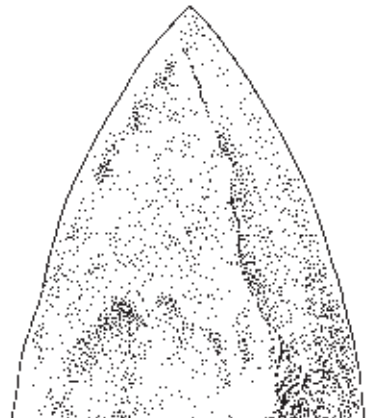
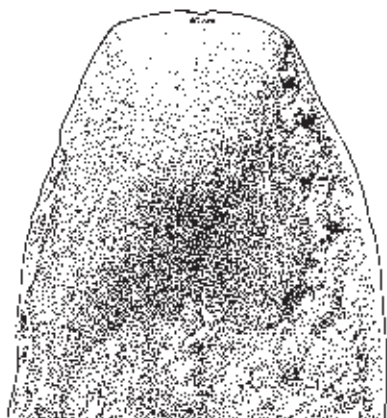
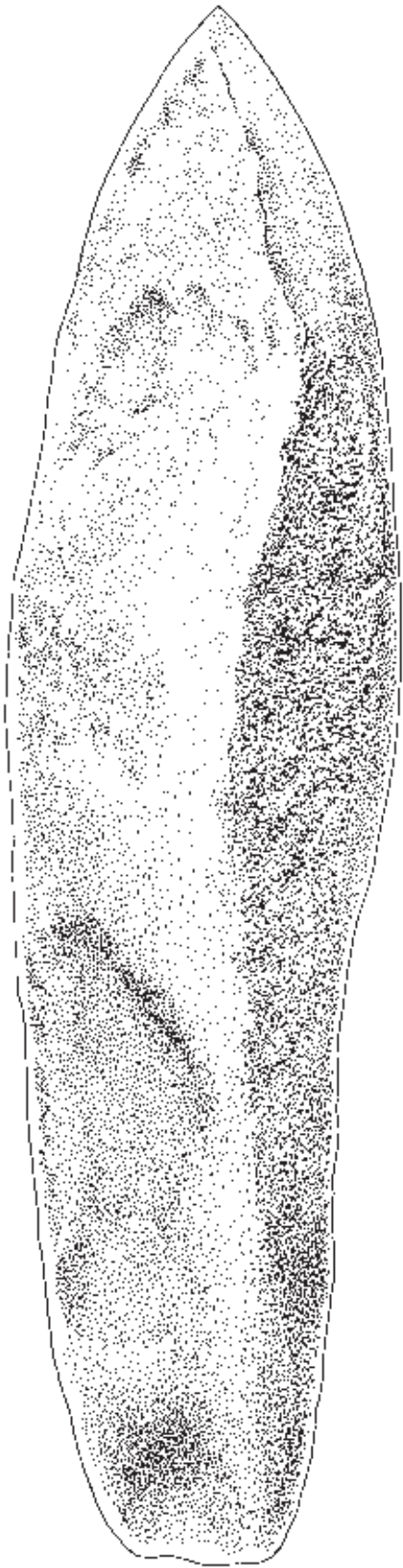
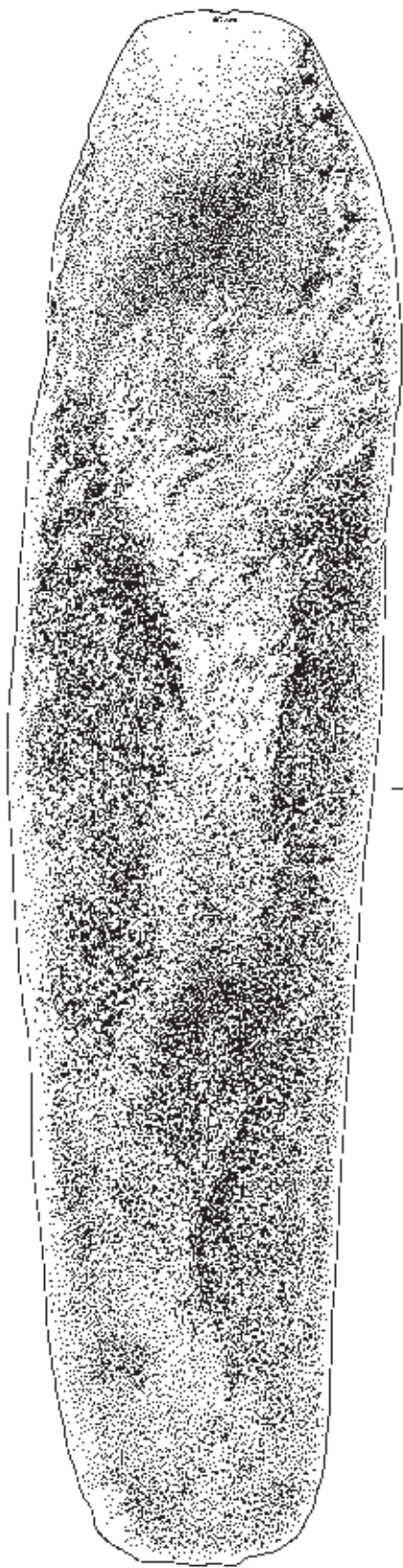
1. *Corredor*: restos de um vaso (K.11-4), fragmento de extremidade distal de machado de anfíbolito K.11-00 e enxó de basalto filoniano alterado K.11-21, correspondendo eventualmente a uma deposição funerária posterior ao fecho da Câmara ou a uma oferta votiva;
2. *Câmara*: depósito votivo localizado junto a ECa.1, incluindo quatro artefactos de pedra polida diferentes, o machadinho L.11-5, o grande machado L.11-2, os dois de anfíbolito, a enxó L.11-5 e a goiva L.11-6, ambas de basalto filoniano alterado e o bojo cerâmico L.11-3. De outras localizações na Câmara, foram registados os trapézios M.11-4 e N.10-1 e a pequena lâmina de sílex M.11-1;
3. *Câmara*: materiais sem contextos imediatos, provenientes de uma ou duas deposições funerárias: L.11-10, um bojo cerâmico, e L.12-4, um pequeno bordo cerâmico;
4. *terras originárias da violação do monumento*, muito provavelmente provenientes da Câmara e recolhidas sobre ela, onde se identificaram materiais de duvidoso significado, particularmente minúsculos e informes fragmentos cerâmicos: L10-1, uma pequena semiesfera maciça de cerâmica;
5. *terras originárias da violação do monumento*, muito provavelmente provenientes da Câmara e recolhidas na superfície exterior ao monumento, correspondendo à área onde deveria ter estado a estrutura tumular.

Quadro 2: restos de talhe, fragmentos de cerâmica e artefactos terminados distribuídos por área do monumento.

ACNI: artefacto cerâmico não identificado (semiesfera maciça de cerâmica, provável elemento de decoração de um vaso cerâmico).

<i>Designação</i>	<i>Corredor</i>	<i>Câmara</i>	<i>Tumulus</i>
ACNI	0	0	1
Carvão	6	4	0
Cerâmica	3	4	6
Enxós	1	1	0
Goiva	0	1	0
Lamelas	1	0	1
Lâminas	0	2	1
Lascas	2	1	0
Machados	1*	2	0
Microburil	0	1	0
Núcleos	1	0	2
Ocre	2	1	0
Restos talhe	2	4	4
Trapézios	0	1	1
<b>Total de artefactos</b>	<b>3</b>	<b>8</b>	<b>4</b>

\* fragmento de gume.



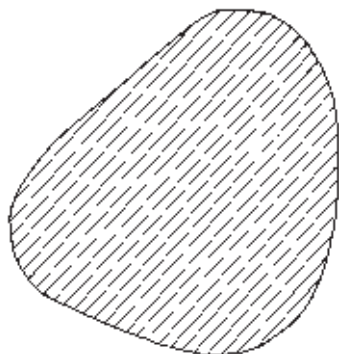


Fig. 21 Machado L.11-2. Escala 1:1.

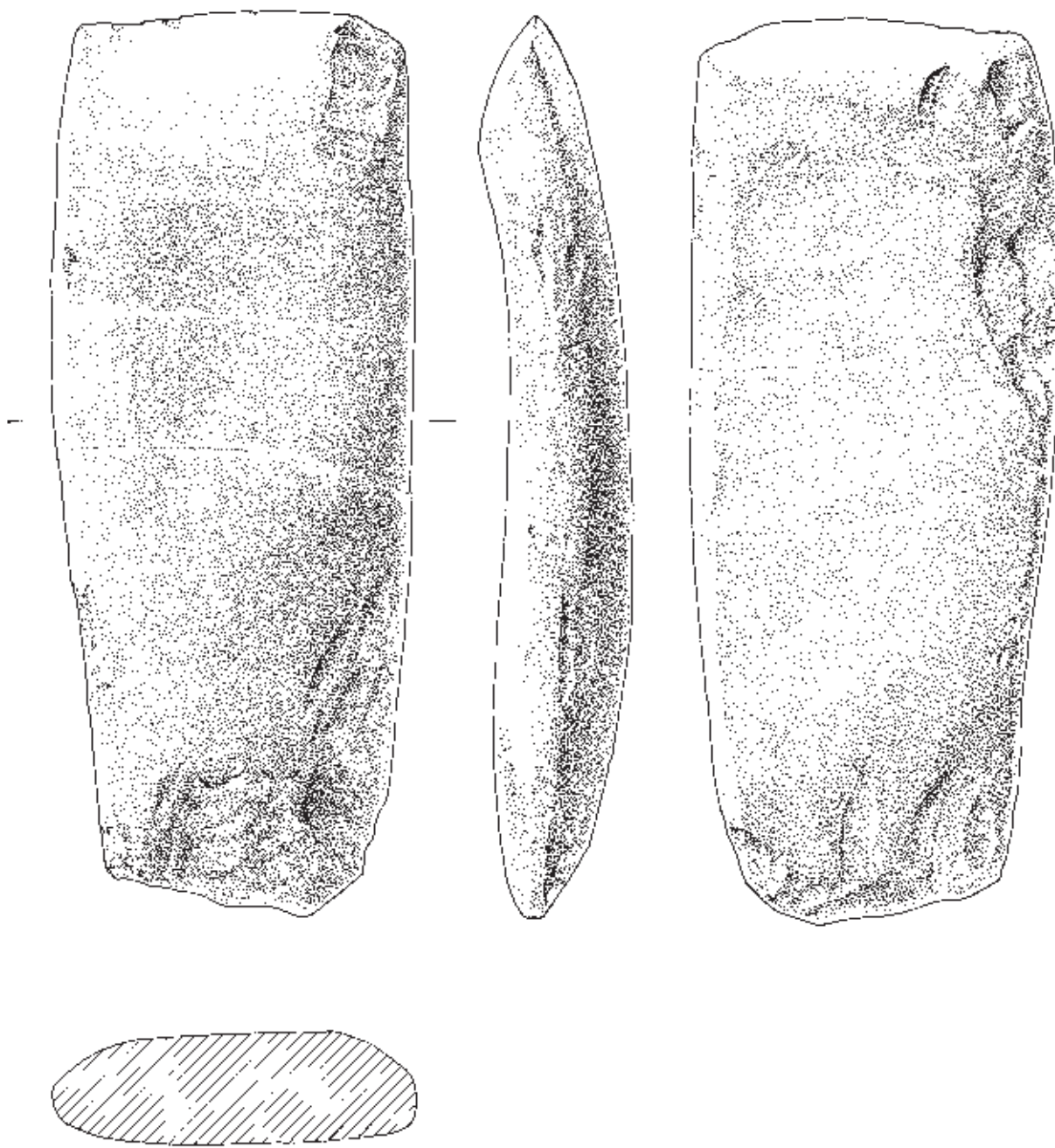


Fig. 22 Enxó de xisto L.11-7. Escala 1:1.



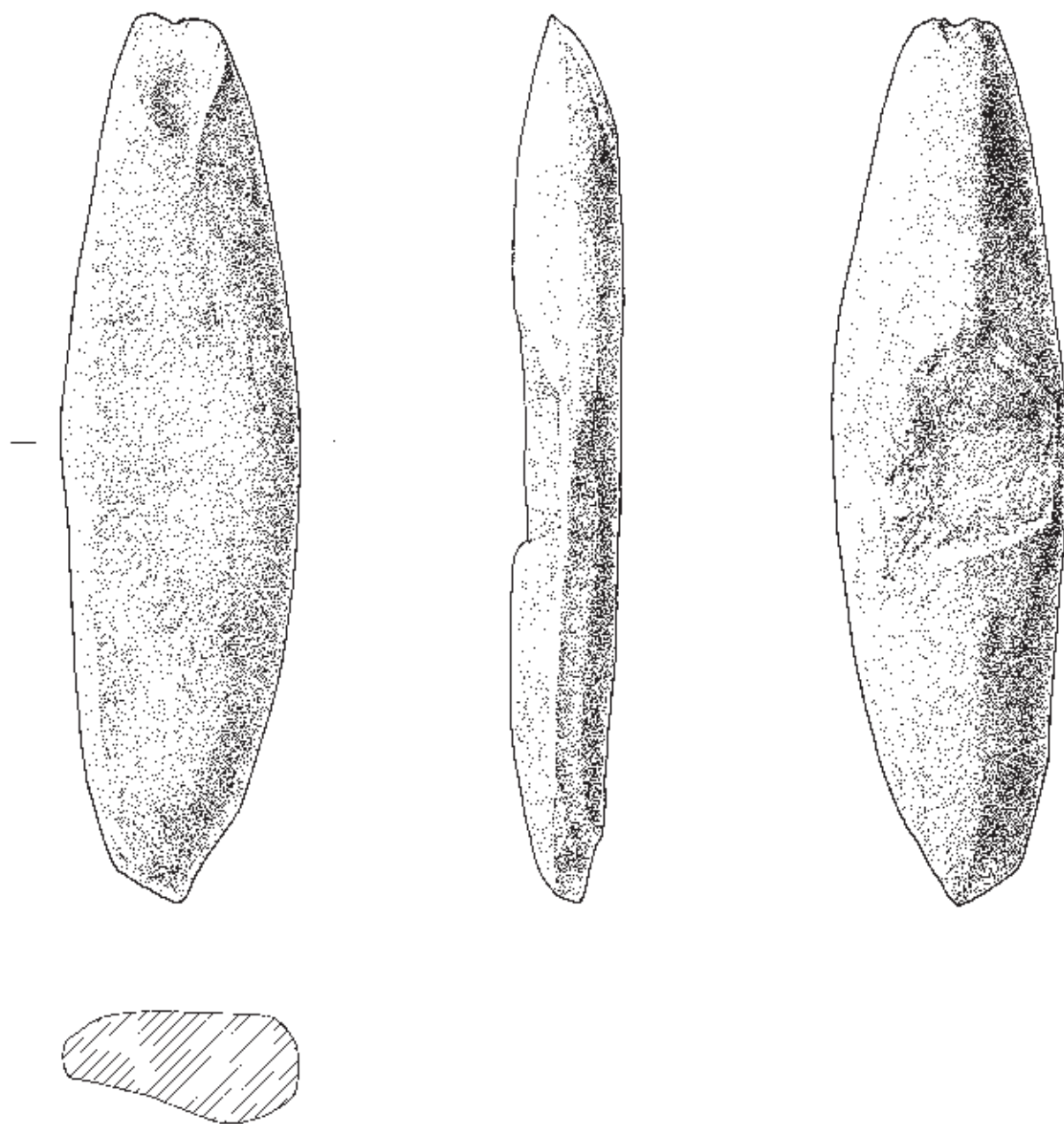


Fig. 23 Goiva L.11-6. Escala 1:1.

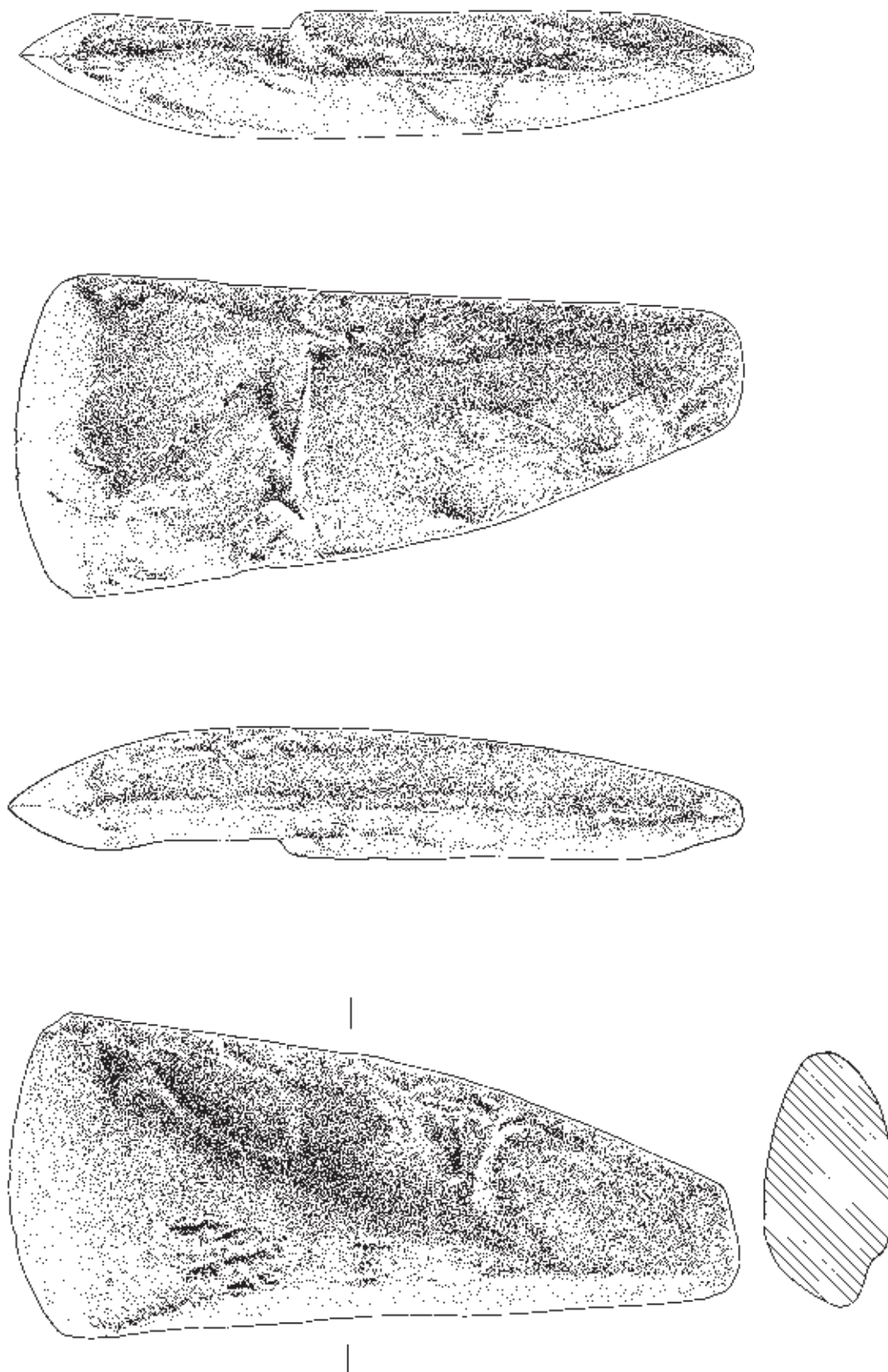


Fig. 24 Enxó de xisto K.11-21 (Corredor). Escala 1:1.

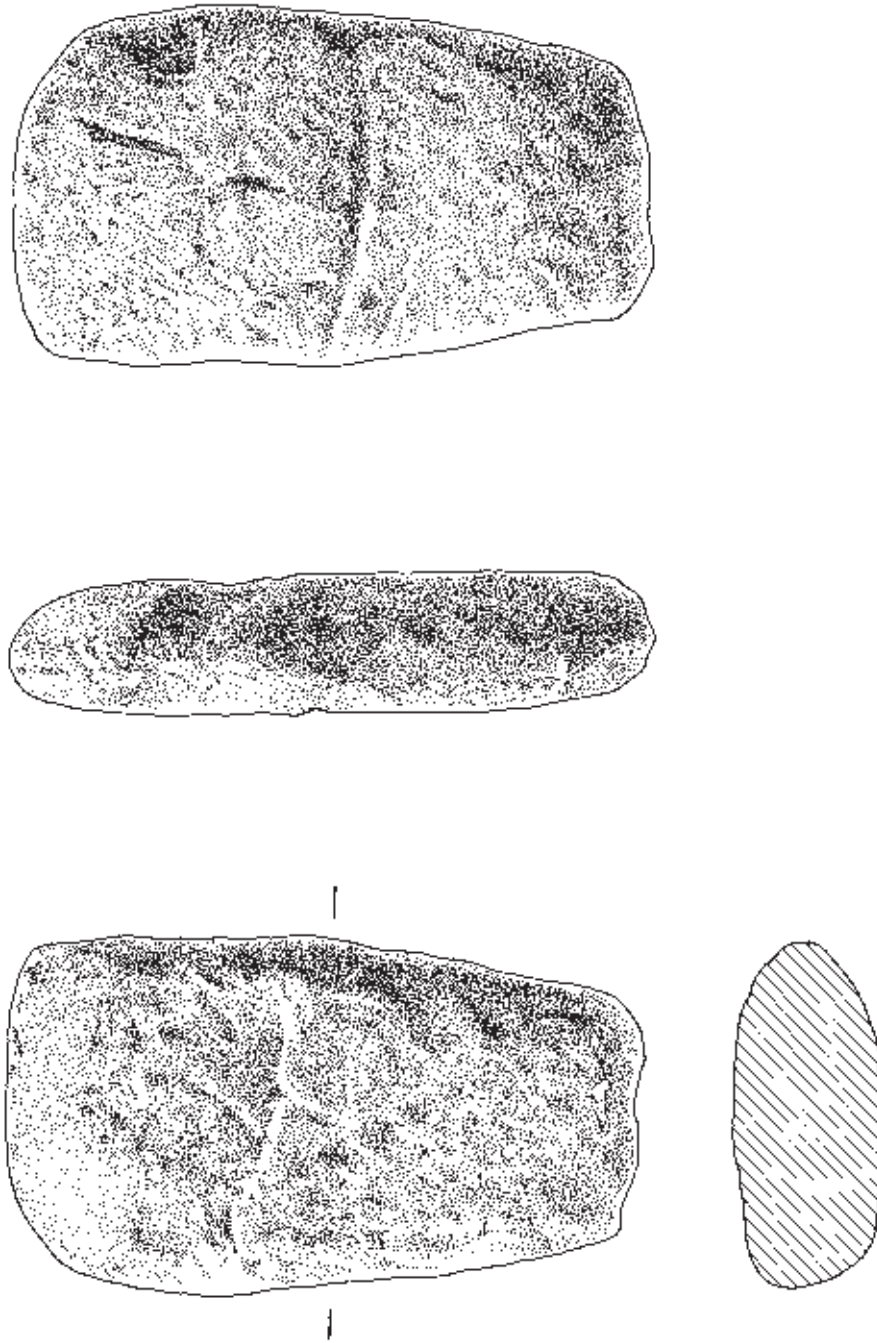


Fig. 25 Machado SUP-3, proveniente do exterior imediato do monumento. Escala 1:1.

Uma observação do Quadro 2 dá-nos uma ideia da situação geral actualmente lida nas diferentes componentes do monumento e de uma recuperação sob reserva da realidade original.

Com efeito, falando primeiro de artefactos terminados, poderíamos facilmente criar dois grupos, o do Corredor, com apenas 3 artefactos (a enxó, o fragmento de gume de machado e os fragmentos atribuíveis a um vaso) e o conjunto Câmara/*Tumulus*, sendo que por *Tumulus* se deve entender aqui, com elevado grau de probabilidade, considerando a movimentação de terras pela máquina, *terras da Câmara projectadas para o exterior desta*. E neste último conjunto teríamos doze artefactos terminados.

Pela integral desapareição de matéria óssea, as conclusões sobre o número de deposições funerárias não são fáceis, ainda que possíveis, se nos basearmos em indicativos confirmados numa situação diferente, mas muito próxima geograficamente, Poço da Gateira 1.

Se considerarmos que na anta escavada pelos Leisner pareceu viável a hipótese de a cada inumação corresponder um geométrico, teríamos 2 inumações na Câmara de Santa Margarida 2, o que confirma observações efectuadas em monumentos do subgrupo oriental sobre a muito reduzida ocupação funerária de estes sepulcros, aliás de dimensões incompatíveis com utilizações colectivas maciças em primeiras deposições.

O restante material lítico, como as pequenas lâminas, não contraria esta interpretação. Quanto às lamelas e às pequenas lascas é mais provável que tenham vindo com a terra transportada do exterior do monumento para o seu interior, sem objecto votivo específico.

Resta-nos naturalmente o depósito dos quatro artefactos de pedra polida. Mas, considerando que todos são diferentes uns dos outros, e que não há qualquer duplicação de formas, poderíamos estar assim perante um acto mágico-religioso único, completando uma das deposições com geométrico.

Sobre o Corredor, permanecem duas possibilidades, ambas viáveis, a de uma única deposição funerária ou de um depósito votivo em honra de alguém já sepultado no interior. Não tenho objectivamente elementos que me permitam favorecer em definitivo uma das duas situações, ainda que a associação machado/enxó verificada possa indiciar efectivamente a existência de uma deposição funerária.

#### 5.1.1.3.2. A matéria prima dos artefactos

Um misto de proveniências locais e de outras, traduzindo contactos transregionais, é a evidência decorrente da análise das matérias primas utilizadas para a obtenção dos artefactos líticos registados na Anta 2 de Santa Margarida.

Detectámos inicialmente o sílex, estranho à região e por isso certamente importado, provavelmente do litoral, e o anfíbolito, comum no Alto Alentejo e usado sobretudo na pedra polida.

Mas uma dúvida pendente referia-se ao que os Leisner por vezes chamavam “xisto anfíbólico” e que foi escolhido como base de talhe e posterior polimento para as duas enxós e para a goiva. O Prof. Paulo Fonseca, do Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências de Lisboa, classificou-o como sendo, na realidade, uma *rocha basáltica filoniana alterada* ou mesmo um *basalto filoniano alterado*, próprio à região. Também o machadinho SUP-3, proveniente do exterior da Câmara e interpretado como sendo provavelmente um artefacto de uso quotidiano dos construtores da anta, é de uma matéria prima possível de encontrar num raio de poucos quilómetros ou mesmo no local da construção do monumento. Trata-se de um *metagranodiorito*, apresentando a peça evidentes sinais de uso.

O significado do anfíbolito é menor, se considerarmos a sua omnipresença em contextos muito variados, desde o Neolítico antigo até ao fim do Calcolítico. Mas o significado do basalto

filoniano alterado é totalmente distinto. Na realidade, é muito pouco comum em contextos avançados, sendo no entanto uma das matérias primas elegidas para o fabrico de goivas e enxós naqueles que habitualmente são considerados os mais antigos monumentos megalíticos conhecidos em Reguengos de Monsaraz, Poço da Gateira 1, nomeadamente.

A questão do basalto filoniano alterado como matéria suporte de enxós e goivas é mais complexa do que poderia parecer, numa perspectiva exclusivamente geológica ou noutra, em que dominem as interpretações que, por vezes apressadamente, os arqueólogos fazem do que observam, mas que se refere a outros campos disciplinares, que conhecem menos.

Poderia dizer-se que a actual cor deste basalto, um verde azeitona muito claro, poderia ter sido uma razão de escolha, para diferenciar estas peças das de anfibolito. O problema é que não podemos determinar actualmente se a cor actual destas peças foi mesmo a que existia na pedra quando foi talhada ou polida, ou se nesse momento ela não teria a cor original, antes da alteração físico-química da superfície, sendo assim tão escura, ou mais, que o anfibolito. Haveria assim intenção de utilizar uma rocha acessível e fácil de trabalhar, mas não necessariamente uma escolha que favorecesse uma cor determinada.

A única questão que parece indiscutível é que esta matéria prima, que se fractura facilmente, foi usada exclusivamente para deposições votivas funerárias, sendo inusável no universo dos vivos, onde se quebraria ao primeiro embate. Recordar-se que outras goivas de Reguengos de Monsaraz foram obtidas a partir de rochas mais resistentes e que portanto se poderiam encontrar já muito perto ou mesmo para além do limite de utilização.

#### 5.1.1.3.3. A questão das goivas

De todo o Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz conheciam-se seis goivas, número que passa a sete, com STAM-2. L.11-6.

Algumas observações sobre este relativamente raro artefacto são sem dúvida interessantes, para além de uma eventual conexão cronológico-cultural dever igualmente ser discutida. Assim, em Reguengos de Monsaraz:

1. apenas aparece uma goiva por monumento;
2. a goiva foi identificada em menos de 10% dos monumentos escavados em Reguengos de Monsaraz. É o caso de Barrocal 4 (a acreditarmos na interpretação dos Leisner referida mais à frente), Duque 1, Gorginos 3, Passo 1, Poço da Gateira 1, Santa Margarida 2 e Vidigueiras 2;
3. nos monumentos em que aparece, a goiva está sempre associada a outros artefactos de pedra polida, integrando em Poço da Gateira 1, eventualmente como substituição da enxó, o famoso par simbólico (Leisner e Leisner, 1951; Gonçalves, 1999a);
4. a presença da goiva em monumentos presumidos antigos, como a emblemática anta de referência Poço da Gateira 1, contrasta com o facto de surgir num monumento tecnicamente evoluído (Passo 1) e com espólio avançado, ainda que bem saibamos como esta associação pode ser contestável;
5. dos sete monumentos em que foi detectada apenas dois revelaram placas votivas de xisto gravadas (sempre “associadas” a báculos de xisto);
6. dos sete monumentos em que a sua presença foi registada, em cinco recolheram-se geométricos: quatro em Duque 1, dois em Passo 1, 22 em Poço da Gateira 1, dois em Santa Margarida 2 e quatro em Vidigueiras 2;
7. nenhuma das goivas recolhidas é exactamente igual às outras, isto é: enquanto os machados ou as enxós se podem agrupar em formas padronizadas, as goivas nunca o foram.

Como se fossem a reprodução de um instrumento da vida real feito de uma outra matéria prima e variando localmente quanto a uma morfologia de base, mantendo traços que permitem o reconhecimento como um único e mesmo artefacto: o alongamento do corpo e, sobretudo, o “golpe de goiva”, o negativo ovalado longitudinal na extremidade distal do artefacto.

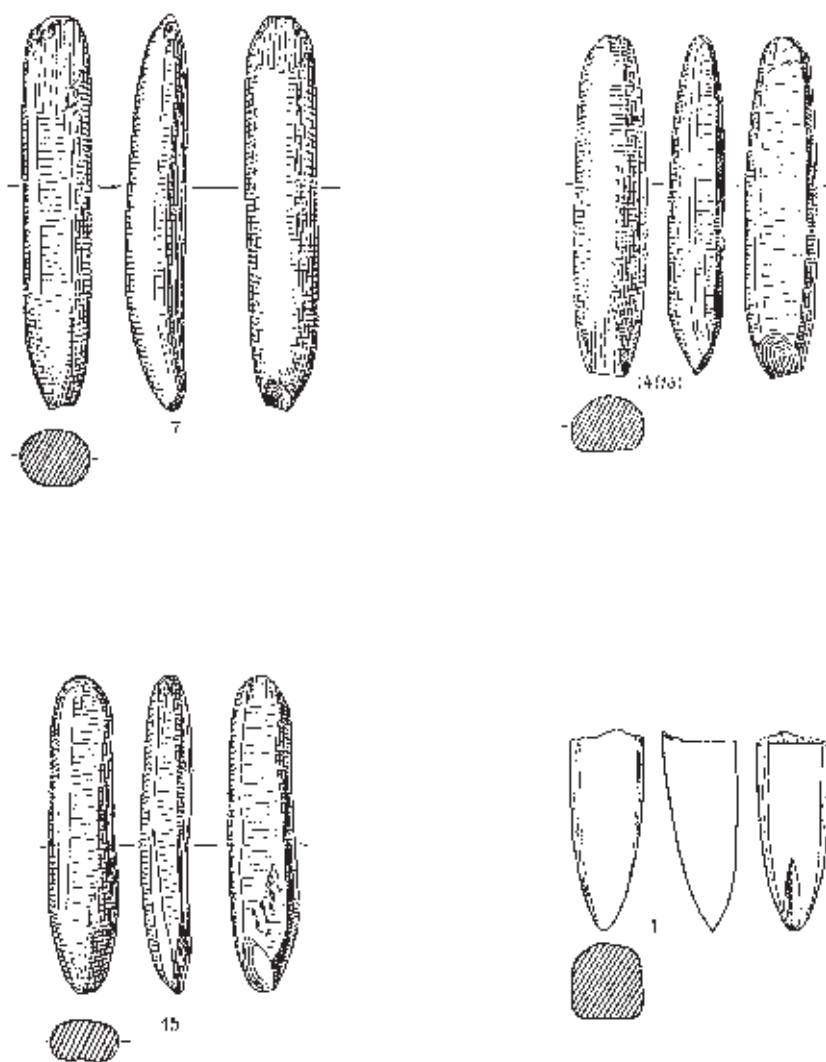
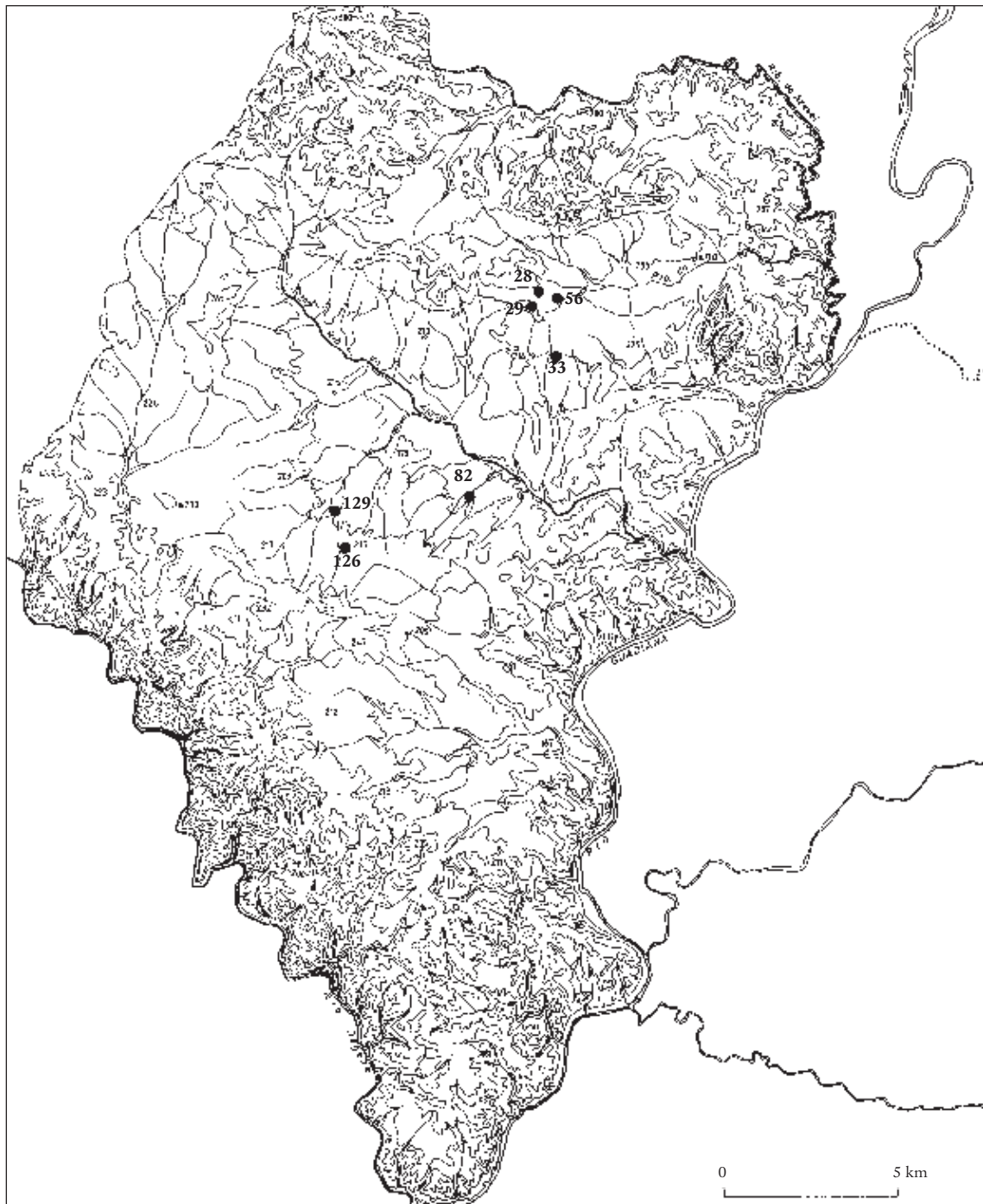


Fig. 26 Goivas provenientes de monumentos megalíticos de Reguengos de Monsaraz. 1: Gorginos 3 (comp. 15,5 cm), seg. Leisner e Leisner, 1951, Est. IX; 2: Vidigueiras 2 (comp. 12,6 cm), seg. Leisner e Leisner, 1951, Est. VIII; 3: Poço da Gateira 1 (comp. 13,2 cm), seg. Leisner e Leisner, 1951, Est. III; 4: Passo 1 (comp. indeterminável), seg. Leisner e Leisner, 1951, Est. XIX. Desconhece-se o paradeiro da goiva referida por Leite de Vasconcelos e atribuída pelos Leisner a Barrocal 4. Supõe-se que a goiva recolhida por Henrique Leonor Pina em Duque 1 se possa encontrar entre a “coleção” de arqueologia guardada num armário da Igreja de Nossa Senhora da Lagoa em Monsaraz, mas não consegui obter confirmação paroquial para esta suspeita, fundada numa informação oral de 1975 do próprio escavador da anta.



Mapa 2 Distribuição das goivas em Reguengos de Monsaraz. Barrocal 4 (# 56), Duque 1 (# 28), Gorginos 3 (# 129), Passo 1 (# 82), Poço da Gateira 1 (# 29), Santa Margarida 2 (# 33), Vidigueiras 2 (# 126).

Uma panorâmica da distribuição das goivas recolhidas em monumentos e sítios funerários do Neolítico, antas, monumentos cistóides, grutas artificiais, ou grutas naturais usadas como espaços funerários, sugere alguns comentários.

Em qualquer contexto, a goiva é um artefacto votivo contextualmente raro (comparado com o número de machados e enxós de pedra polida) e algo enigmático, certamente pela ausência de qualquer informação sobre o seu uso específico e, particularmente, o nosso total desconhecimento sobre os métodos ou processos de encabamento. De sublinhar ainda as dúvidas sobre o seu enquadramento ou localização nas periodizações “clássicas” do Neolítico e, consequentemente, sobre a verdadeira duração do seu uso com finalidades votivas.

Em três áreas principais culturalmente conectáveis se recolheram goivas:

1. Alentejo;
2. Penínsulas de Lisboa e Setúbal;
3. Algarve (complexos funerários cistóides de Monchique).

No Alto Alentejo, em áreas não muito afastadas de Reguengos de Monsaraz, surgiram em monumentos como

1. Elvas: Anta do Poço Novo (uma goiva, dois artefactos de pedra polida e placas de xisto gravadas), Sobreira 1 (uma goiva e sete artefactos de pedra polida);
2. Évora: Anta de Vale de Rodrigo (uma goiva?);
3. Évora: Gruta do Escoural (três goivas);
4. Monforte: Tapada das Noras;
5. Pavia: Lapeira 3, Brissos 1, Tera 1;
6. Ponte de Sor: Herdade de Portugal 1 (uma goiva) e Herdade de Portugal sem indicação de anta (uma goiva);
7. Portalegre: Anta da Coutada dos Cabeceiros (uma goiva e um machado de secção oval).

Nas Penínsulas de Lisboa e Setúbal, recolheram-se goivas nos seguintes espaços funerários das antigas sociedades camponesas:

1. grutas artificiais (S. Pedro do Estoril, Casal do Pardo...);
2. grutas naturais com utilização funerária (Lapa do Bugio, Poço Velho, Cova da Moura, Lugar do Canto, Chocalheira, Furadouro da Rocha Forte...);

No Algarve, regista-se a complexa problemática das necrópoles de Monchique (Viana e Formosinho, 1942; Viana, Formosinho e Ferreira, 1948; Viana, Ferreira e Formosinho, 1949, 1950, 1954 e, particularmente, Formosinho, Ferreira e Viana, 1953), revista recentemente (Gonçalves, 1989 p. 62-67, 1997b). Considerando a especificidade deste caso, justificam-se alguns comentários breves.

As goivas aparecem nas necrópoles de Monchique com a seguinte distribuição e associações básicas:



Quadro 3: goivas nas necrópoles de cistas de Monchique (a partir de Gonçalves, 1989, vol. 1. Fig. 2.17, simplificada).

Mon: # do monumento; Gvs: goivas; Mc: machados de pedra polida; Ex: enxós; Lm: lâminas de sílex; Tpz: geométricos (trapézios).

Necrópole	Mon.	Gvs	Mc	Ex	Lm	Tpz	Cerâmicas	Outros
Buço Preto	2	1	4	5	2	0	0	Cristais de quartzo hialino
Buço Preto	5	1	2	1	2	0	0	0
Eira Cavada	1	1	2	2	0	6	0	0
Palmeira	6	2	9	6	3	3	0	0
Palmeira	7	1	4	3	19	8	27	1 triângulo e 1 “braçal de arqueiro”

Se não é difícil comentar este quadro, mais complicado parece ser tirar dele conclusões definitivas.

Para começar, recordarei a antiga proposta dos Leisner sobre a intermutabilidade dos machados e enxós de pedra polida com as goivas, avançada para o caso de Poço da Gateira 1 e retomada por mim próprio (Gonçalves, 1992, p. 18, 1999a, p. 45-47). Observando o quadro acima, ela parece confirmar-se no caso de Buço Preto 2 (em que a goiva substituiria um machado), Buço Preto 5 (em que substituiria uma enxó), Palmeira 6 e 7 (em ambos casos substituindo uma enxó), não se confirmando apenas em Eira Cavada 1.

Objectivamente, e valendo as percentagens o que valem, teríamos uma confirmação a 80%.

Mais curiosa é a presença de geométricos nos monumentos em que se recolheram goivas: dos cinco monumentos, eles estão presentes apenas em três, com números comparativamente interessantes. Com efeito, em Eira Cavada 1 ultrapassam apenas por um exemplar a soma da pedra polida, em Palmeira 7 igualam-na e só em Palmeira 6 a desproporção é evidente, com apenas três geométricos para 17 artefactos de pedra polida.

Outra perspectiva de leitura poderia valorizar um aspecto que já sublinhei para Reguengos de Monsaraz: o número de goivas por monumento. E em 80% dos casos (4 situações em 5) apenas uma goiva surge por monumento. E devo sublinhar que a excepção é pouco surpreendente, uma vez que em Palmeira 6 o número muito elevado de artefactos de pedra polida, precisamente 17, define também uma situação única no conjunto. Assim, o único caso em que num só monumento surgem duas goivas é precisamente o do monumento que apresenta mais do quádruplo da soma de artefactos de Buço Preto 5, em que eles surgem em número mais reduzido. Algum sentido deve haver aqui, ainda que, com as nossas actuais limitações, vejamos com dificuldade qual possa ser.

Alguns destes monumentos cistóides de Monchique configuram situações que poderão eventualmente reclamar uma certa antiguidade dentro do Neolítico, mas não certamente Palmeira 7, um estranho monumento que concentra um extraordinariamente numeroso espólio lítico e cerâmico e...um “braçal de arqueiro”, ao qual nenhum contexto conhecido permite atribuir uma data antiga, pré-calcolítica.

Referi noutra tempo que este conjunto de monumentos de sepulturas individuais (ou eventualmente, em raros casos, talvez de pares de indivíduos) poderia traduzir a evolução local, num contexto de “interior”, das práticas funerárias mesolíticas e neolíticas tardias da costa sudoeste, do litoral alentejano. Não é impossível e não vejo hoje nenhum dado que nos impeça de manter ainda de pé tal hipótese de trabalho, ainda que continue a aparecer como indiscutível o grande leque temporal de construção e uso das cistas de Monchique, partindo provavelmente de inícios do IV milénio, mas atingindo certamente o III milénio. Como acontece, muito provavelmente, com as representações votivas de goivas...

Nas grutas artificiais de S. Pedro do Estoril, Alapraia e Casal do Pardo, as goivas estão presentes na primeira e na última de aquelas necrópoles, sendo possíveis as seguintes observações:

1. são também em número rarefeito (duas em S. Pedro do Estoril 2, uma em Casal do Pardo 2 e outra sem exacta proveniência de gruta conhecida);
2. surgem em apenas um monumento por conjunto;
3. as eventuais associações artefactuais são pouco esclarecedoras;
4. apenas em Casal do Pardo 2 aparecem associadas a geométricos;
5. aparecem sempre em monumentos onde outros artefactos de pedra polida, nomeadamente machados e enxós, estão presentes;
6. só em Casal do Pardo 2 aparecem num conteúdo artefactual global que inclui placas de xisto gravadas;
7. mas o conjunto de Casal do Pardo é o único dos referidos onde existem deposições de placas de xisto gravadas em todos os monumentos.

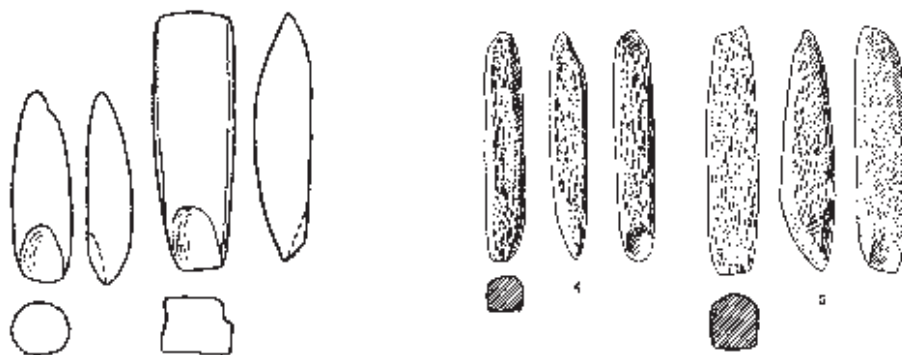


Fig. 27 Goivas das grutas artificiais do Casal do Pardo e de S. Pedro do Estoril 2 (segundo Leisner, Zbyszewski e Ferreira, 1961, e Leisner, Paço e Ribeiro, 1964).

Quadro 4: goivas e outros artefactos nos complexos funerários de grutas artificiais nas Penínsulas de Lisboa e Setúbal (seg. Gonçalves, 1995b, completado) • A: Alapraia (Cascais, Lisboa) • SPE: S. Pedro do Estoril (Cascais, Lisboa) • CP: Casal do Pardo (Palmela, Setúbal) • CPsig: Casal do Pardo, sem indicação de Gruta.										
Gruta	A2	A3	A4	SPE1	SPE2	CP1	CP2	CP3	CP4	CPsig
Goivas	○	○	○	○	●	○	●	○	○	●
Enxós	○	○	○	●	●	●	●	●	●	●
Machados	●	○	○	●	●	●	●	●	●	●
Geométricos	●	○	●	○	○	●	●	●	●	●
Placas de xisto	●	○	○	○	○	●	●	●	●	●

● presença  
○ ausência

De toda esta situação, o mais complexo diz claramente respeito a S. Pedro do Estoril 2, uma gruta artificial, portanto uma verdadeira necrópole colectiva, com um espólio muito peculiar, correspondendo a um mínimo de 20 deposições efectuadas junto às paredes, com os indivíduos sentados, de cócoras. As oferendas votivas eram aparentemente muito escassas: uma lâmina de sílex, nenhum geométrico, machados de secção circular, enxós e goivas, numerosos seixos, nenhum artefacto para adorno pessoal, alguns furadores e sovelas de osso, cerâmica escassa e

atípica, nenhuma placa de xisto gravada ou qualquer outro artefacto relacionado com o sagrado (o que é no mínimo estranho num universo tipológico como o das grutas artificiais, onde os artefactos votivos de calcário têm uma presença maciça).

No enterramento 5 da Lapa do Bugio, em Sesimbra, uma goiva aparece associada a geométricos (trapézios) e a uma enxó, mas também a placas de xisto gravadas (Cardoso, 1992; Gonçalves, 1995b, Quadro da p. 251). Em pleno litoral, e num dos mais confusos conjuntos de associações artefactuais já registados, no que constitui verdadeiramente motivo de enlouquecimento certo para qualquer linearista evolutivo que se preze. Substituiria aqui um machado, constituindo um par simbólico com a enxó? Ou estaremos perante uma coincidência?

Recorde-se a peculiaridade da situação da Lapa do Bugio, em que os enterramentos são conjuntos fechados, com associações referidas directamente a um único indivíduo (se o registo de escavação tiver sido bem feito, claro, o que infelizmente não é seguro).

As goivas aparecem assim em contextos diferenciados, em regiões distintas, nem sempre conectadas ao megalitismo ortostático.

Mas não se passaria o mesmo se falássemos de machados ou enxós, sem outra especificação? Usados desde o Neolítico antigo, não é impossível que ainda os fizessem na Idade do Bronze. Só que, quanto a eles, a morfologia da secção foi sempre usada como separador: a secção circular correspondendo ao Neolítico antigo e médio, a secção oval conhecida sobretudo no Neolítico “médio” e a secção rectangular ou quadrangular própria dos exemplares calcolíticos. Para as goivas, a observação essencial nunca foi feita: a morfologia das faces varia conforme os exemplares, sendo planas em alguns, côncava em outros, e a própria secção varia entre o subcircular muito irregular, o quadrangular e o sub-rectangular alongado.

Que significa este último dado em termos de cronologia?

Não sabemos.

Parece assim interessante procurarmos nas formas dos artefactos conhecidos as informações que nos faltam alhures, ainda que admitindo à partida, como já escrevi há muitos anos, recordando Lévi-Strauss, que as goivas (como os machados...) não se reproduzem biologicamente, umas não têm conteúdo genético de outras, anteriores, e que, portanto, a simples noção de uma sua “evolução” deve ser corrigida de acordo com as informações contextuais, justamente as mais difíceis de obter com fiabilidade a partir de enterramentos colectivos. Particularmente os escavados antes do nosso tempo, mas também os que, pelas perturbações pós-deposicionais sofridas, dificultam ou impedem a leitura de associações cronologicamente significativas.

## 5.2. Ritos funerários

A identificação de ritos funerários específicos faz-se naturalmente através da presença do esqueleto, ou de restos dele, associado a traços concretos de actividades simbólicas directamente relacionadas com o morto. O que fora das áreas de solos alcalinos (ou de grutas naturais ou artificiais) é muito raro de encontrar. Em Reguengos de Monsaraz, onde os solos quando não têm a elevada acidez do granito têm a não menos elevada acidez do xisto, apenas em situações muito limitadas temos acesso a este tipo de informação. Foi o caso de Poço da Gateira 1, mais pelo cuidado do trabalho dos Leisner que por razões de conservação dos ossos, de que praticamente nada restava, e do *tholos* OP2b, anexo à grande Anta 2 do Olival da Pega. Mas aí foi certamente o efeito antiácido das cinzas do grande fogo de higienização ateadado no monumento que evitou a destruição total da matéria orgânica.

De informação indirecta, temos cinco tipos de ritos funerários, os dois primeiros e o quarto mais consolidados que os restantes. Trata-se

1. do ritual do ocre;
2. do depósito votivo de artefactos de pedra polida;
3. dos fogos localizados dentro da Câmara ou do Corredor dos monumentos;
4. da estrutura de condenação da Câmara;
5. da questão da escolha entre deposição simples ou com enterramento dos corpos na Câmara ou Corredor.

### 5.2.1. Ritual do ocre

O perfil, obtido sobretudo na Câmara, definiu, sob o amontoado de pedras resultante da violação, um primeiro nível grosseiramente consolidado, seguido por outro, junto à rocha desagregada, que continha artefactos já referidos e traços claros do ritual do ocre, com manchas de microespessura ainda visíveis junto ao topo da Câmara do monumento, junto ao lugar onde esteve implantado ECa.3.

Também uma bolsa no interior do alvéolo de ECa.6 forneceu sinais da presença de ocre:

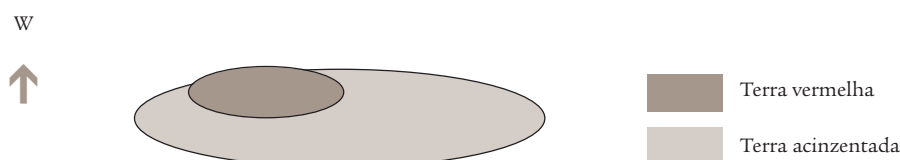


Fig. 28 Mancha de ocre em ECa.6.

Igualmente se encontraram no Corredor traços, ainda que ténues, de ocre vermelho (registo K.11-18, a um Z de 201,25 e K.11-09, a um Z de 201,00).

Em várias situações se recolheram nas antas de Reguengos de Monsaraz indícios do uso de ocre vermelho nos rituais fúnebres. Desde a situação de Poço da Gateira 1, em que a quantidade de ocre usada foi tal que alguns dos artefactos estavam originalmente cobertos por uma espessa película cor de sangue seco, até Olival da Pega 2, em cujo corredor se distinguiam pequenas manchas localizadas de ocre vermelho.

Recorda-se que em Alcalar 5 (um *tholos*, é certo, e não uma anta), se recolheu um almofariz de calcário ainda com os traços do ocre vermelho aí triturado (MNA-8619-A5, Gonçalves, 1997a, p. 207).

É fácil (e provavelmente pouco arriscado) recordar que o ocre vermelho pode ser considerado uma boa imitação do sangue e portanto assumir um simbolismo relacionado com a sua perda fatal, ou com o que significaria simbolicamente a sua recuperação, por este ritual.

É uma descoberta precoce para a nossa espécie, patente pelo menos desde o Paleolítico superior, comum no Neolítico, e que parece terminar como prática mágico-religiosa com o fim do Calcolítico.

### 5.2.2. *Depósito votivo*

Recordado de quantas vezes me irritou no passado o uso imprudente, desastrado ou mesmo fraudulento, de esta expressão na bibliografia arqueológica, não é sem algumas hesitações e muita reflexão que uso aqui a expressão “depósito votivo” para referir globalmente os quatro artefactos de pedra polida recolhidos em conexão junto a ECa.1, o primeiro esteio da Câmara.

Vários argumentos justificam a aplicação do conceito, que aliás, em sentido estrito e singular, poderia aplicar-se a qualquer artefacto ou objecto intencionalmente depositado num contexto tumular ou simbólico:

1. a sua associação espacial parece incontestável, não resultando de perturbações pós-depositacionais, mesmo antigas;
2. a especificidade genérica comum a todos eles, tratando-se exclusivamente da mesma categoria de artefactos;
3. o facto de, formalmente, não haver repetições, parecendo tratar-se assim da intencional deposição de quatro artefactos do mesmo género, mas de espécies distintas;
4. independentemente da não-funcionalidade específica que a maioria dos artefactos assume neste contexto, estas *representações de artefactos* correspondem a tipos funcionais reais: os machados, que cortam, a enxó, que desbasta a madeira, descascando-a ou cortando-a em pranchas, a goiva, para o eventual trabalho específico da madeira talhada.

A funcionalidade dos artefactos votivos é sempre muito duvidosa, tratando-se basicamente, na maior parte dos casos, de *imagens de artefactos*, mais propriamente de *artefactos não funcionais* que representavam *artefactos efectivamente funcionais*. Assim, nestas condições, não é forçoso que o suporte corresponda sempre às situações reais, o que é particularmente evidente no caso das enxós de basalto filoniano alterado, que, pela fragilidade da matéria prima, não poderiam ser usadas no quotidiano sem que se fragmentassem ao primeiro impacto. Mas, neste caso, não deixa de ser curioso que os dois artefactos que representam outros a usar em tarefas pesadas sejam manufacturados exactamente na mesma pedra que a usada no mundo dos vivos.

No Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz, outra situação muito similar a esta foi descrita para Gorginos 3 e, o que é particularmente interessante, para um número idêntico de artefactos: “Ao canto entre os esteios *b* e *c*, diante do esteio *c* e junto do bordo sul deste esteio, encontraram-se, à altura de 0,08-0,30 m acima do chão, 4 instrumentos de pedra polida que escaparam à pilhagem e cuja posição, indicada na planta, deve corresponder à primitiva.” (Leisner e Leisner, 1951, p. 310).

É certo que em Gorginos 3 os quatro artefactos se encontravam aparentemente em plano e ligeiramente afastados uns dos outros, e não quase sobrepostos, como acontecia em Santa Margarida 2. Não se questiona que morfologicamente não sejam exactamente idênticos aos de STAM-2 (os machados têm uma secção quase circular), mas, na realidade, trata-se da mesma associação de *uma* goiva a *uma* enxó e a *dois* machados. O que algum significado deve ter tido, mesmo que hoje tenhamos dificuldade em descortiná-lo.

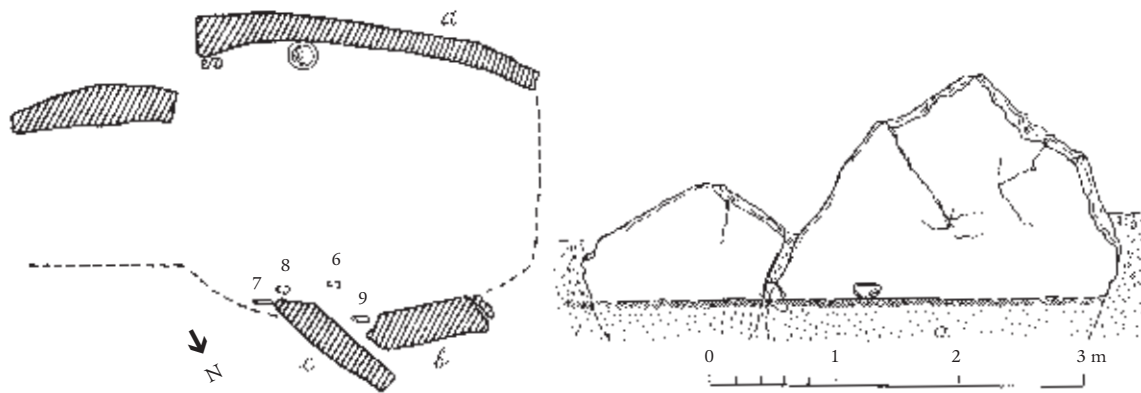


Fig. 29 Planta com localização (6 a 9) do espólio do depósito votivo de Gorginos 3 (Leisner, 1951, Est. IX).

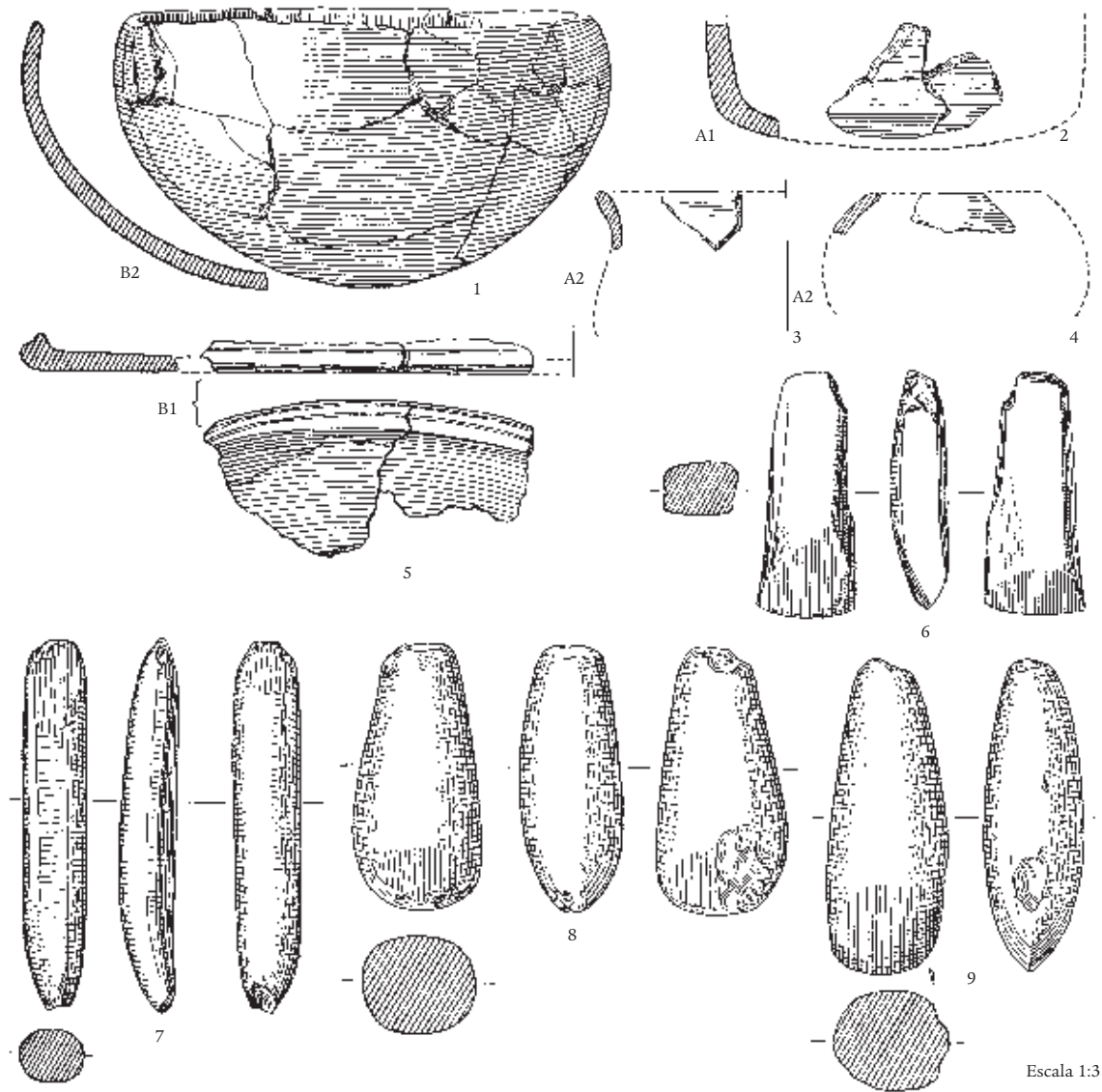


Fig. 30 Espólio de Gorginos 3, com materiais cerâmicos evoluídos (prato baixo, vaso acampanado), contrastando com machados de pedra polida de secção circular. Os números 6 a 9 referem os artefactos incluídos no depósito votivo (Leisner, 1951, Est. IX).

### 5.2.3. Estrutura de condenação da Câmara

Charles-Tanguy Le Roux (2000, p. 267-282) chamou recentemente a atenção para a importância simbólica das estruturas de condenação das Câmaras dos monumentos megalíticos.

Queria, porém, sistematizar as possibilidades que se antevêm nos casos “portugueses”:

*Situação A* (o fecho da Câmara é feito pelos construtores ou primeiros utilizadores do monumento):

1. a condenação da Câmara faz-se como sistema prático de encerrar o monumento, limitando o seu uso aos que já lá se encontravam depositados;
2. a condenação da Câmara faz parte de um sistema mais complexo, interpretável nos contextos do simbólico, fechando o regresso do morto ao mundo dos vivos.
3. a condenação da Câmara faz-se para proteger o seu conteúdo.

*Situação B* (o fecho da Câmara é feito num contexto mágico-religioso posterior):

1. como forma de manter afastados os mortos que não pertencem ao novo grupo de utilizadores;
2. como processo de gerir o espaço ainda utilizável no Corredor ou melhor definir o novo espaço de utilização.

Como é evidente, não temos outra solução a propor nem queremos escolher entre estas. Não estamos no Egipto antigo ou na Mesopotâmia, onde os túmulos continham riquezas cuja protecção implicava a montagem de dispositivos de fecho das Câmaras e de protecção no acesso geral ao monumento. Acredita-se que os vasos de barro, as placas de xisto, a pedra polida e, por força de razões, os geométricos, não atraíssem potenciais violadores de túmulos, pelo que a questão se encontra realmente entre definir a privacidade do espaço funerário ou confinar a ele o próprio morto.

Mas a questão pendente desde a escavação da Anta 2 do Olival da Pega, e que será desenvolvida na monografia sobre aquele complexo funerário, em curso de preparação, diz respeito ao momento em que são construídos os *tholoi* anexos, OP2b e OP2d. Segundo tudo leva a crer, foi nessa altura exacta que os construtores dos monumentos de falsa cúpula barraram o acesso do Corredor da anta imediatamente a montante do troço em que iriam trabalhar para a construção dos novos monumentos. Isolaram assim o espaço funerário anterior do novo, em reconstrução. Se o fizeram por razões práticas, tendo pilhado a Câmara da anta primeiro, ou se, pelo contrário, quiseram “fechar” dentro de um espaço selado os mortos que não eram seus, eis uma questão que poderíamos discutir longamente, para a qual são várias e divergentes as respostas, mas que não posso, neste contexto, deixar de referir por ter directamente que ver com a questão da autoria do fecho de Santa Margarida 2.

Na presente situação, poderiam permanecer dúvidas sobre a autoria de um acto simbólico (ou prático) de grande importância e significado, atribuível ao grupo que construiu e utilizou o monumento ou aos novos ocupantes da região.

Em relação à primeira opção, poderíamos dizer a seu favor que, não havendo ocupação da primeira metade do III milénio, teriam sido os “indígenas” a fechar definitivamente o monumento.

Mas, reforçando a primeira, há a proximidade das antas Santa Margarida 1 e 3, que formam com a Anta 2 um triângulo quase perfeito (Ver Mapa 2). Talvez fosse aquando da construção da Anta 1 que a Câmara da Anta 2 foi selada. E é para esta hipótese que pessoalmente, e com as reservas que a situação aconselha, me inclino.

#### 5.2.4. Traços de combustão

Recolheram-se microquantidades de carvão que, analisadas por Paula Queiroz, do CIPA, revelaram tratar-se de fogos de carvalho cerquinho (*Quercus faginea*), de urze roxa (*Calluna vulgaris*) e de queiró (*Erica umbellata*). Estes carvões foram recolhidos em pleno nível arqueológico, não havendo aparentemente dúvidas quanto à fiabilidade de se encontrarem *in situ*, livres de deslocções provocadas por fenómenos pós-deposicionais. Ainda que considerada a violência das perturbações que o monumento recentemente sofreu, mais antigos que a construção do monumento não parece possível. Mais recentes que a sua utilização, o  $^{14}\text{C}$  confirmou que não.

Os carvões recolhidos na Câmara e Corredor não podem ser interpretados como restos de fogos de higienização, como os verificados em Olival da Pega ou em outros monumentos do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz, considerada a dimensão muito restrita das áreas afectadas. Podem eventualmente ter que ver com pequenos actos rituais praticados no interior da Câmara ou, após o seu fecho, no Corredor. E a dimensão reduzida das recolhas parece confirmá-lo. Mas a margem de dúvida exigida pela escassez de informação poderia mesmo aconselhar que este ponto fosse colocado no exterior da categoria relacionada com os ritos fúnebres.



Fig. 31 *Erica umbellata*, queiró (foto José Mateus, CIPA).



Fig. 32 *Calluna vulgaris*, urze roxa (foto José Mateus, CIPA).



Fig. 33 *Quercus faginea*, carvalho cerquinho (foto José Mateus, CIPA).



### 5.2.5. *Deposição ou enterramento*

O que sabemos sobre o depositar dos corpos nos monumentos megalíticos é um conjunto por vezes contraditório de informações com diversos graus de fiabilidade.

Naturalmente que apenas nos casos em que possuímos informação directa sobre os corpos podemos arriscar afirmações com um grau aceitável de confiança, ainda que outro tipo de inferências seja também possível.

Em Reguengos de Monsaraz verificam-se duas situações confirmadas:

1. *primeiras deposições* dos corpos, num contexto do IV milénio, em Poço da Gateira 1 (se acreditarmos, como me parece possível, na interpretação dos dados de escavação feita pelos Leisner), e, num contexto do III milénio, no *tholos* OP2b e na utilização última da Câmara da Anta Cebolinhos 2 (trabalhos meus, em curso de publicação);
2. *segundas deposições*, de “pacotes” de ossos, depositados definitivamente em sepulcros megalíticos, após uma decomposição prévia verificada alhures.

A primeira situação é confirmada pela reconstituição da conexão eventual dos esqueletos com as oferendas votivas (Poço da Gateira 1) ou pela conexão dos ossos identificados (OP2b e Cebolinhos 2).

A segunda é inferida da presença de placas votivas com decoração geométrica, não perfuradas, e portanto sem possibilidade de serem suspensas ao pescoço do morto (Gonçalves, 1992, p. 77-80 e sobretudo p. 90), em contexto funerário.

Mas não se avançou até ao presente, certamente por falta de dados, se os corpos seriam simplesmente *depositados* ou efectivamente *enterrados*, isto é: cobertos com terra.

Parece-me que a presença nos sedimentos da Câmara de Santa Margarida 2 de restos de talhe e de várias lascas de quartzo poderiam sustentar, ainda que muito fragilmente, a hipótese do enterramento. Mas só registos minuciosos da escavação das Câmaras de outros monumentos megalíticos poderão separar o trigo do joio, neste caso restos de artefactos, subprodutos de talhe e lascas ocasionais, transportados para o interior dos monumentos com a terra usada para cobrir os mortos, daqueles que efectivamente, e traduzindo actos simbólicos, os acompanhariam no além túmulo ou manifestariam a veneração dos vivos para com quem já não existia no mundo real.

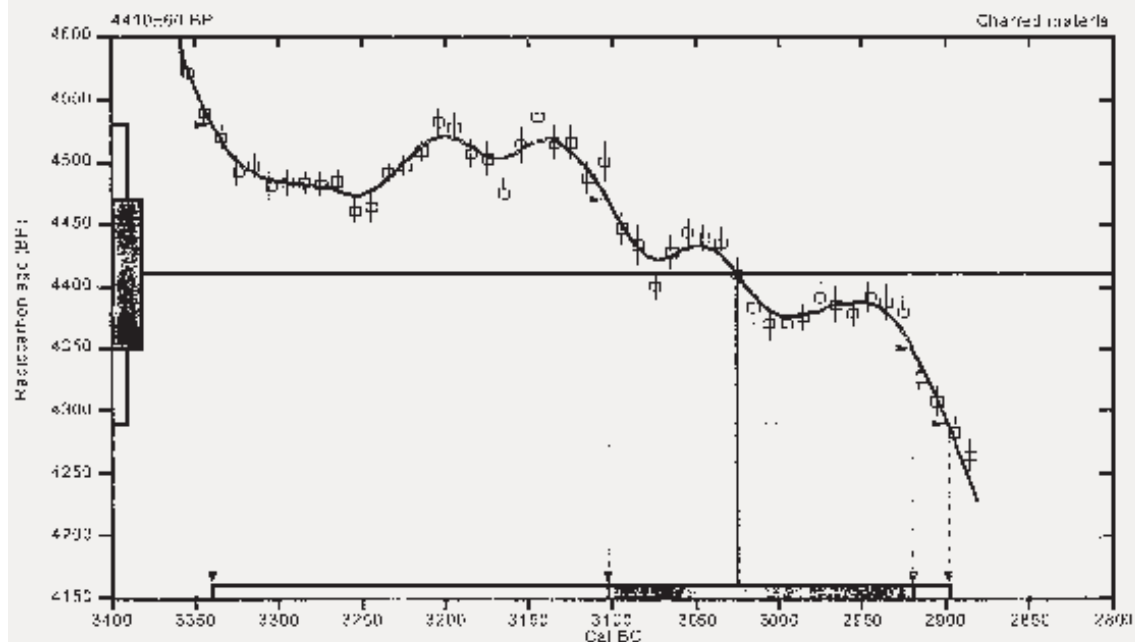
## 6. Radiocarbono e cronologias absolutas

Das três amostras disponíveis de carvão com proveniências seguras, escolheu-se, para uma primeira datação, a que pertencia a uma espécie de vida curta a *Erica umbellata*, queiró, proveniente de um plano ligeiramente acima do que se presume ter sido o chão original do monumento. O carvão estava sob e protegido pela estrutura pétreo de fecho Corredor - Câmara, sendo por isso indiscutivelmente imediatamente anterior à condenação da Câmara. Supunha-se também, à partida, por se tratar de uma espécie hoje desaparecida do Alentejo, que estaria garantida a sua antiguidade e fiabilidade.

A datação, por AMS, foi efectuada nos Laboratórios Beta Analytic, Inc., da Florida, USA, e deu os seguintes resultados:

Quadro 5: datação de radiocarbono Beta-153911 para o fecho da Câmara de STAM-2 e respectivo gráfico de calibração.

Ref.	Tipo de amostra	Registo, Origem e Coordenadas	$^{13}\text{C}/^{12}\text{C}$ ratio	Anos $^{14}\text{C}$ BP	Anos cal BC, 1 $\sigma$	Anos cal BC, 2 $\sigma$ **
Beta-153911	Carvão	K.11-15; imediatamente sob a estrutura de fecho Corredor - Câmara; X:127, Y:159, Z:201,32*	-26.1 0/00	4410±60	3100-2920	3340-2900



## References:

*Database used*

*Calibration Database*

*Editorial Comment*

*Stuiver, M., van der Pleij, H. 1998, Radiocarbon 40(1), 100-101*

*INTCAL98 Radiocarbon Age Calibration*

*Stuiver, M. et al. 1998, Radiocarbon 40(1), 1001-1052*

*Mathematics*

*A Simplified Approach to Calibrating  $^{14}\text{C}$  Dates*

*Talbot, A. S., Vogel, J. C. 1993, Radiocarbon 35(1), 317-322*

**Beta Analytic Inc.**

1950 YB - 1 Center, Miami, Florida 33155 USA - Tel: (305) 967-1167 - Fax: (305) 994-0942 - E-Mail: [beta@betaanalytic.com](mailto:beta@betaanalytic.com)

\* altimetria absoluta.

\*\* intercepção da idade em anos de radiocarbono e da curva de calibração: cal BC 3100-2920 (cal BP 5050-4870)

Em relação à amostra datada, Darden Hood assegurava “It provided plenty of carbon for an accurate measurement and the analysis went normally.” (fax de 2001-04-03).

Comentar esta datação deve fazer-se numa diversificada série de perspectivas, no que se refere ao Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e ao seu enquadramento local e regional. Para já, sublinho que o que ela data realmente é o encerramento de um monumento já existente, blo-

queando o seu interior. É um momento provavelmente ligeiramente anterior àquele em que se fecha (com xisto e não com granito, como aqui) o Corredor de OP2. Mas não é, de forma alguma, necessariamente a data da construção do monumento, para a qual funciona na realidade como *terminus ante quem*.

Como a datação de radiocarbono obtida para o fecho da Câmara de Santa Margarida 2 o sugere, o monumento é selado em fins do quarto milénio (o ponto de intersecção dos anos de radiocarbono e da curva de calibração está localizado entre cal BC 3100-2920), o que é compatível com o início da instalação em Reguengos de Monsaraz dos grupos de arqueometalurgistas que constróem *tholoi* e não antas, mas que não hesitam em reutilizar estas, como foi possível constatar em vários monumentos megalíticos que escavei na região.

De qualquer forma, o que esta data indica pela primeira vez na história do estudo do megalitismo de Reguengos de Monsaraz é que em fins do IV milénio não estava ainda generalizado na região o uso das placas de xisto com gravação geométrica, generalização essa que as três datações da primeira fase de utilização do *tholos* OP2b colocam claramente na primeira metade do III milénio (Gonçalves, 1996).

É a primeira vez que o podemos escrever sem reserva e espero que outras datações venham permitir uma maior confiança na fiabilidade dos dados agora disponíveis.

Na verdade, a cronologia absoluta do Neolítico “médio” e “final” alentejano não foi recentemente objecto de progressos consideráveis, particularmente se tivermos em conta o que contrastantemente se verificou para o Calcolítico. No caso concreto do megalitismo, também se não pode classificar a situação de excelente, consideradas as datações por vezes claramente aberrantes registadas para monumentos do Alto Alentejo ou a inexistência de contextos fechados a que elas se refiram. E só esta realidade permitiria uma polémica inevitável, mas que não chegou ainda a existir (uma polémica até agora putativa, diríamos), situação bizarra que só se deve certamente ao facto de as dúvidas de todos serem tão grandes e a escassez de dados tão desmesurada que ninguém soube como começar (ou sequer se valeria a pena).

Refiro-me naturalmente ao uso necessariamente crítico das datações de radiocarbono obtidas para amostras provenientes da necrópole neolítica da Gruta do Escoural (onde justamente se recolheram três goivas...), divulgadas definitivamente por Araújo e Lejeune (1995) e comentadas na própria monografia, num texto individualizado, por A. Monge Soares.

Comece-se por dizer que as datas dizem respeito a materiais presumivelmente descontextualizados ou retirados de contextos muito pouco esclarecedores, parcialmente recolhidos em escavações antigas, sendo impossíveis de generalizar a um tão diversificado conjunto artefactual, que inclui geométricos, vasos mais ou menos semiesféricos, alguns com engobe vermelho (*almagre*), sem placas de xisto, mas com alguns artefactos votivos de calcário e...cerâmica impressa cardial. O todo parece representar, em meu entender, uma mistura de Neolítico “médio” local com aquilo que na Península de Lisboa costumo definir *em termos cronológicos* como a transição do IV para o III milénio e, *em termos culturais*, como o estabelecimento de uma nova situação social correspondente a um modelo económico até então desconhecido. E neste todo vislumbram-se ainda uns pózinhos do V milénio, se não esquecermos as cerâmicas cardiais, que por alguma razão foram parar à gruta, muito provavelmente acompanhando mortos...

Os próprios comentários de Ana Cristina Araújo são suficientes para perceber as reservas com que as datas devem ser consideradas, mais uma vez sublinho que não por elas próprias, mas pelos contextos complexos a que se referem. Justifica-se assim transcrição integral:

“As duas primeiras amostras foram por nós recolhidas em 1989 na Galeria 4, em pequenos nichos à **superfície**, e encontravam-se cobertas por calcite. A primeira (G.4.3) corresponde a um

fragmento de osso íliaco direito de adulto que se encontrava associado a um conjunto homogêneo de que faziam parte bastantes fragmentos ósseos, cerâmica, e uma concha de *Pecten*; a segunda (G.4.4), uma diáfise de tibia esquerda pertencente a um indivíduo aparentemente jovem, também se encontrava associada a outros fragmentos ósseos humanos. As duas amostras seguintes, também por nós recolhidas em 1989, provêm ambas da galeria 12, que nunca foi escavada. A primeira (G.12.3), corresponde a um fragmento proximal de diáfise de um fémur direito, que se encontrava completamente coberto por concreções calcíticas; a segunda (G.12.4), corresponde a um fémur direito desprovido da epífise distal. Estas duas últimas amostras encontravam-se inseridas em conjuntos compreendendo diversos fragmentos ósseos humanos **sem espólio associado**. A amostra ICEN-861 foi recolhida em 1964 na Sala 1, talhão I, e corresponde a um fragmento proximal de fémur humano direito. A última amostra (OxA-4444), um fragmento de tibia humana, foi recolhida em 1963 no “Grupo 18” da Galeria 3 (galeria 7 da nossa planta), e corresponde a uma **provável deposição individual**.” (Araújo e Lejeune, 1995, p. 74, as passagens em *bold* são de minha responsabilidade).

São as seguintes as datações divulgadas para o Escoural:

Quadro 6: datações para a necrópole neolítica da Gruta do Escoural, segundo A. Monge Soares, in Araújo e Lejeune, 1995.				
<i>Ref.</i>	<i>prov.</i>	<i>tipo</i>	<i>anos BP</i>	<i>anos cal BC 2 sigmas</i>
Lv-1922	G.4.3	Osso humano	4500+60	3358-3026, 2978-2929
Lv-1923	G.4.4	Osso humano	4610+60	3613-3602, 3518-3260, 3244-3101
Lv-1924	G.12.3	Osso humano	4460+70	3338-3011, 3007-2924
Lv-1925	G.12.4	Osso humano	4420+60	3332-3216, 3197-3155, 3138-2911
ICEN-861	Sala 1	Osso humano	4680+80	3643-3306, 3231-3182, 3162-3117
OxA-4444	G.3/g.18	Osso humano	5560+160	4765-4735, 4728-4040, 4011-4009

Vale também a pena reproduzir duas passagens da autoria de Monge Soares que definem e delimitam de *per si*, à partida, o possível âmbito da polémica: “A única data (OxA-4444) que aponta para uma cronologia compatível com o Neolítico Médio carece de fiabilidade. Foi obtida a partir de uma amostra de um osso humano com um conteúdo apenas residual em colagénico e amostras nestas condições, mostra a experiência, quer sejam processadas pelas técnicas clássicas, quer o sejam pela técnica AMS, como foi o caso, conduzem normalmente a resultados errados.” (Monge Soares in Araújo e Lejeune, 1995, p. 111).

E ainda “Será, talvez, aqui de recordar também que o espólio funerário da camada vermelha da Lapa do Fumo, muito semelhante ao da gruta do Escoural — cerâmica almagrada, vasos esféricos e esféricos altos, taças caneladas, micrólitos, ausência de pontas de seta, artefactos de osso — diferindo apenas pela presença de placas de xisto, ao contrário do que acontece no Escoural, foi datado, a partir de uma amostra de ossos humanos, em 4420±45 BP (ICEN-240) (Soares e Cabral, 1993). Os enterramentos da camada vermelha são, pois, contemporâneos das deposições da Gruta do Escoural. Nesta, embora não existam placas de xisto, foram encontradas duas placas de grés em contexto infelizmente desconhecido. A contemporaneidade entre placas de xisto e placas de grés está atestada, por exemplo, no pequeno monumento do Monte da Velha 2, em Vila Verde de Ficalho (Serpa), um dos raríssimos sepulcros megalíticos encontrado intacto, sem ter sofrido qualquer violação (Soares e Arnaud, 1984). Por isso, não repugnaré associar as duas placas de grés da gruta às deposições funerárias aí ocorridas. Parece, assim, haver uma diversidade grande, que se

poderá tornar mais nítida à medida que a investigação arqueológica avançar, entre espólios funerários contemporâneos.” (Monge Soares in Araújo e Lejeune, 1995, p. 113-114).

Neste texto, A. Monge Soares, a quem alguns de nós devem agradecer contar-se entre os infelizmente poucos arqueólogos peninsulares que lidam correctamente com datas de radiocarbono, valoriza ou omite certos pontos que importa esclarecer, para que o debate seja finalmente possível. Vê-los-emos um por um, e de seguida procuraremos compreender o que realmente agita a questão, acrescentando a estas citações uma outra, indispensável para fundamentar o ponto nodal aqui em discussão:

Consta da argumentação:

1. valorização da presença ou ausência de placas de xisto gravadas com motivos geométricos e placas de grés (lisas ou antropomórficas, a diferenciação não é feita);
2. vidas relativas (em sequência ou simultâneas) dos dois tipos de placas;
3. significado dos geométricos em contextos funerários;
4. definição cronológica da cerâmica a almagre.
5. uso da comparação cronológico-cultural com a camada vermelha da Lapa do Fumo, no litoral sul da Península de Setúbal.

Estão ausentes referências:

1. ao enquadramento cronológico dos artefactos votivos de calcário, no entanto com três exemplares conhecidos na gruta;
2. à presença do Neolítico antigo (cardial) no contexto funerário da gruta (seria esta cerâmica cardial também de fins do IV milénio ou estaria desconectada das deposições funerárias?);
3. à possibilidade de a duração de uso do espaço funerário ser suficiente para cobrir realidades tão mal definidas como as que se referem ao Neolítico “antigo”, “médio” e “final”.

Em relação aos elementos argumentados como significantes e aos omitidos (certamente por serem considerados insignificantes), poderá ser observado que

1. na verdade, no Escoural não existem placas de xisto, *nem de grés*: o que existe são duas paletas que nada têm que ver, salvo na matéria suporte, e mesmo isso não é certo, com as placas de grés, antropomórficas ou não, registadas na faixa que vai das Penínsulas de Lisboa/Setúbal ao Alto Alentejo (e que passa exactamente por Montemor-o-Novo);
2. o problema da eventual contemporaneidade das placas de grés e de xisto não está resolvido, nem no plano teórico nem no campo da datação radiométrica. Na verdade, o que existe em MV2 não é propriamente o que existiu na Confederação Helvética (e não resisto a sublinhar, ainda que tardiamente, o fino humor manifestado na escolha do acrónimo pelos autores do texto sobre o pequeno mas importante, e sobretudo bem escavado, monumento alentejano...). Na verdade, a placa de MV2 é paralelizável não com as placas de grés que habitualmente referimos como tal, mas com a placa da Anta do Curral da Castelhana, no Alto Algarve Oriental (Gonçalves, 1989, vol. 2, p. 193, Fig. 121 e 325, Est. 245), um monumento com espólio tardio, incluindo placas de xisto;
3. entre os factores invocados, e bem, é naturalmente incluída uma das situações mais auto-desestabilizantes da análise artefactual aplicada às sociedades camponesas do IV milénio

(e, provavelmente, da transição do IV para o III): o significado cronológico e cultural da presença dos geométricos em conjuntos funerários. Presentes em Reguengos de Monsaraz em pelo menos doze monumentos megalíticos, Comenda 2 (Leisner # 36), Duque 1 (# 28), Fari-soa 1 (# 111), Gorginos 2 (# 128), Olival da Pega 1 (# 50), Passo 1 (# 82), Piornal 2 (# 70), Piornal 3 (# 71), Poço da Gateira 1 (# 29), STAM 2 (# 33), Vidigueiras 1 e 2 (# 125 e 126), os geométricos (normalmente trapézios) vêm habitualmente associados a um pacote “antigo” (Poço da Gateira 1, Vidigueiras 2...), quando o não estão a um aparentemente mais “recente” (Olival da Pega 1...). Só que estão definitivamente ausentes de contextos claramente dados da primeira metade do III milénio, como a primeira fase de utilização do *tholos* 2b do Olival da Pega (OP2b), com três datações confirmando-se entre si (Gonçalves, 1996), ou de outros presumidos da mesma época (Xarez 1);

4. a cerâmica com um espesso engobe vermelho (almagre) existe pelo menos desde o Neolítico antigo evoluído (Camada 2 do Abrigo das Bocas, Rio Maior), mas é pouco conhecida, ou mesmo desconhecida, em contextos de fins do IV milénio, em anos de calendário;

5. a “camada vermelha” da Lapa do Fumo é realmente um argumento de peso, sobretudo se considerarmos a sua homogeneidade e aparente fiabilidade. Mas a comparação faz-se aqui entre duas áreas cujo estudo em paralelo está por fazer. Nada sabemos, também, sobre a sua efectiva duração, uma vez tratar-se de um espaço usado para enterramentos colectivos.

Na realidade, a delicadeza da interpretação de estes dados nem sequer deriva da invocação de Poço da Gateira 1, que está longe de, globalmente, representar um paralelo convincente para a necrópole neolítica do Escoural. Na verdade, o que iria decorrer das conclusões para que Monge Soares nos conduziria é também o facto de elas incluírem com nitidez as suas próprias condicionantes de uso na construção de um processo de síntese.

Com efeito, duas possibilidades decorreriam de aceitarmos as propostas avançadas para uma cronologia absoluta, homogénea, da necrópole neolítica do Escoural e, sobretudo, se acreditássemos na proximidade ou nos paralelismos propostos com Poço da Gateira 1. Assim, segundo Monge Soares (1995, p. 114): tratar-se-ia, em alternativa, de

1. “(...) uma população que sofre o impacto da calcolitização, que poderá mesmo assimilar as inovações tecnológicas inerentes (notem-se os bucrânios, o carro e o arado gravados no santuário exterior), continua, no entanto, a manter essencialmente os mesmos rituais funerários anteriores;

2. (...) a população que depositou os seus mortos na gruta do Escoural não passava, nos últimos tempos em que isso se verificou, de uma franja que se manteve afastada das inovações que outros grupos habitando próximo já tinham assimilado, modificando o seu comportamento cultural (entendido aqui no seu sentido mais abrangente).”

Desde a escola dos *Annales* que se sabe que primeiro muda o económico, depois o social e só por fim o mental, mas nenhum dado disponível nos permite usar aqui, como chave descodificadora, essa máxima, noutros contextos pura evidência. Poderíamos talvez invocá-la distraidamente se as eventuais representações de um carro e de um arado no santuário exterior correspondessem em termos de cronologia absoluta à necrópole neolítica. Mas não o sabemos e não me parece provável que seja possível estabelecer algum dia a possibilidade efectiva de essa sincronia.

Assim, nenhuma destas alternativas me parece aceitável, pensando antes que a necrópole “neolítica” do Escoural já escavada, que nada tem que ver com o povoado murado do topo, é um

espaço fúnebre de longa duração, onde cabem efectivamente conjuntos artefactuais distintos, o mais antigo dos quais incluindo certamente a cerâmica cardial e o mais recente os artefactos votivos de calcário. Pelo meio ficam, provavelmente, outras referências e outros conjuntos, actualmente dificilmente destrincháveis no espólio proveniente dos antigos trabalhos.

Mas que tem tudo isto que ver com a Anta 2 da Herdade de Santa Margarida e com a sua possível cronologia?

De algum modo, *nada e tudo*.

*Nada*, porque se trata efectivamente de duas situações distintas, uma necrópole provavelmente de longa duração em gruta natural e um pequeno monumento funerário megalítico de lotação limitada.

*Tudo*, porque questões como o significado dos trapézios, das goivas e da ausência de placas votivas de xisto se repetem nos dois sítios.

Na realidade, e para começarmos pelo fim, a questão das placas de xisto é incontornável. Presentes na Anta 1 da Herdade de Santa Margarida e ausentes na Anta 2, a proximidade entre os dois monumentos inviabiliza uma situação de diversidade cultural a tão curta distância (falamos aqui de centenas de metros...), não sendo aceitável que estivessem presentes e ausentes se os dois monumentos fossem contemporâneos. A ausência de placas é própria de um conjunto funerário “megalítico” claramente anterior àquele em que elas representam o essencial do simbólico. E este é um dos poucos factos que considero indiscutível no que se refere ao megalitismo alentejano.

Na necrópole neolítica do Escoural, não longe aliás de um *tholos* literalmente *cheio* de placas, a ausência de estes artefactos ideotécnicos tem efectivamente um significado cronológico, seja qual for a dimensão do intervalo que medeia entre as duas situações.

Para resumir numa casca de noz o que penso sobre a cronologia da necrópole neolítica do Escoural, não é impossível que tenha existido uma fase funerária do Neolítico “médio” e uma outra, posterior, do Neolítico “final” ou mesmo do Calcolítico “inicial”. Assim sendo, talvez a datação OxA-4444 não seja afinal tão aberrante quanto pareceu inicialmente...

Claro que, como infelizmente bem sabemos, a lógica aplicada às sociedades humanas nem sempre funciona e, no estado actual dos nossos conhecimentos, persiste esta questão por resolver: será possível que estejamos todos enganados?

Por mais estranho que pareça após o que acabo de escrever, não creio que seja uma resposta a afastar em definitivo.

## 7. Discussão e síntese

### 7.1. Necrópole e necrópoles em Reguengos de Monsaraz. O caso de Santa Margarida

Uma leitura apressada dos textos base sobre o megalitismo de Reguengos de Monsaraz poderia conduzir à assimilação e fusão de dois conceitos que raramente têm necessariamente que ver um com o outro. Nessa perspectiva, “as antas da Herdade das Areias”, por exemplo, poderiam ser entendidas como “a necrópole megalítica da Herdade das Areias”. Georg e Vera Leisner, com a cabeça arrumada que nos habituámos, hoje talvez erradamente, a associar ao pensamento germânico, organizaram a sua apresentação do megalitismo de Reguengos de Monsaraz de uma forma estritamente administrativa: primeiro, o *Concelho*, depois as *Freguesias*, finalmente as *Herdades* (e depois microtopónimos, como é o caso do *Olival da Pega* ou do *Olival do Cominho*, ou ainda ajudas para localização rápida, como *Poço da Gateira*). Não tomaram em conta, como factor de

identificação, ou possível indicador de subgrupos, linhas de água, como o Degebe ou a Ribeira do Álamo, a própria distribuição específica que os monumentos apresentavam em função da geologia ou da capacidade de uso dos solos, que me coube analisar no meu livro de 1992 e recuperar posteriormente por diversas vezes.

O pensamento dos Leisner não estava errado, apenas cumpria normas correntes na época. Nem Georg nem Vera Leisner primaram por intuições brilhantes ou subtis, a propósito do Neolítico, do Calcolítico ou do Megalitismo, mas por um sólido trabalho de campo, cuidado e honesto. A tal ponto cuidado que na sua monografia de 1951 poucos erros se detectam hoje, a tal ponto honesto que os dados de terreno lhes bastaram para afastar as suas sólidas convicções hiperdifusionistas, como se pode facilmente observar no caso da identificação da sequência antas - *tholoi*, que contradizia tudo aquilo em que, a respeito, acreditavam até então. Poucos arqueólogos portugueses aliás, mesmo hoje, infelizmente, lhes seguiram o exemplo, deixando adormecer erros de leitura que os seus próprios trabalhos posteriores evidenciaram. E não seria errado citar aqui Bento de Jesus Caraça, que dizia não temer o erro, por estar sempre disposto a corrigi-lo.

A nível do megalitismo, o conceito de proximidade não é forçosamente significativo de intenção deliberada na implantação dos monumentos. O que torna absurda a obsessiva preocupação em falar de um grande monumento central e de outros periféricos que o satelitizam, quando frequentemente os mesmos autores defendem intransigentemente a maior antiguidade dos monumentos periféricos. A fórmula inicial é boa para Knowth, mas Knowth é na Irlanda, no Vale do Boyne, que não é propriamente o Degebe ou o Álamo. A fórmula inspira-se aliás, talvez, mais longe ainda, no antigo Egipto, onde o túmulo do faraó era rodeado por túmulos das suas mulheres, ministros e sacerdotes. Mas dificilmente encontra suporte em Portugal.

Alguns monumentos apresentam, no entanto, em Reguengos de Monsaraz, para além de uma evidente proximidade, conteúdos coerentes e comuns, que indicam que a proximidade não é aí um acaso. É a situação que veremos na monografia sobre o Olival da Pega, cujas duas antas deverão ter sido construídas (e depois reutilizadas) na mesma altura e cuja localização é assim significativa. É a situação de algumas das pequenas antas dos Gorginos e talvez, não sendo certo, das Vidigueiras. É possivelmente a situação de algumas (mas não todas) das antas das Herdades da Farisoa e das Areias.

Mas não me parece que seja esta a situação em Santa Margarida.

Das três antas de Santa Margarida, conhecemos hoje a arquitectura e o espólio das duas primeiras. E a análise dos primeiros fragmentos cerâmicos recolhidos na Anta 3 parece indicar que ou houve uma reocupação já calcolítica da anta ou esta é de raiz um monumento mais recente que os outros.

Teríamos assim, provavelmente, uma ordem de construção Anta 2 → Anta 1 → Anta 3, sem que houvesse a ideia de construir um espaço de necrópole comum ou se partilhassem pressupostos de localização idênticos.

Não há, em meu entender, uma necrópole megalítica de Santa Margarida, mas três monumentos construídos em épocas diferentes, sem qualquer preocupação de um agrupamento progressivo que definisse um espaço funerário comum.

## 7.2. *As antas com seis esteios no Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz: a distribuição, o significado, o espólio*

A primeira questão é óbvia, até mesmo para um não iniciado: será que o número dos esteios da Câmara de um monumento megalítico tem um qualquer significado?



Bem, depende do que se entender por “significado”. A nossa espécie está longe da inocência (relativa) dos manatins e há sempre um significado e uma razão para o que quer que seja.

Pode dizer-se que a fórmula construtiva mais divulgada para a Câmara das antas, sete esteios ou ortóstatos, corresponde a uma técnica de construção em que o esteio de cabeceira seria colocado em primeiro lugar, o que originaria quase invariavelmente um número ímpar de esteios na Câmara, uma vez que estes cresceriam simetricamente a partir da pedra de cabeceira. Esse processo construtivo, logicamente maioritário nos monumentos que chegaram até hoje, não é porém único. Em Reguengos de Monsaraz, conhecem-se antas com cinco, seis, sete, oito e nove esteios. Se o primeiro, o terceiro e o último caso não implicam assimetria na construção, as antas com seis esteios ou oito representam realmente qualquer coisa distinta das restantes. Não são nem melhor nem pior construídas, são construídas de forma diferente.

Essa diferença nota-se na organização do espaço funerário da Câmara, de uma de duas maneiras:

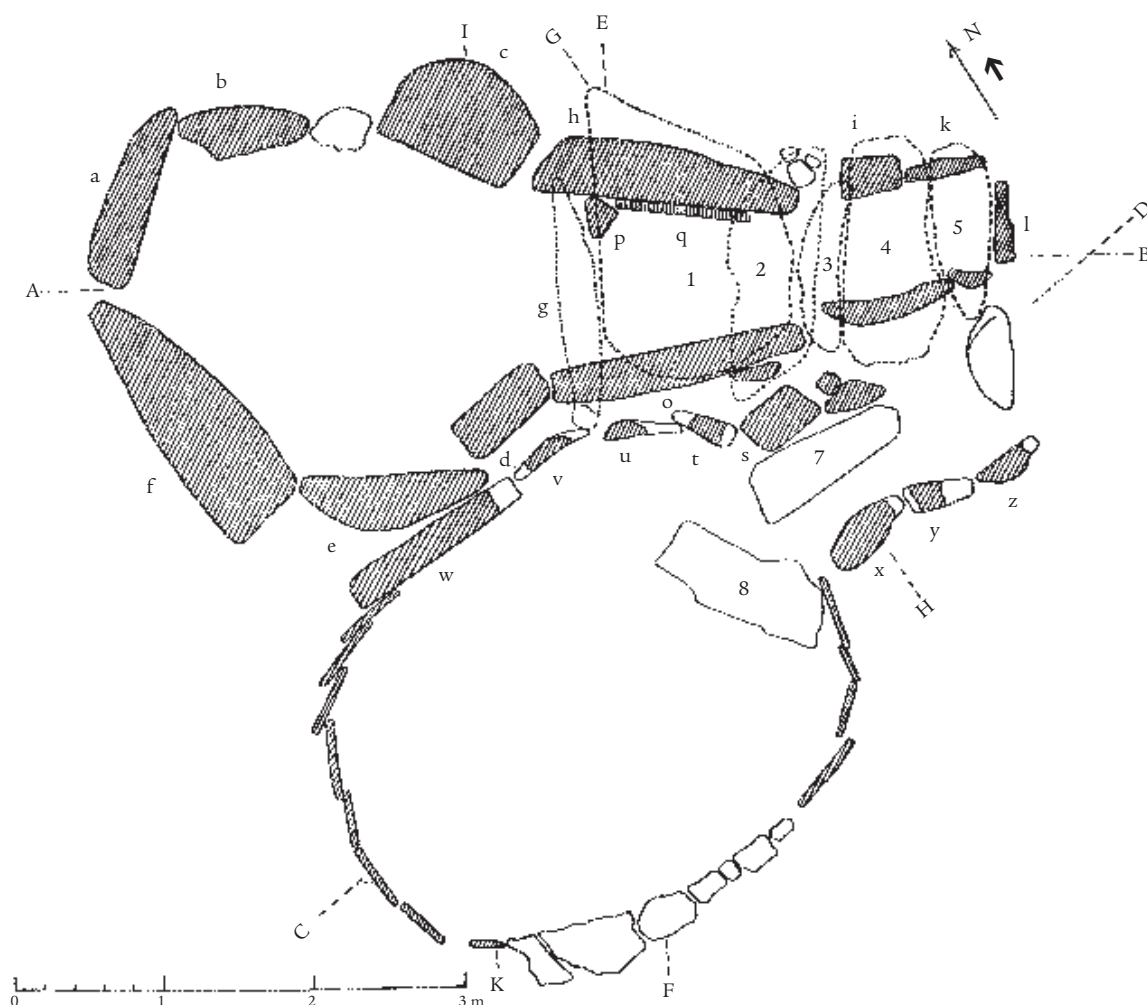
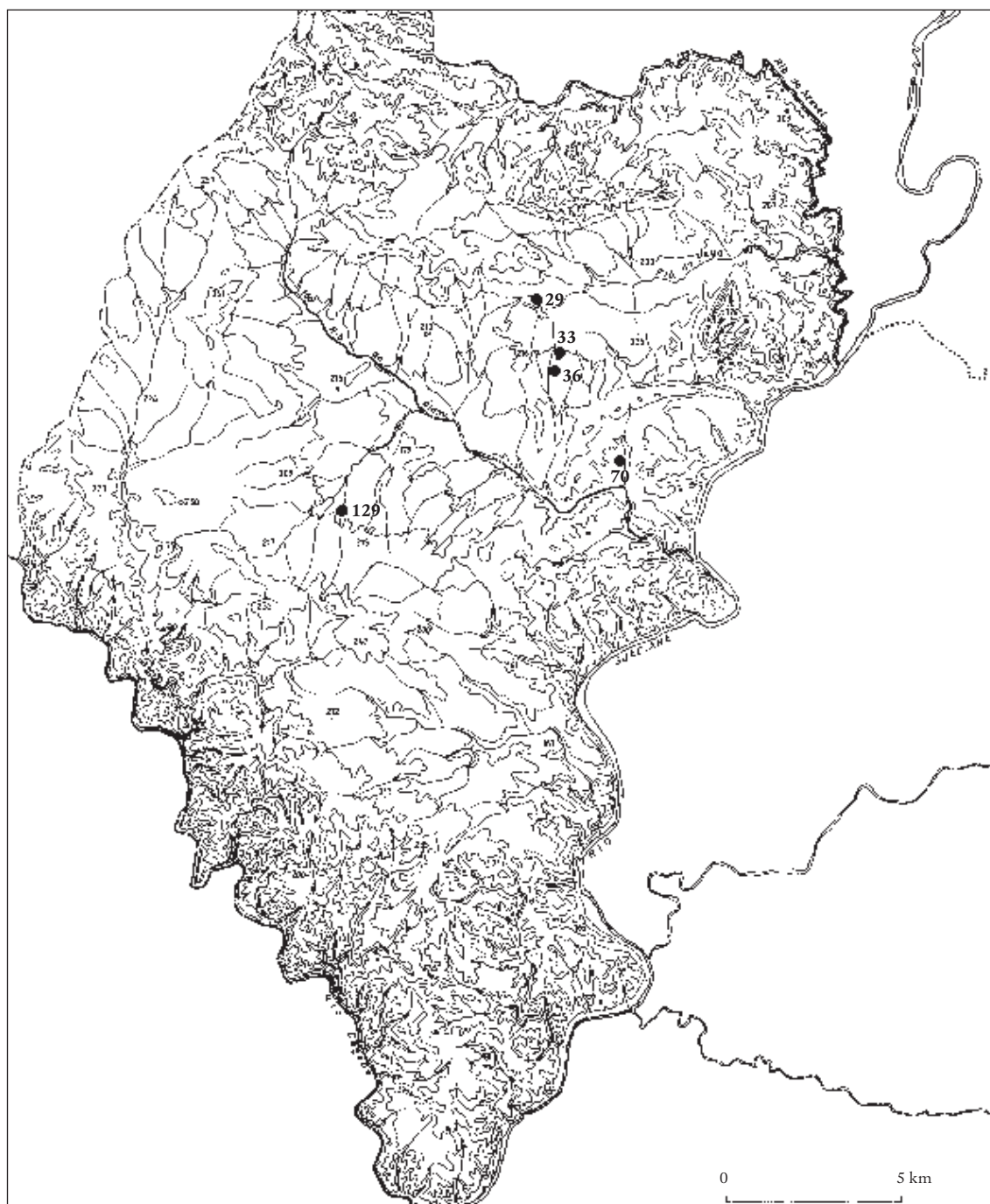


Fig. 34 Organização do espaço da Câmara em antas de 6 esteios, o exemplo de Comenda 2. Não existe pedra de cabeceira, mas os esteios 3 e 4 (*f e a*) convergem centrados, originando um ponto de mirada para a primeira luz idêntico ao proporcionado por um esteio único. O que, aliás, igualmente sucede com Poço da Gateira 1, ainda que aí difícil seja falar de orientação para a “primeira luz”, a tal ponto o monumento está orientado de forma diferente.

1. o esteio de cabeceira não existe, sendo o espaço preenchido por dois pequenos esteios convergentes ou adossados;
2. um dos seis esteios assume a posição de um verdadeiro esteio de cabeceira e o espaço que seria ocupado por 3+3 esteios é preenchido por 2+3 ou 3+2, o que implica desproporção dos componentes da câmara, situação aliás conhecida mesmo em monumentos de 7 esteios.



Mapa 4 Distribuição em Reguengos de Monsaraz dos monumentos com seis esteios. Os números referem-se à numeração dos Leisner. Comenda 2 (# 36), Gorginos 3 (# 129), Piornal 2 (# 70), Poço da Gateira 1 (# 29); Santa Margarida 2 (# 33).

**Quadro 7: todos os monumentos de Reguengos de Monsaraz com geométricos, todos aqueles em que se identificaram goivas, e outros com placas e báculos em monumentos de seis e sete esteios, com orientações e comentários sobre as Câmaras e Corredores.**

<i>Monumento</i>	<i>#</i>	<i>esteios</i>	<i>Orientação °/º</i>		<i>Co</i>	<i>Cm</i>	<i>Gm</i>	<i>Goiva</i>	<i>M</i>	<i>E</i>	<i>PXG</i>	<i>BC</i>
Barrocal 4	56	7	105°	116.7º	D	2.4x2.2	?	1*	2	○	○	○
Duque 1	28	7	100°	111º	1.7	2.6x2.75	4	1	3	2	●	●
Gorginos 3	129	6?	115°	128º	1.3	2.8x2	○	1	2	1	○	○
Passo 1	82	7	110°	122º	>3.7	3.8x4	2	1	○	○	●	●
Poço da Gateira 1	29	6	80°	89º	1.8	3.0x2	22	1	13	12	○	○
Santa Margarida 2	33	6	110°	110º	1.6	1.9x2.8	2	1	2	2	○	○
Vidigueiras 2	126	7	110°	122º	1.6	2.1x2.5	4	1	2	1	○	○
Comenda 1	35	5?	?	?	D	3.5x3.8	○	○	○	○	●	○
Comenda 2	36	6	120°	133º	3	3.0x2.2	15	○	○	○	●	○
Farisoa 1	111	7	120°	133º	4	3.2	4	○	1	3	●	○
Gorginos 2	128	7	135°***	150º	1.1	2.0x2.7	1	○	1	1	○	○
Olival da Pega 1	50	7	110°	122º	>8.6	4.0x5.6	5	○	1	1	●	●
Piornal 1	69	7	90°	100º	2.4	2.2x2.6	○	○	○	1	○	○
Piornal 2	70	6	100°	108º	1.9	2.4x2.2	3	○	2	○	○	○
Piornal 3	71	7	99°	110º	2.6	4.6x3.2	1	○	○	1	○	○
Vidigueiras 1	125	7	135°***	150º	2.6	3.0x4	11	○	3	○	○	○

Para maior facilidade de conversão, indicam-se inicialmente as leituras em graus de Georg e Vera Leisner, depois a sua conversão em grados. A leitura em grados de Santa Margarida 2 e de Olival da Pega 1 foram efectuadas directamente por mim e não são portanto conversões. O mesmo acontece com monumentos cuja orientação os Leisner não registaram, mas que pude medir directamente após escavação: Piornal 1 e 3. A cinzento claro, os monumentos com goivas.

D: destruído — ● presença — ○ ausência

\* a goiva é referida por Georg e Vera Leisner como de origem provável neste monumento, tratando-se de espólio inventariado por J. L. de Vasconcellos em fins do século XIX. Considerando o tipo de selecção de materiais efectuado naquela época, seria incerta a presença de geométricos (poderiam não ter sido detectados), por isso mantemos a dúvida, que considero absolutamente improvável para placas de xisto e báculos, aqui com uma ausência aceite sem grandes reservas.

\*\* se não contarmos com o segmento que os próprios Leisner consideraram um acréscimo posterior.

\*\*\* registada pelos Leisner como Este - Sudeste.

### 7.3. As orientações das antas de seis esteios

Quando falamos de orientação de monumentos megalíticos podemos voltar às primeiras observações feitas entre nós sobre o assunto (Gonçalves, 1992, p. 35-51, 1995, p. 138-139), agora indispensáveis de completar com as observações registadas posteriormente (Gonçalves, 1999, p. 17-19). Ainda que tomando em realidade esta actualização de formas de pensar, haverá que resumir, completando, as reservas que o método e uma perspectiva de alta precisão justificam:

1. vários monumentos cuja orientação foi registada pelos Leisner já desapareceram, sendo impossível repetir com melhores instrumentos e outros cuidados a leitura inicial;
2. determinar a orientação de um monumento semi-destruído é muito difícil, pela remobilização dos componentes da Câmara e Corredor;
3. determinar com rigor a orientação de um monumento não escavado é muito problemático, uma vez que as leituras a partir do eixo do Corredor e a da pedra de cabeceira da Câmara raramente são possíveis com exactidão antes de se atingir o paleossolo;

4. as orientações do eixo do Corredor são frequentemente diversas da perpendicular ao plano de um ponto central do esteio de cabeceira. Nestes casos, duas leituras são de regra. A do esteio de cabeceira corresponderia muito provavelmente à intenção inicial de orientar o monumento. A orientação do Corredor, particularmente a dos monumentos de Corredor longo ou muito longo, a uma situação eventualmente afectada pelos processos construtivos;
5. a propósito da utilização de instrumentos de alta precisão, neste contexto, deve ser deixado claro que esta é uma situação típica de *quanto mais exacto mais inexacto*, uma vez que os neolíticos não tinham a FNAC para comprar telescópios em saldo ou Papelarias Fernandes onde adquirir bússolas de azimutes. Meço a orientação das antas em gradus apenas por ser o mesmo sistema que uso em topografia de campo, consciente das limitações que atrás enunciei;
6. estavam as antas orientadas para a “primeira luz”? muitas delas sem dúvida, quanto a algumas é certo que não (e sobre *tholoi* e grutas artificiais sabemos bem que raramente é assim);
7. particularmente no caso das antas com seis esteios, o que devemos fazer? Compreender que nos resta sempre aí verificar uma situação que depende da disposição dos esteios e Santa Margarida 2 é justamente um exemplo de como construindo uma anta de 6 esteios se pode obter uma orientação afinada para a “primeira luz”.

Observando o Quadro 4, veremos que, se exceptuarmos a eterna excepção, Poço da Gateira 1 (orientada por razões que já largamente comentei noutros textos, a 89<sup>g</sup>), as antas com seis esteios na Câmara oscilam entre 100 e 133<sup>g</sup> de orientação, nenhuma coincidindo exactamente com outra, contrariamente às orientações das antas de sete esteios, que apresentam maiores proximidades (Olival da Pega 1 e 2 estão orientadas a 122 e 126<sup>g</sup>, respectivamente).

Signifique isto o que significar, não restam dúvidas que existe ainda assim alguma coerência nesta orientação, não sendo errado afirmar que a preocupação de as orientar para a “primeira luz” já existia.

Poderemos explicar esta situação de duas maneiras:

1. a orientação das antas de seis esteios, monumentos geralmente mais pequenos e com períodos de construção conseqüentemente mais curtos, corresponde a uma altura de construção diferente das grandes antas de corredor, de onde a mirada para a “primeira luz” poder ter sido feita num outro momento do ano;
2. diferentes condicionantes na linha do horizonte influenciaram as leituras feitas aquando da construção dos monumentos.

Nada é impossível, mas convém recordar que os parâmetros 100 e 133<sup>g</sup>, registados para as antas de seis esteios compreendem também boa parte das antas de Reguengos de Monsaraz: mais propriamente dois dos três monumentos que os Leisner consideram como “neolíticos” (Barrocal 4-Vidigueiras 2), sete dos nove considerados neolíticos, mas com cerâmicas “evolucionadas” (Areias 7, Arraieira 1, Vale Carneiro 1, Poço da Gateira 2, Gorginos 2, Vidigueiras 1, Gorginos 3), e todos os considerados calcolíticos (Duque 1, Cebolinhos 1, Olival da Pega 1 e 2, Passo 1, Gorginos 1).

Portanto, à questão “têm as antas com seis esteios uma orientação comum, que lhes seja específica” nada nos resta senão dizer que uma resposta positiva parece, no actual estado dos nossos conhecimentos, impensável.

#### 7.4. *Cruzando dados...como dimensões, orientações, de novo goivas e geométricos...*

Cruzar dados é por vezes um exercício recompensador, por abrir perspectivas de outra forma ignoradas. Tomando o Quadro 7 como referência, e procedendo a diversos ordenamentos, poderemos observar sem dificuldade que:

1. se considerarmos as dimensões do Corredor (mesmo com as reservas que as medidas tomadas pelos Leisner por vezes justificam), veremos que os corredores mais curtos são os de Gorginos 2 e 3 (1,1 e 1,3 m), seguidos pelos de Santa Margarida 2 e Vidigueiras 2 (ambos com 1.6 m) e por Duque 1, Poço da Gateira 1 e Piornal 2 (respectivamente com 1,7, 1,8 e 1,9 m). No extremo oposto, os mais de 8,6 m de Olival da Pega 1;
2. todas as goivas do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz se encontram em monumentos com corredores entre 1,3 e 1,8 m, com a conhecida excepção de Passo 1 (Corredor com mais de 3,7 m);
3. se considerarmos as dimensões da Câmara (e mais uma vez com a excepção de Passo 1), as goivas distribuem-se pelos monumentos de câmaras mais pequenas (entre os 1,9 x 2,8 de Santa Margarida 2 aos 3 x 2 m de Poço da Gateira 1);
4. se considerarmos a orientação dos monumentos, as goivas estão presentes entre os 89º de Poço da Gateira 1 e os 128º de Gorginos 3;
5. excluindo Poço da Gateira 1 (pelas condicionantes desenvolvidas em Gonçalves, 1992), estes parâmetros passam para 110-128º, uma estreita praia de 18 graus, indicando portanto uma orientação apesar de tudo relativamente homogénea dos monumentos com goivas;
6. se considerarmos o número de esteios da Câmara, as goivas estão presentes em monumentos com 6 esteios (3 casos) e 7 esteios (4 casos);
7. finalmente, se considerarmos os geométricos como elemento a tomar em conta nesta análise, teremos que o seu maior número se encontra em Poço da Gateira 1 (22), Comenda 2 (15) e Vidigueiras 1 (11) e que destes três monumentos apenas se encontra uma goiva em Poço da Gateira 1. Em Duque 1 e Vidigueiras 2, a uma goiva correspondem quatro geométricos. Finalmente, em Gorginos 3, onde se verifica a associação de quatro artefactos de pedra polida, dois machados, uma enxó e uma goiva, como em Santa Margarida 2, não se registaram geométricos.

Que concluir de estes dados?

Talvez não muito mais do que já se disse, mas ainda em relação às goivas, seria tentador reafirmar ou observar que

1. as goivas não são iguais entre si, não correspondem a um único tipo;
2. as goivas são identificáveis pelas suas dimensões, formas gerais, mas sobretudo pelo negativo ovalado a que chamamos tradicionalmente “golpe de goiva”;
3. as goivas surgem em antas de corredor curto, mas não deve ser esquecido que, no litoral, estão presentes em grutas artificiais, monumentos colocados na transição do IV para o III milénio;
4. dos seis monumentos de espólio conhecido e garantidamente dele proveniente (razão pela qual se exclui Barrocal 4), em cinco se recolheram geométricos, com particular relevo para os 22 de Poço da Gateira 1;

5. a goiva de Passo 1 apresenta um “golpe de goiva” diferente, mais agudo que o registado nos exemplares provenientes de outros monumentos de arquitectura mais arcaica;
6. com a excepção de Passo 1 e Duque 1, em Reguengos de Monsaraz as goivas surgem sempre em monumentos onde não surgem placas de xisto com gravação geométrica;
7. as goivas estão assim presentes em contextos antigos, mas não muito, a acreditarmos nas associações artefactuais verificadas, e a sua duração pode rondar o milénio.

#### 7.5. *A Anta 2 de Santa Margarida e a sua contribuição para o conhecimento do megalitismo em Reguengos de Monsaraz*

Uma sinopse da evolução da aquisição de conhecimentos sobre o megalitismo de Reguengos de Monsaraz poderia ser a seguinte, partindo de e completando sínteses já divulgadas (Gonçalves, 1996, 1999):

1. 1ª fase, ou “clássica” (1887-1950): abrange o texto de P. M. Nogueira publicado em O Instituto (1887) e as curtas notícias de J. Leite de Vasconcellos (1894);
2. 2ª fase, ou “moderna” (1951-1987): abre com o texto “sagrado” do megalitismo de Reguengos, *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1951 (reeditado pelo INIC/UNIARQ, Lisboa, 1985) e inclui os trabalhos de Henrique Leonor Pina sobre a Anta da Herdade do Duque e a Anta [2] da Azinheira (1961, 1962) bem como as primeiras publicações sobre menires de H. L. Pina e José Pires Gonçalves;
3. a 3ª fase, ou “das novas perspectivas de pesquisa” (1988-2000) abre com a publicação sobre o povoado pré-histórico fortificado do Monte Novo dos Albardeiros (1988-89) e prossegue com a publicação de monumentos e sítios, quer referindo-os exclusivamente como tópico de pesquisa quer citando-os em trabalhos de síntese ou de análise do “estado da arte”. É um período de actividade única em Reguengos de Monsaraz, incluindo a grande exposição “Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos” (Museu Nacional de Arqueologia, 1999), repetida em 2000, sob forma condensada, em Reguengos de Monsaraz, no Palácio Rojão, mostras que registaram largos milhares de visitantes. Pela primeira vez, é nesta fase da pesquisa que o estudo da oro-hidrografia, da geologia e dos solos (Gonçalves, 1989, 1992), bem como conceitos novos como o da importância da visibilidade (Gonçalves e Sousa, 2000) assumem papéis de relevo na estruturação da pesquisa. O fenómeno da anexação de *tholoi* a monumentos megalíticos, cuja análise fora historicamente iniciada por Georg e Vera Leisner, ganha outros contornos com a escavação do complexo funerário Olival da Pega 2 e da Anta Cebolinhos 2 (sínteses prévias da situação em Gonçalves, 1999). É também nesta fase que se realizam os *Colóquios Internacionais sobre Megalitismo* (1996, 2000). Organizados pela UNIARQ e patrocinados pela autarquia, iniciam um raro fórum de discussão sistemática sobre o megalitismo e alcançam imediatamente projecção internacional;

Estamos agora no limiar de uma nova fase?

Creio que a discussão exploratória em torno à definição de um subgrupo oriental, bem como os resultados da mega operação Alqueva, a publicação futura das monografias de OP2 e Monte Novo dos Albardeiros, de novas publicações sobre o agora destruído sítio Torre do Esporão 3, dos trabalhos em Cebolinhos 2, irão inserir-se definitivamente numa nova fase. Que inclui

também, como prelúdio, o estudo das antas da Herdade de Santa Margarida. E é sobre a primeira de estas últimas intervenções que este trabalho versa.

A Anta 2 de Santa Margarida foi uma pequena anta de seis esteios na Câmara, de Corredor curto fórmula 1+1, rodeada por um espesso e sólido anel de contenção e apoio da Câmara e do Corredor. Na sequência da intervenção de maquinaria pesada, o monumento conservava apenas o Corredor e dois esteios da Câmara, bem como a estrutura de condenação que, em dado momento, encerrou o acesso ao principal espaço funerário. Foi usada para um número restrito de enterramentos na Câmara (um ou dois), com um depósito votivo de materiais de pedra polida junto ao interior do primeiro esteio da Câmara, e com uma deposição funerária ou simplesmente votiva de um vaso, uma enxó e um machado no Corredor.

Detectaram-se traços do ritual do ocre na Câmara (e provavelmente no Corredor) e de pequenos fogos, possivelmente rituais, na Câmara e no Corredor, carvões identificados como de *Calluna vulgaris* (urze roxa), *Erica umbellata* (queiró) e *Quercus faginea* (carvalho cerquinho), vegetação indicadora de um contexto mais húmido que o actual.

A presença de uma goiva integrando o depósito votivo permite “um estudo dentro do estudo”, justificando comentários sobre este interessante e relativamente raro artefacto. O conjunto artefactual remete-nos aparentemente para um horizonte temporal e cultural em sequência ou próximo da Anta Poço da Gateira 1. Existem geométricos (trapézios), mas não pontas de seta e não se identificaram placas de xisto gravadas.

Uma análise do enquadramento, em termos de cronologia absoluta, do fecho da Câmara do monumento, determinada por uma análise de radiocarbono, conduz-nos obrigatoriamente a reapreciar criticamente as interpretações avançadas para as datas  $^{14}\text{C}$  obtidas para a necrópole neolítica do Escoural e a comentar as difíceis cronologias para o megalitismo alentejano do IV milénio, cuja caracterização em bloco é metodologicamente impossível.

Lisboa/Reguengos de Monsaraz,  
Janeiro a Abril de 2001  
Victor S. Gonçalves

## Anexos

# Estudos de Arqueobotânica sobre materiais provenientes da Anta 2 de Santa Margarida

PAULA FERNANDA QUEIROZ<sup>2</sup>

### Introdução

Integrado no programa de salvamento do sítio arqueológico Anta 2 de Santa Margarida - concelho de Reguengos de Monsaraz, da responsabilidade do Prof. Victor S. Gonçalves, e ao abrigo do programa “Investigação Paleoecológica e Paleoetnobiológica em Sítios Arqueológicos”, promovido pelo Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências, foi realizado o estudo de um conjunto de amostras de carvão recolhido durante os trabalhos de escavação.

### Resultados

O conjunto do material entregue foi observado e, quando necessário, lavado com água, a fim de se recolherem os fragmentos de carvão.

Do conjunto de amostras entregue para análise, parte era constituído por fragmentos de material vegetal carbonizado e parte por material inorgânico de cor escura. Todo o material de cor negra integrado nas amostras foi recolhido e arquivado em pequenos contentores plásticos.

Os fragmentos de carvão vegetal foram seccionados manualmente segundo as três secções de diagnóstico - transversal, radial e tangencial, e foram observados e diagnosticados à lupa binocular e ao microscópio óptico de luz reflectida.

Para a identificação dos carvões foram utilizadas as colecções de referência de cortes de madeira e de madeiras carbonizadas do CIPA-IPA bem como catálogos de anatomia de madeiras (Schweingruber, 1990; Queiroz e Van der Burgh, 1989).

#### *Lista das amostras entregues para estudo e respectivos tipos de carvão identificados:*

*STAM-2 Corredor, K.11-24, Z:201,28/12/10*

(a, b, c) sem fragmentos de carvão de madeira

*STAM-2 Câmara, K.11-s/n, X=110, Y=24, Z=-201,28, 2000/12/09*

(a, b) sem fragmentos de carvão de madeira



STAM-2 Corredor, K.11-s/n, Z= 201,29, crivo, 2000/12/09

(a, b, c, d) quatro fragmentos de carvão - ident: *Quercus faginea*.

STAM-2, Câmara, L.12-5, X=14, Y=63, Z=201,03, 2000/12/09, alvéolo ECa.5

(a) não é carvão

(b) um fragmento de carvão - ident: cf. *Quercus*

STAM-2 Corredor, K.11-s/n, X=84, Y=11, Z= 201,29, 2000/12/09

(a) sem fragmentos de carvão de madeira

STAM-2 Corredor, K.11-10, X=129, Y=97, Z=201,15, 2000/12/08

(a) um fragmento de carvão indeterminável

(b) não é carvão

STAM-2 Câmara, K.11-14, X=12, Y=17, Z= -201,27, 2000/12/09

(a) sem fragmentos de carvão de madeira

STAM-2 K.11-s/n, 2000/12/09

(a) um fragmento de carvão - ident: *Calluna vulgaris*

STAM-2 Corredor, K.11-15, X=127, Y=159, Z=201,32, 2000/12/09

(a) não é carvão de madeira

(b, c, d, e, f, g) seis fragmentos de carvão - ident: *Erica umbellata*

#### Lista das espécies botânicas identificadas

*Quercus faginea* (carvalho cerquinho)

*Calluna vulgaris* (urze roxa)

*Erica umbellata* (queiró)

#### Breve descrição das características morfológicas de diagnóstico na identificação dos fragmentos de carvão

##### *Quercus faginea*

Corte transversal:

Porosidade semidifusa, com os poros maiores (até 250 µm) condensados no início da camada de crescimento, e com constantes agrupamentos de poros mais pequenos alongando-se para o final da camada de crescimento em prolongamentos dendríticos ou radiais.

Corte radial:

Raios homogêneos.

Vasos sem espessamentos espiralados, por vezes preenchidos com tilos.

Pontuações intervasculares relativamente grandes, circulares e areoladas.

Placas de perfuração simples.  
Fibras com pontuações circulares areoladas.

Corte tangencial:  
Raios de dois tipos - unisseriados e raios muito largos e grandes, com muitas células de largura e de altura.  
Raios unisseriados com células de contorno circular em corte tangencial.

### *Calluna vulgaris*

Corte transversal:  
Porosidade difusa; poros pequenos (até 40  $\mu\text{m}$ ) circulares, isolados ou em pequenos múltiplos (2 a 3) sem orientação particular.

Corte radial:  
Raios heterogéneos.  
Placas de perfuração simples.  
Alguns vasos com espessamentos espiralados.  
Pontuações intervasculares pequenas (até 3  $\mu\text{m}$ ) circulares.  
Fibras com pontuações circulares areoladas até 5  $\mu\text{m}$  de diâmetro.

Corte tangencial:  
Raios unisseriados com 3 a 11 células de altura. Alguns (raros) raios bisseriados presentes.

### *Erica umbellata*

Corte transversal:  
Porosidade difusa; poros pequenos (até 30  $\mu\text{m}$ ) solitários.

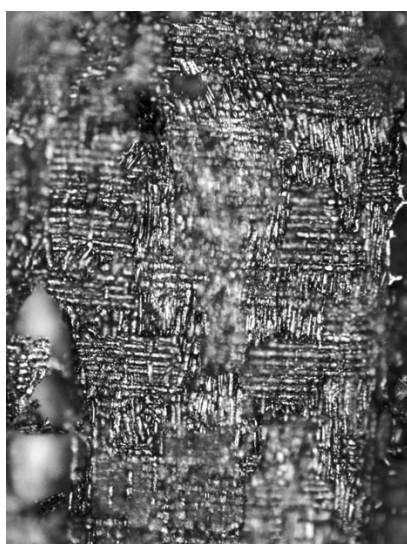
Corte radial:  
Pontuações intervasculares pequenas (2.5 - 3  $\mu\text{m}$ ).  
Vasos geralmente sem espessamentos espiralados. Apenas alguns vasos com espirais nas extremidades.  
Raios pouco heterogéneos, com células prostradas na quase totalidade das fiadas e apenas uma a duas fiadas marginais de células quadrangulares.

Corte tangencial:  
Raios com até 3 células de largura e menos de 20 células de altura.

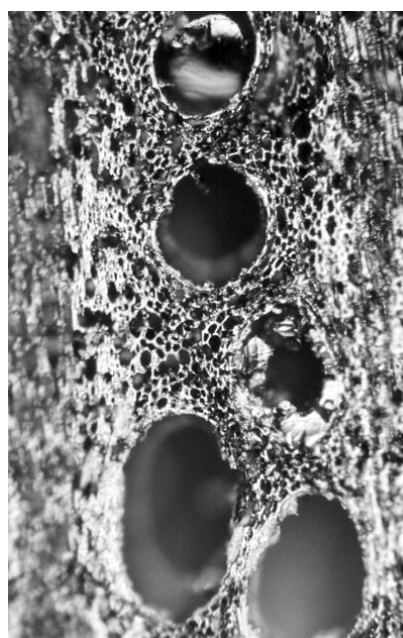
### Primeiros comentários

Em todos os fragmentos de carvão identificados, dado o grande grau de fragmentação, não foi possível determinar qualquer linha de curvatura de anéis de crescimento que permitisse uma aproximação à dimensão e idade relativa dos troncos carbonizados.

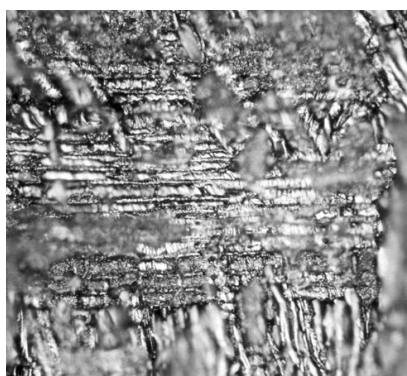
Embora os resultados obtidos sejam muito restritos, e não permitam nenhuma interpretação do ponto de vista vegetacional, cabe-nos apenas referir que mais uma vez se encontram em pleno Alentejo interior os elementos característicos da floresta marcescente mediterrânea, mais oceânicos, e dos urzais, em contraste com a actual vegetação de carácter termomediterrâneo de tendência mais continental.



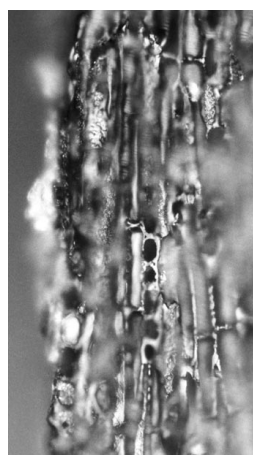
1



3



2



4

Fig. 35 *Quercus faginea*. 1. raios homogêneos - corte radial (100x). 2. raio homogêneo com células prostadas - corte radial (200x). 3. porosidade, raios unisseriados e multisseriados - corte transversal (200x). 4. raio unisseriado homogêneo com células circulares - corte tangencial (400x). (Fotos Paula Queiroz).

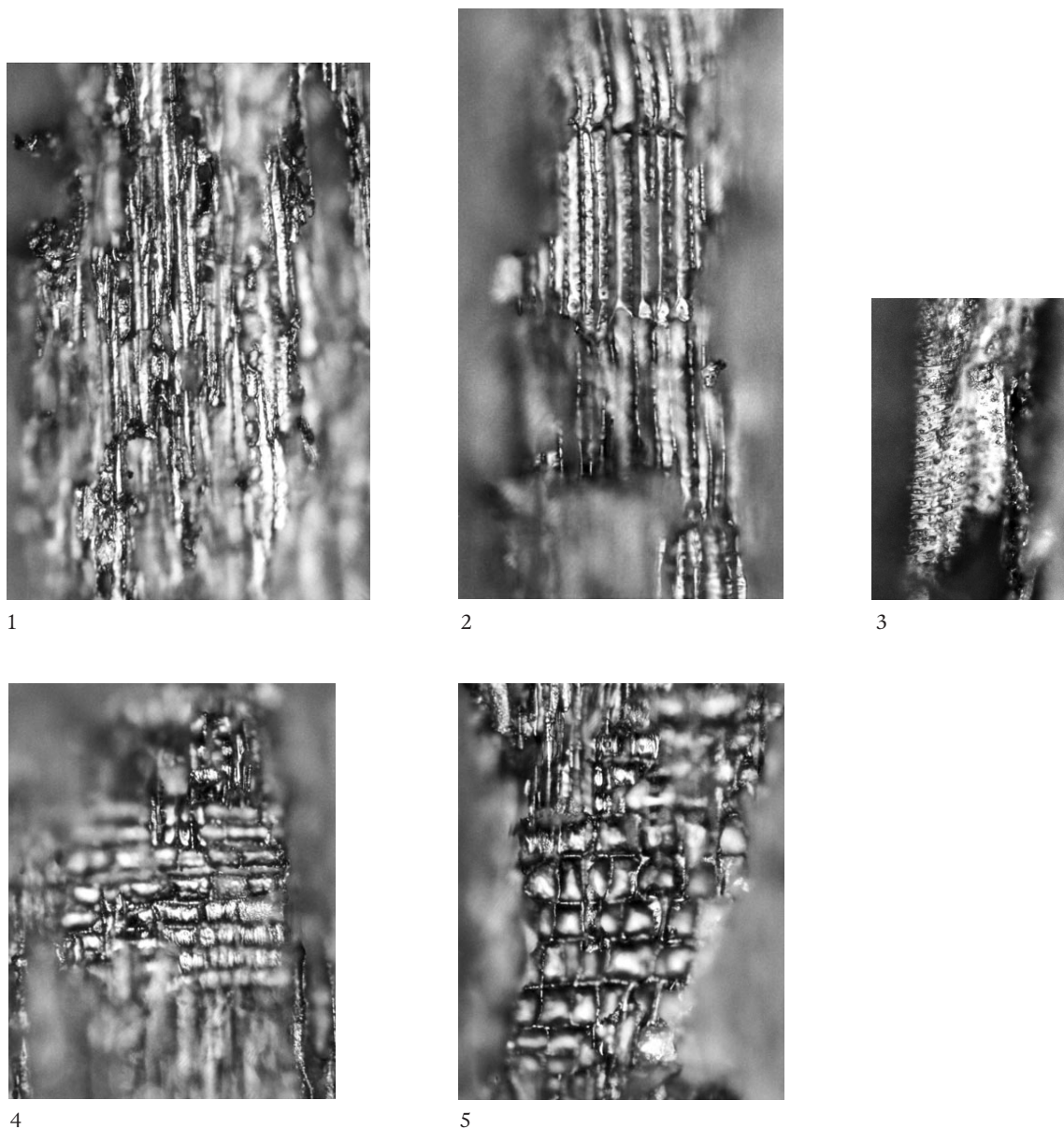


Fig. 36 *Calluna vulgaris*. 1. raios unisseriados - corte tangencial (200x). 2. pontuações nas fibras - corte radial (400x). 3. pontuações intervasculares - corte radial (400x). 4 e 5. raios heterogêneos com células quadrangulares - corte radial (200x). (Fotos Paula Queiroz).

## Uma breve reavaliação da Anta 1 de Santa Margarida

VICTOR S. GONÇALVES

Em 1951, Georg e Vera Leisner apresentavam assim a Anta 1 da Herdade de Santa Margarida:

“/222 *Situação*: 100 m. a Oeste do Monte de Santa Margarida, 40 m. a Sudeste do poço deste monte.

*Construção*: dólmen de corredor, compr. actual 6 m.

*Câmara*: regularmente poligonal, 2,60 m de diâm.; 7 esteios conservados, primitivamente 8 esteios; 3 na parede norte, 4: na parede sul. A cabeceira não está em frente da entrada que se desvia do eixo longitudinal da câmara para norte. A direcção do corredor segue, consequentemente, para a esquina sul da cabeceira. Alt. máx. do chão primitivo 2,12 m (cabeceira). A maior parte dos esteios estão partidos, o esteio *b* caiu para trás, estando deslocado da sua posição primitiva. Larg. da entrada 0,90 m.

*Corredor*: compr. actual 2,40 m; larg. 1,60 m. Na parede norte um grande esteio, compr. 2,4:0 m, alt. 0,70 m; na parede sul há um fragmento de um esteio, provavelmente idêntico ao esteio fronteiro, 2,20 m, fora deste sector do corredor encontra-se atravessada uma laje que talvez tivesse pertencido à cobertura do corredor.

*Tumulus*: vestígios do lado norte.

*Orientação*: Este 20° Sul.

*Escavação*: A anta já foi remexida várias vezes, no “monte” ainda se lembravam da última espoliação. Por isso poucos objectos encontrámos lá. As duas grandes placas de xisto estavam escondidas ao canto junto do bordo norte da cabeceira. O pequeno vaso N.º 14 encontrou-se no corredor, com o fundo, já destruído, voltado para cima; perto dele apareceu o machadinho votivo. Os restos do vaso N.º 12 estavam entre as raízes de um arbusto, junto do esteio *f*. Havia vestígios de ossos.

*Espólio*, Est. XXXV [da publicação de G. e V. Leisner, aqui reproduzida como Fig. 37]:

### 1. *Objectos de pedra polida.*

N.º 1: machadinho votivo, de xisto verde-azulado claro, bem trabalhado, totalmente polido; gume perfeito, mas um pouco ferido. Compr. 7 cm.; larg. 4,3 cm.; esp. 1,4 cm. Posição: junto do vaso N.º 14, no corredor, perto da entrada da câmara, à profundidade de 0,40 m.

### 2. *Objectos de sílex, xisto, quartzo e cristal de rocha.*

N.º 2: fragmento de um grande núcleo de cristal de rocha acinzentado, com gume retocado;  
N.º 3: fragmento de um pequeno núcleo de cristal de rocha, com facetas naturais, sem trabalho;  
N.º 4: ponta de seta de xisto cinzento;  
N.º 5: ponta de seta de sílex amarelo-avermelhado claro;  
N.º 6: fragmento de uma faca de sílex cinzento-acastanhado./223

### 3. *Objectos de adorno.*

12 contas. N.º 7: conta bicónica de xisto verde claro; N.ºs 8-11: contas discóides de xisto de diferentes tipos. As restantes são dos mesmos tipos.

### 4. *Placas de xisto gravadas;*

3 placas inteiras e fragmentos de mais 3. N.º 18: fragmento da parte superior de uma placa com ornato de zigue-zagues, parte superior tipo I, 1 orifício cónico; N.º 19: grande placa, bem trabalhada, 4 filas de dentes de lobo, por baixo e por cima uma faixa horizontal de zigue-zagues, parte superior tipo II, 1 orifício bicónico; N.º 20: grande placa com ornato de zigue-zagues, com uma faixa divisória de pequenos dentes de lobo, parte superior tipo II, 1 orifício. As placas 19 e 20 encontraram-se na esquina norte do esteio *a*, encaixadas uma na outra contra o esteio, à profundidade de 0,50; N.º 21: grande placa, com ornato de 3 filas de dentes de lobo e uma faixa divisória estreita preenchida de traços oblíquos, parte superior tipo II, 1 orifício. Posição: no corredor, junto do esteio *b*, o lado gravado voltado para cima. A gravura quase desapareceu. Mais um fragmento maior com zigue-zagues e um pequeno fragmento com dentes de lobo.

### 5. *Cerâmica.*

A anta deu pouquíssima cerâmica aproveitável. Além disso, a maior parte dos cacos estava quase completamente destruída pelos repetidos remeximentos, com os bordos gastos e as camadas da superfície destruídas. Os únicos vasos de forma reconstituível são os seguintes: *Grupo 1* - N.º 12: pequeno vaso esférico de parede fina, cinzento, vestígios de uma camada vermelha, hoje com a superfície áspera (B 2?); N.º 14: pequeno pote, alto, de corpo ligeiramente cónico, boca larga e fundo esférico, cinzento-avermelhado, hoje sem polimento (A 1).

*Grupo 2* - 2 fragmentos do bordo de um grande pote.

*Grupo 4* - N.º 15: fragmento do bordo de uma taça, cinzenta por fora, avermelhada por dentro, trabalho fino. Mais 2 cacos da parede deste vaso.

*Grupo 5* - 2 fragmentos de um vaso grande e 1 fragmento de um vaso pequeno, esféricos, de colo estrangulado.

*Grupo 6* - N.º 16: fragmento do bordo de um vaso, chato, cinzento-avermelhado, de colo ligeiramente côncavo e fundo esférico (B 3); fragmento de um vaso semelhante, mais fino.

*Grupo 8* N.ºs 13 e 17: fragmento de 2 vasos de fundo plano (B 3 e A 1).”

(Leisner e Leisner, 1951, p. 222-223)

Pela proximidade física das duas antas, a morfologia dissemelhante da Anta 1 e o espólio nela recolhido, bem diferenciado da Anta 2, justificam-se alguns comentários:

1. a planta da Anta 1 da Herdade de Santa Margarida configura uma imagem pouco comum em Reguengos de Monsaraz: uma Câmara regular (com um diâmetro de 2,6 m), mas com oito esteios. De resto, o Corredor, de fórmula 1+1 (com um comprimento máximo de 2,4 m) e a própria orientação, repetem situações conhecidas;
2. a orientação da anta, de 110°/122°, é idêntica à de Passo 1 e Vidigueiras 2 e à orientação em graus medida pelos Leisner para a muito próxima Santa Margarida 2;
3. presença de dois núcleos exaustos de quartzo hialino, ambos de lamelas. É uma situação comum em monumentos megalíticos, ainda que, em alguns casos, não seja possível dizer se constituíam realmente oferendas fúnebres ou se teriam vindo com a terra de enchimento

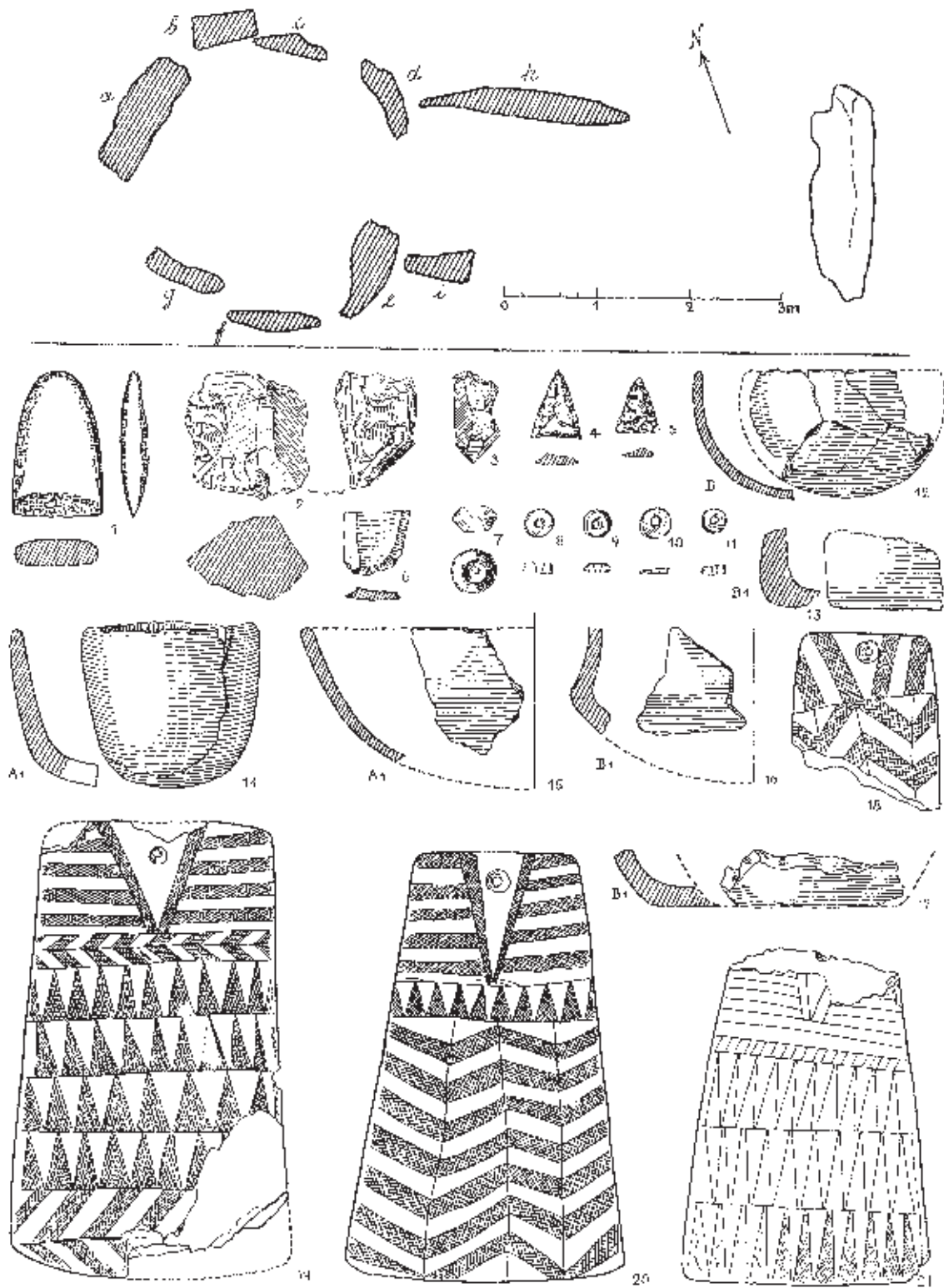


Fig. 37 Planta e espólio da Anta 1 de Santa Margarida, segundo G. e V. Leisner, 1951, XXXV.

das antas, do exterior imediato dos monumentos. Há casos, como o do belíssimo núcleo de quartzo hialino recolhido no corredor da Anta 2 do Olival da Pega, em que a última hipótese parece absurda. Mas em muitas outras situações, como o caso dos restos de talhe ou núcleos exaustos, a primeira explicação poderia ter alguma consistência;

4. as duas pontas de seta, uma de xisto, com a base ligeiramente côncava, outra de sílex, de base recta, não chegariam naturalmente para preencher um carcaz de arqueiro, mas as violações que o monumento sofreu poderiam ter contribuído para a perda de algumas delas;

5. a escassez da pedra polida (um pequeno machado) é comum em monumentos evoluídos;

6. a conta de colar “bicónica” é na realidade uma *conta bitroncónica achatada*, com grande longevidade (do Neolítico ao Calcolítico), pelo que é inusável como indicador cronológico preciso;

7. os restantes artefactos para adorno pessoal reduzem-se a contas de xisto discóides achatadas, do tipo habitual também em monumentos evoluídos e comuns na primeira fase de utilização do *tholos* OP2b (anexo e convergente ao lado esquerdo do Corredor da anta 2 do Olival da Pega);

8. o conjunto cerâmico inclui uma taça de carena média, tipologicamente evoluída, atribuível ao Neolítico final, mas aceitável em contextos calcolíticos do início do III milénio;

9. as duas pontas de seta recolhidas são de base recta, uma, e de base côncava, outra;

10. das seis placas de xisto gravadas recolhidas pelos Leisner, duas destacam-se pelas suas dimensões, as maiores registadas em Reguengos de Monsaraz. A placa da Est. XXV-19, com uma altura reconstituída de 21,6 cm, é mesmo a maior placa recolhida no Grupo;

11. a placa 21 parece inacabada, com um aspecto de paginação “descuidado” comum aos últimos tempos das placas. Todo o conjunto parece, aliás, indubitavelmente calcolítico.

Temos assim um monumento cuja construção, se não for de raiz atribuível ao início do Calcolítico, será sem dúvida tardia dentro do Neolítico local.

Mas o que fundamenta este juízo?

Problemas que hoje discutimos sem polémica aparente, como a da importância da qualidade da construção ou dos acabamentos ou das estruturas de protecção, para definir a “boa época” de construção dos monumentos megalíticos, são na realidade terrivelmente subjectivos. Em todas as épocas históricas conhecidas se construíram simultaneamente estruturas de qualidade e estruturas más. Também aqui a morfologia dos monumentos foge ou pode fugir aos lineamentos biológicos que, anos atrás, encantaram muitos “novos arqueólogos”.

É então, neste contexto, o espólio que pode desempenhar um papel importante, se não decisivo. E mais do que ele, no seu conjunto, a presença das placas votivas de xisto, aqui claramente referidas à ocupação funerária tanto da Câmara como do Corredor.

Sabemos que o uso de placas de xisto gravadas depositadas com os mortos é uma prática mágica religiosa que se generaliza nos primeiros séculos do III milénio, em anos de calendário, e que a única excepção conhecida, a da Cova das Lapas (última referência: Gonçalves, 1999b), não chega para fazer recuar o seu uso para além dos últimos séculos do IV milénio. No entanto, não é impossível que a sua duração abranja realmente pouco menos de um milénio, algures entre 3500 e 2500. Em épocas históricas, muito mais durou a cruz e o crescente, ainda que, nestes casos, a existência de uma tradição escrita, e de continuidades culturais, políticas, económicas e sociais encadeadas, o justifiquem de uma forma certamente muito diversa do caso das placas.

De qualquer forma, dos monumentos recentemente escavados do subgrupo oriental de Reguengos de Monsaraz apenas um continha placas, justamente provenientes do que interpre-



teí como uma ocupação maciça posterior à construção do monumento (Xarez 1). E em Santa Margarida 2, apesar de tudo um monumento com uma outra morfologia de construção (próxima do subgrupo oriental), nenhuma foi identificada.

Resta ainda acrescentar que, em Maio de 2000, Manuel Calado recolheu, nas terras de onde tinham sido removidos os esteios de Santa Margarida 1, alguns fragmentos de placas de xisto, que confrontei com os existentes no Museu Nacional de Arqueologia, referidos, mas não desenhados, pelos Leisner (os fragmentos ficaram depositados no MNA, de forma a integrarem a colecção de artefactos provenientes do monumento). Trata-se, na realidade, de fragmentos pequenos, mas que se revelaram ser de placas diferentes das anteriormente identificadas em Santa Margarida 1. Parece-me assim defensável propor a existência, naquele monumento, de um mínimo de *oito enterramentos com placas*, parecendo claro, pela análise tipológica dos restantes artefactos, não ter existido nenhum anterior ou, se existiu, ter sido integralmente suprimido.



Fig. 38 Aspecto geral do monumento antes da intervenção (foto Susana Pombal).



Fig. 39 Aspecto geral do monumento no início da intervenção (foto Susana Pombal).



Fig. 40 Aspecto geral do monumento, terminada a primeira fase dos trabalhos.



Fig. 41 Alvéolos ainda em curso de escavação, sendo já visíveis as pedras de calço tombadas para o interior.



Fig. 42 Estrutura de condenação ou fecho da Câmara, vista do acesso.



Fig. 43 Estrutura de condenação ou fecho da Câmara, vista do interior da Câmara, sendo visíveis, à esquerda, ECa6 e, à direita, ECa1.



Fig. 44 Acesso Corredor - Câmara, uma vez removida a estrutura de condenação. Observa-se como o Corredor, na sua extremidade mais próxima da Câmara, é mais largo que a abertura desta. Ao fundo, e no enfiamento do Corredor, o alvéolo do esteio de cabeceira.

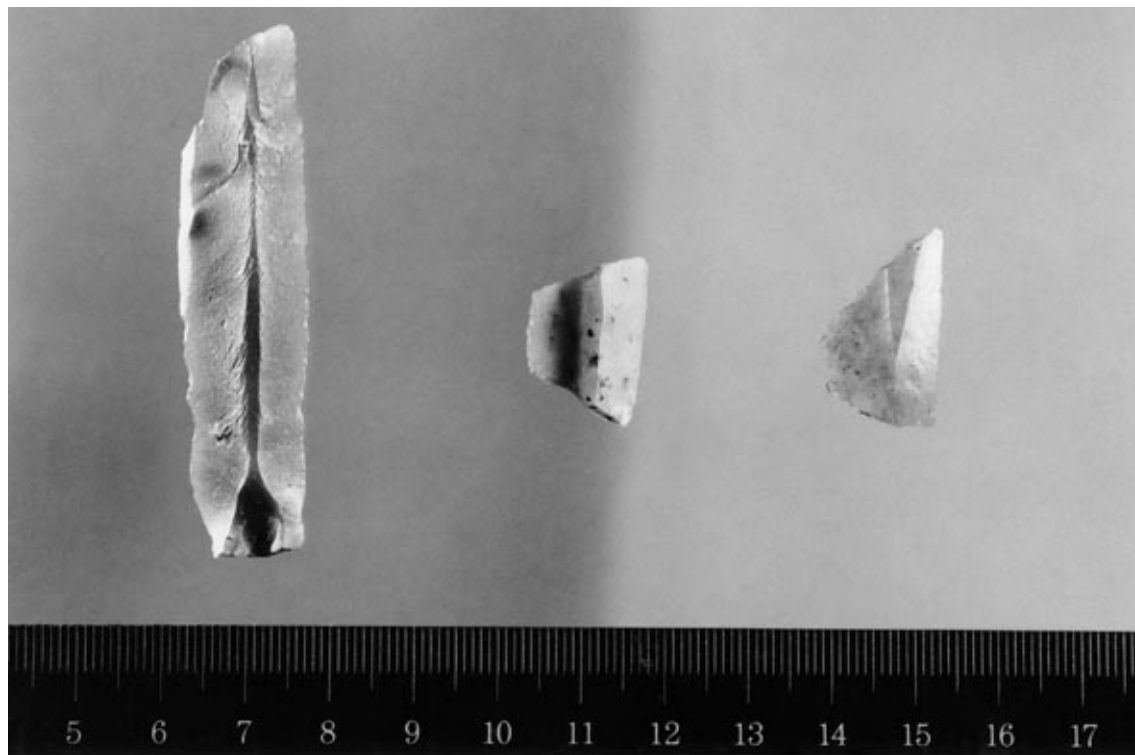


Fig. 45 Pequena lâmina M.11-1 e trapézios M.11-4 e N.10-1.



Fig. 46 Pequeno machado L.11-5 integrando o depósito votivo junto de ECa1. Alt. 8,35 cm.

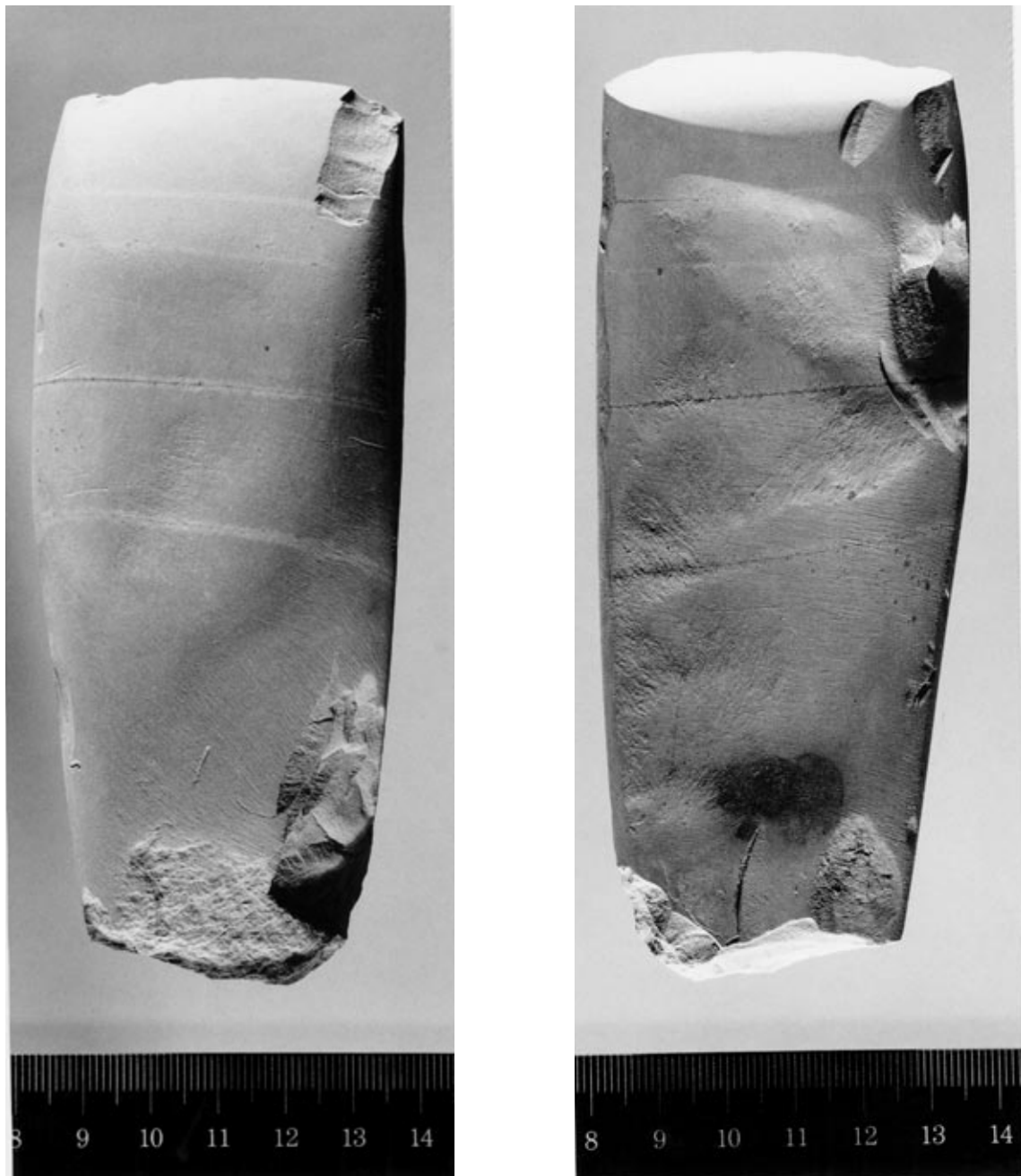


Fig. 47 Enxó L.11-7 integrando o depósito votivo junto de ECa1.

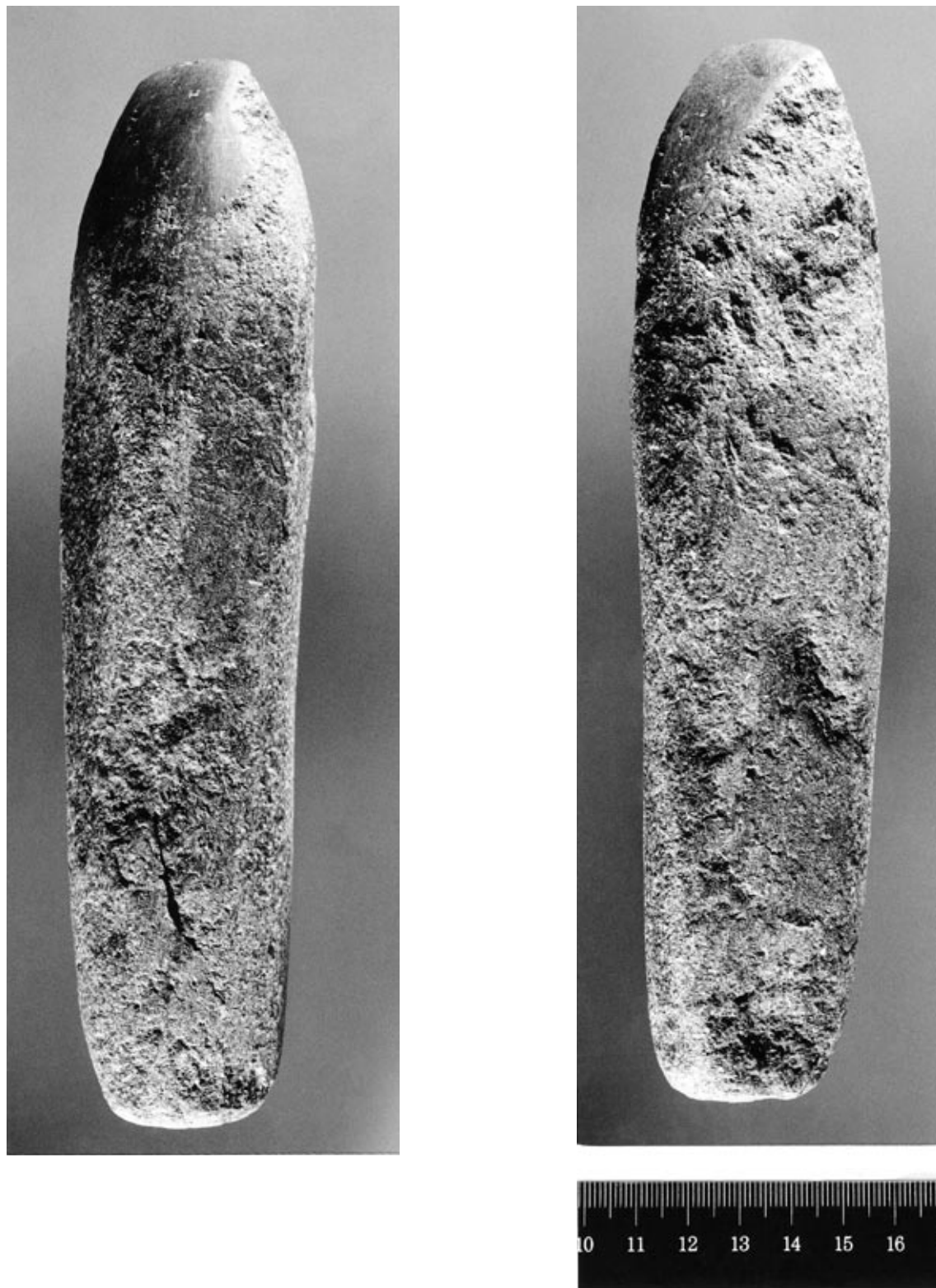


Fig. 48 Machado L.11-2 integrando o depósito votivo junto de ECa1.



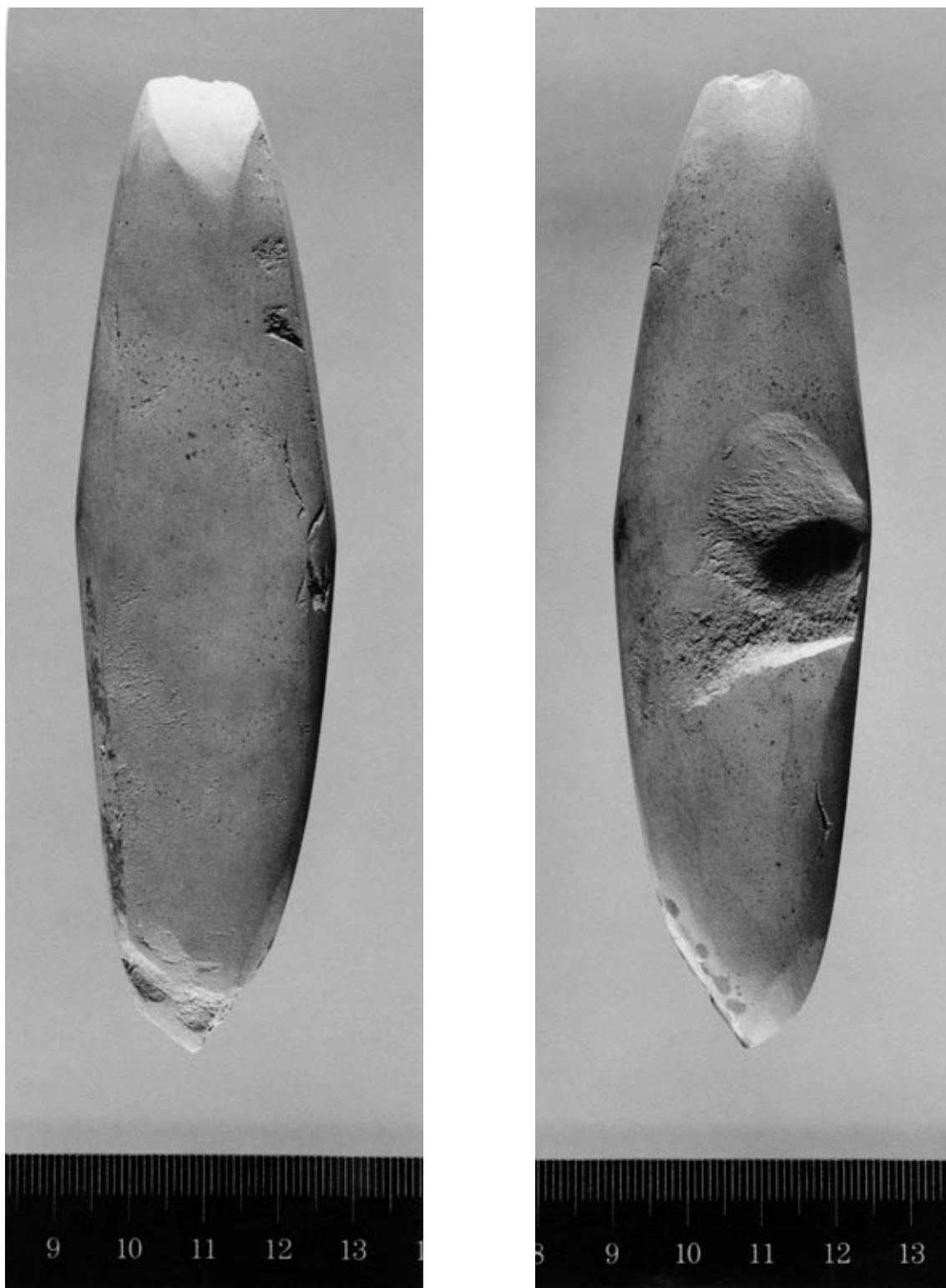


Fig. 49 Goiva L.11-6 integrando o depósito votivo junto de ECa1.

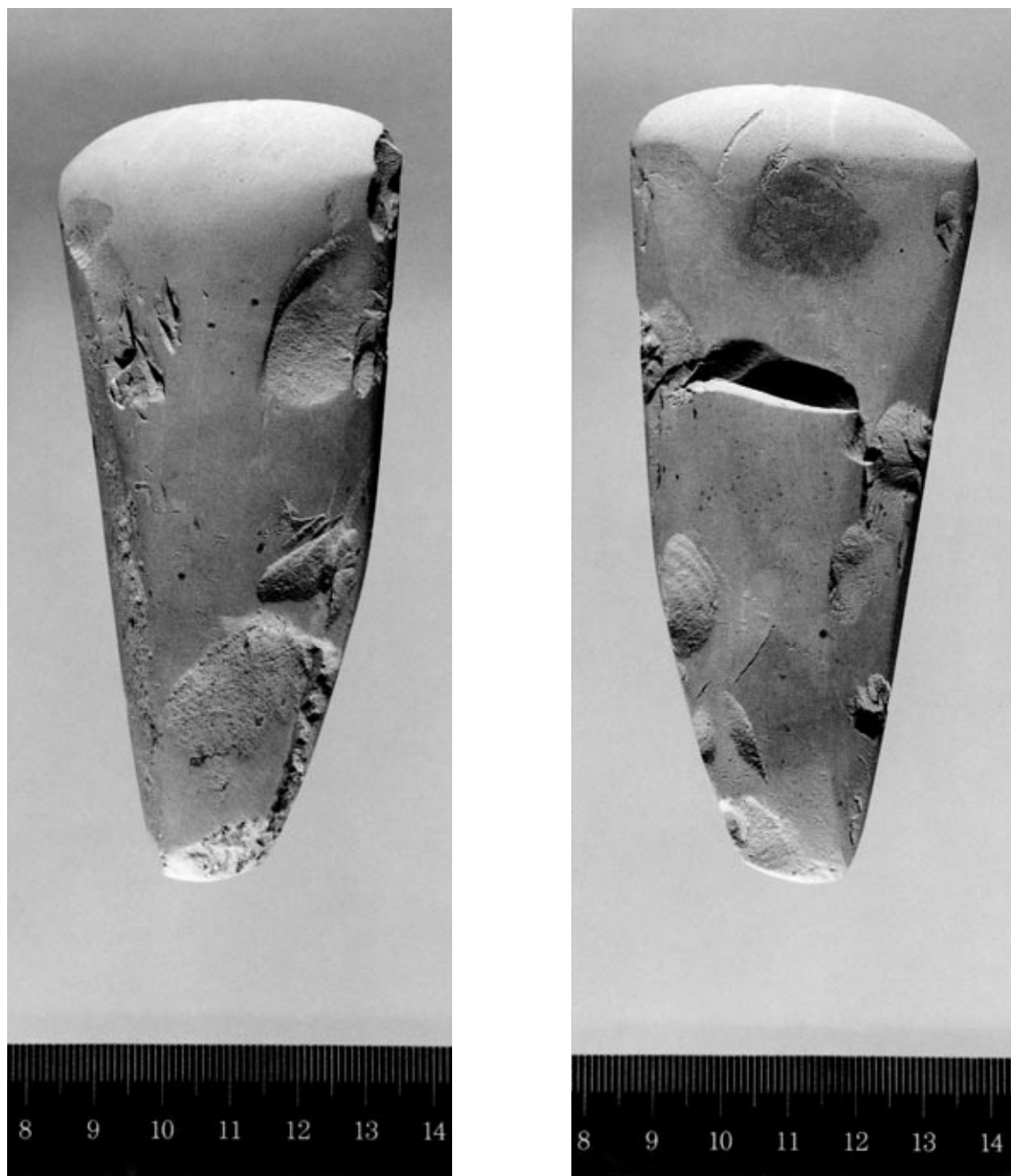


Fig. 50 Enxó K.11-21, proveniente do Corredor.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Director do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ).  
Centro de Arqueologia. Faculdade de Letras. P-1600-214 Lisboa. Portugal.  
E-mail: vsg.rm@mail.telepac.pt.
- <sup>2</sup> Centro de Investigação em Paleoeologia Humana e Arqueociências, Instituto Português de Arqueologia

Todas as fotografias, excepto quando assinalado, são do autor. Desenhos de campo de Susana Pombal (tintagens, José Peres).  
Desenho de artefactos de sílex, Fernanda Sousa. Desenhos de pedra polida, Ana Isabel Neves.

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, A. C.; LEJEUNE, M. (1995) - *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa: IPPAR (Trabalhos de Arqueologia; 8).
- CARDOSO, J. L. (1992) - A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica* 9-10. Setúbal, p. 89-225.
- FORMOSINHO, J., FERREIRA, O. V. e VIANA, A. (1953) - Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 14, p. 66-225.
- GONÇALVES, V. S. (1989) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: INIC.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- GONÇALVES, V. S. (1995a) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. In *O Megalitismo no Centro de Portugal: Mangualde, Nov. 1992*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira-Alta, p. 115-135. [Actas do colóquio, Nov. 1992].
- GONÇALVES, V. S. (1995b) - *Sítios, "Horizontes" e Artefactos*. Cascais. Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (1996) - Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz. *Ophiussa*. Lisboa. 1.
- GONÇALVES, V. S. (1997a) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 2. A propósito dos artefactos votivos de calcário das necrópoles de Alcalar e Monte Velho. Comunicação apresentada às I Jornadas de Arqueologia do Sudoeste Alentejano, Sagres. *Setúbal Arqueológica*. 11-12. Setúbal: Assembleia Distrital. p. 199-216.
- GONÇALVES, V. S. (1997b) - As necrópoles de Monchique e o megalitismo do Algarve: algumas notas para uma futura revisão. In *90 séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR, p. 163-190.
- GONÇALVES, V. S. (1999a) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (1999b) - Time, landscape and burials. 1. Megalithic rites of ancient peasant societies in central and southern Portugal: an initial overview. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1.
- GONÇALVES, V. S. e CALADO, M. (1990-91) - A necrópole da Idade do Bronze do Monte dos Cebolinhos (S. Pedro do Corval, Reguengos de Monsaraz). Notícia da sua identificação. *Portugalia*. Nova Série. Porto. 11-12. p. 143-147.
- GONÇALVES, V. S. e SOUSA, A. C. (1997) - A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente Peninsular. *Actas do Colóquio Internacional O Neolítico Atlântico e as orixes do megalitismo*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Gallega, Universidade de Santiago de Compostela, Unión Internacional de Ciencias préhistóricas y protohistóricas, p. 609-634.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2000) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz). In *Muitas antas, pouca gente?*. *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 11-104.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (no prelo) - Novos dados sobre as práticas funerárias das antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz: o subgrupo oriental. *Actas do 2º Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Reguengos de Monsaraz, 2000)*. Lisboa, 2002, no prelo.
- GONÇALVES, V. S.; CALADO, M.; ROCHA, L. (1992) - Reguengos de Monsaraz: o antigo povoamento da Herdade do Esporão. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: MAEDS. 9-10, p. 391-412.
- LE ROUX, C.-T. (2000) - Il faut qu'une tombe soit ouverte ou fermée. In *Muitas antas, pouca gente?*. *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 267-282
- LEISNER, G. (1949) - *Antas dos arredores de Évora*. Separata de *A Cidade de Évora*. Évora. 15/16, 17/18.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) - *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura (reeditado pelo INIC/UNIARQ, Lisboa, 1985).

- LEISNER, V.; PAÇO, A. do; RIBEIRO, L. (1964) - *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1961) - *Les grottes artificielles de Casal do Pardo et la Culture du Vase Campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- PINA, H. L. (1961) - A Anta da Herdade do Duque. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71, p. 13-26.
- PINA, H. L. (1963) - A Anta da Azinheira (Reguengos de Monsaraz). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 19:1, p. 25-46.
- QUEIROZ, P. F.; VAN DER BURGH, J. (1989) - Wood Anatomy of Iberian Ericales. *Revista de Biologia*. 14, p. 95-134.
- ROCHA, L. (1999) - *Povoamento megalítico de Pavia*. Mora: Câmara Municipal.
- SCHWEINGRUBER, F. H. (1990) - *Anatomy of European woods*. Haupt.
- SOARES, A. M.; ARNAUD, J. (1984) - Escavação do sepulcro megalítico MV2 (V. V. Ficalho, Serpa). *Arquivo de Beja*. 2ª série. 1. p. 67-82.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1894a) - Notícias várias. 1. Antas do termo de Monsaraz (Alentejo). *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 222-223.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1894b) - Antas de Monsaraz. *O Archeologo Português*. Lisboa, 1, p. 279.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J. (1942) - Arqueologia pré-histórica do concelho de Monchique. *Ethnos*. Lisboa. p. 369-389.
- VIANA, A., FERREIRA, O. V.; FORMOSINHO, J. (1949) - Necrópolis de las Caldas de Monchique. Investigaciones de 1948 y 1949. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 22, p. 291-312.
- VIANA, A., FERREIRA, O. V.; FORMOSINHO, J. (1950) - Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. Investigações de 1948 e 1949. *13º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Lisboa. 8, p. 75-89.
- VIANA, A., FERREIRA, O. V. e FORMOSINHO, J. (1954) - Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. Relance das explorações nas necrópoles da Idade do Bronze do ano de 1937 ao de 1944. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 15, p. 17-54.
- VIANA, A., FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. V. (1948) - Duas raridades arqueológicas. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares*. Lisboa. 24, p. 1-18.